BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

NOITES DE INSOMNIA

OFFERECIDAS

A QUEM NÃO PÓDE DORMIR

POR

Camillo Castello Branco

PUBLICAÇÃO MENSAL

N.º 1 — JANEIRO

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON
96, Largo dos Clerigos, 98
PORTO

EUGENIO CHARDRON
4, Largo de S. Francisco, 4
BRAGA

1874

PORTO

TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA

62 — Rua da Cancella Velha — 62

1874

PROEMIO

Esta serie de livrinhos ha de ser uma cadêa com elos de bronze rijos e toscos, e elos de pechisbeque flammantes e quebradiços. O bronze é a porção prestadía do opusculo; é a pagina que não seria descabida em livro de estudo; é a pretenção do author a que a sua obra perdure mais de vinte e quatro horas no espirito de quem a lêr.

O pechisbeque é a futilidade que, ao nascer, é acolhida por um sorriso do leitor; e, apenas o sorriso esmorece, a im-

pressão esvaíu-se; e a idéa fulge e apaga-se sem deixar mais signal que o relampago das noites de agosto, e o arrancar da aguia no seio das nuvens.

Ambas as especies pertencem ás minhas noites de insomnia. N'esta deploravel enfermidade, que ha seis annos me estila no cerebro gota a gota a peçonha da morte, achei traça de me vingar do acaso que embala o regalado dormir do meu cão, e me estrondeia nos ouvidos o marulhar das vagas entre penhascos. Vou ao jazigo das minhas illusões, exhumo os esqueletos, visto-os de truões, de principes, de desembargadores, de meninas poeticas á semelhança das que eu vi quando a poesia era o aroma dos seus altares. Visto-me tambem eu das côres prismaticas dos vinte annos, aperto a alma com as garras da saudade até que ella chore abraçada ao que foi. E, depois, n'este festim de mortos, conversamos todos; e eu, no alto silencio da noite, escrevo as nossas palestras. Ás vezes, entre muitos estridores que

me resoam nos ouvidos, o mais distincto é o dobre a finados. É quando a aurora reponta: a luz espanca as imagens cujo meio de vida é a treva e o silencio.

Venho então sentar-me a esta banca, dou fórmas dramaticas ao dialogo dos meus phantasmas, e convenço-me de que pertenço bem aos vivos, ao meu seculo, ao balcão social, á industria, mandando vender a Ernesto Chardron as minhas insomnias.

Eis a minha vingança, que abrangeria o leitor, se estes livros lhe não abonassem horas de somnolenta digestão de alguns artigos substanciosos. Estes artigos constarão da nobre sciencia da historia, nomeadamente de historia nacional, e muito das cousas pertencentes á fidalguia de raça que vai extinguir-se. É tempo de esgaravatar entre as ruinas do edificio derruido algumas reliquias aproveitaveis para a comedia humana. Mas nem tudo será escavar no lixo. Não vaguearemos sempre ao través dos pardieiros dos

antigos solares. Alguma vez nos sentaremos na testada da serenissima casa de Bragança conversando com os seus duques e monarchas n'aquella sem ceremonia permittida á arraia miuda de hoje em dia; mas escreveremos as nossas considerações, como lá dizem, de luva branca e penna de diamante. Desejamos que a posteridade se entretenha comnosco, e com o snr. conselheiro Viale. Elle e nós levaremos aos evos uma sincera historia de Portugal, e andaremos os dous, á compíta, a vêr quem maiores emborcações de morphina injecta nos nervos das gerações porvindouras.

CONSOLAÇÃO A SANTOS NAZARETH

Beati qui lugent, e não pagam.

A BIBLIA E EU.

Amigo!

Sensibilisou-me até ás lagrimas a noticia da sua prisão no theatro de S. Carlos, n'aquella funesta noite da sua citada prisão, como diria o nosso collega Jayme José Ribeiro de Carvalho.

Não foi a razão que motivou esta ternura: foi a amizade.

Vossê devia ser preso. Dizer que o espectador póde patear um espectaculo desagradavel e caro é duvidar que o espectaculo é que tem direito de patear o espectador.

Santos Nazareth ignora as leis do reino expungidas da jurisprudencia do Manique, e não tem

talvez opinião bem assente ácerca da transmigração das almas.

A metempsychose do famoso intendente geral da policia fez-se ha 60 annos, pouco mais ou menos, na pessoa d'esse alcaide do real alcaçar que enviou o meu amigo ao Limoeiro como enviaria Mattos Lobo e Diogo Alves, se os colhesse no theatro de S. Carlos em flagrante *banzé*. Admitta o plebeismo que tem o fartum fadista da cazerna e da guitarra, que ainda hoje chora saudades da Severa, e disputa ás trombetas bastardas de Pedro I as reaes delicias da sua progenie.

Quando a imprensa rugiu pelas suas guelas de zinco um rugido grande a favor de vossê, as minhas palpebras exsudaram perolas, na hypothese de que a intendencia da policia o obrigára a pagar aos quadrilheiros as despezas de o conduzirem aos ferros d'el-rei.

É que eu considerando-me em plena monarchia do Pina Manique, lembrou-me um caso acontecido ha 89 annos.

Raphael da Silva Braga, na noite de 2 de outubro de 1795, pateou uma cantora no theatro de S. Carlos.

O corregedor Pedro Duarte da Silva mandou dous quadrilheiros agarrar o espectador desgostoso, e mettel-o no Limoeiro.

No dia seguinte participou o successo ao Manique.

O intendente, informando-se das condições do preso, soube que era pobre e tinha familia; e, além d'isso, pateára com tal conhecimento da arte. Em consequencia do que, ordena que Raphael seja solto, *pagando 3$200 reis de diligencia para os officiaes.*

Se alguma vez é permittido a um homem da minha idade soluçar de commoção, é agora. Dar a liberdade a um homem pobre, mediante 3$200 reis, em attenção á sua pobre e consternada familia, é uma cousa bonita e lacrimavel!

Aqui lhe dou o traslado d'esta pagina de ouro do Manique, e lhe envio a original pela posta, a fim de vossê regalar os seus amigos vaidosos de serem de um paiz onde ha isto:

«Snr. Pedro Duarte da Silva. Louvo o proce-
«dimento que v. m.ce teve contra Raphael da Sil-
«va Braga, por ser um dos que hontem á noite
«deram a pateada no theatro de S. Carlos: atten-
«dendo porém á sua pobre familia, que está em
«consternação, e a outros motivos justos, que
«concorrem, v. m.ce o haverá por corrigido, e o
«mandará soltar, pagando tres mil, e duzentos
«de diligencia para os officiaes. Deus guarde a

«v. m.ce Lisboa, 3 de outubro de 1795.—*Diogo*
«*Ignacio de Pina Manique.*»

No rodar de 90 annos, desde 1795 até 1874, a poesia do direito, graças ás insomnias do doutor Theophilo, defecou os Maniques da prosa dos 3$200 reis, de modo que vossê não pagou nada, segundo me consta. Isto me faz cogitar que o progredir é fatal, e que o snr. barão de Zezere, o longobardo,—chrysalida de outra transmigração,—ha de passar a fuzil mais polido na cadêa dos intendentes geraes da policia; por maneira que, na sua futura metempsychose, já se não distingam vestigios do corregedor Marques Bacalhau, façanhoso magistrado de D. João v.

Entretanto, meu amigo, pois que a raça dos Maniques ainda referve nas retortas depurantes, aceite o meu conselho:

Antes de entrar na platéa, vá ao camarote das authoridades, e pergunte-lhes:

—Com quaes dos quatros pés manifestam v. exc.as, esta noite, a sua opinião lyrica?

E governe-se, consoante a resposta.

AS OSTRAS

No Porto, as commoções que sacodem os nervos da grande cidade, são raras; mas, se rebentam, são a valer!

No principio d'este anno, estavamos todos quietos, com estas nossas caras cheias de ideal, gravidos de philosophias, hypocondriacos, ares inglezes, indigestos; mas, sobre tudo, bons visinhos e inimigos de novidades.

A quarta pagina das gazetas andava, ha muito, alugada aos varios *barateiros*, que se denominam numericamente como as dynastias, traspassando a sua qualidade de barateiros n.º 1, n.º 2, etc., á proporção que quebram, e vão transmittindo a genealogia dos epithetos, maneira discreta de esconder os nomes.

Eis que, inesperadamente, se annunciam em letras colossaes AS OSTRAS.

E os litteratos, encarregados de guiarem a corrente da opinião publica, escolhendo no seu guarda-joias a mais nitida pedraria de estylo, apregoaram as ostras como ha dezenove seculos o fazia

Horacio quando as afogava no falerno de Mecenas.

O localista do *Primeiro de Janeiro*, com pulso febril, e ternura pelo marisco, exclamou: « Abençoado o nome de quem quer que em tempos tão doentios nos trouxe medicina tão efficaz e preconisada!... Não são de Ostende as ostras que se nos offerecem, frescas, saborosas e provocadoras, pela manhã como leite de cabra, ao meio dia como o *lunch* á ingleza, á noite como um restaurador das forças perdidas no labutar diurno. São de Montijo, igualmente boas, e igualmente irritantes. Vamos a ellas! »

Vamos lá! conclamou toda a gente doentia, toda a gente em uso de leite de cabra, toda a gente que *lunchava* á ingleza, e, em summa, toda a gente que á noite costumava restaurar as forças, deitando-se a dormir, ou extrahindo do goraz cozido o phosporo necessario á sua vida intellectual e physica.

Desde o alvorejar das gazetas, confluiram á praça de D. Pedro todos os servos que superintendem na culinaria das familias. As massas que desembocavam das ruas circumjacentes davam a lembrar os comicios d'aquelles dias de vertigem civica, lá quando os irmãos Passos abriam na viella da Neta os relampagos do Sinay, e a turbu-

lencia da liberdade alli vinha soltar um rugido e ameaçar os tyrannos.

Não assim agora n'estes dias em que o paiz, podre de feliz e anemico da sua indigestão de prosperidade, procura restaurar-se pelo marisco.

De mais a mais, os diarios tinham annunciado que as ostras eram GORDAS; e, sobre gordas, dizia o *Primeiro de Janeiro*, IRRITANTES. Pela qualidade de gordas, o sorriso que brincava nos meus labios, quando mandei o meu gallego comprar doze vintens d'aquelle remedio, era um sorriso de tão legitima candura como o leitor os tem visto nas bentas bochechas dos seraphins que sobem de gatinhas pelas columnas dos altares. Quanto a irritantes, como essa virtude me não parecesse a mais sadía, mandei ao mesmo tempo comprar a linhaça correspondente.

E, em quanto o criado ia e vinha, consultei, para illudir a impaciencia, os meus livros no que havia, através dos seculos, mais averiguado ácerca das ostras. Li em Chernoviz que póde uma pessoa comer oito duzias sem experimentar o minimo incommodo. Oito duzias — noventa e seis ostras, de manhã, como leite de cabra; noventa e seis, como *lunch* á ingleza; noventa e seis á noite para restaurar as forças: ao todo, duzentas

e oitenta e oito ostras quotidianas que custam no deposito da praça de D. Pedro 3$840 reis.

É uma alimentação economica e boa para fortalecer o estomago de um paiz pobre. Qualquer sujeito anemico, pallido, que não possa com um gato por qualquer parte do mesmo, deve nutrir esperanças de que, no fim de um anno, tendo comido cento e cinco mil cento e vinte ostras gordas da praça de D. Pedro, que lhe custam um conto quatrocentos e um mil e seiscentos reis, póde gozar uma saude mais ou menos gallega.

Assim que o meu criado chegou com dezoito ostras por 240 reis, atadas na ponta de um lenço, á guisa de biscoutos de revalenta, duvidei da gordura do testaceo, mas afaguei a charneira da concha bivalve, porque só de per si a concha tem virtudes medicinaes cuja noticia eu envio aos risos jubilosos dos meus amigos. Tenho aqui a *Anchora medicinal* do grande medico Francisco da Fonseca Henriques, e n'ella a pag. 247, *mihi*, artigo *Ostras*, leio com estremeções de gaudio: *As conchas das ostras queimadas são boas para as queixas das almorreimas.*

Isto é o que o *Primeiro de Janeiro* sabia de fundamento quando abençoou o inventor de remedio tão conveniente ás doenças do tempo. Fazse mister grande intuição medica de entranhas a

dentro para diagnosticar hemorrhoidas universaes na nação.

Das alegrias externas, passei a averiguar a gordura annunciada do testaceo hermaphrodita.

Não me pareceu tão gorda a ostra espalmada na concha que podesse disputar vantagens a um jantar do Ugolino de Dante na Torre de Piza.

Authorisado pelas idéas que fórmo de gordura, suspeito que o empresario d'estas ostras descobriu o segredo de repartir dez por cada casca; ou, negociando as cascas em Montijo, as encheu com ameijoas do Cabedêlo. É uma falsificação engenhosa que merece desculpa em quanto se conservar na familia dos testaceos; mas desde que o unico depositario das ostras portuenses começar a introduzir nas conchas das ostras pedacinhos de bucho de safio, carochas e grillos de salmoura, quer-nos parecer que uma duzia d'estes covilhetes por oito vintens não é barato, nem me garante a renovação do meu sangue depauperado.

Não obstante, o consummo de ostras no corrente mez, no Porto e arrabaldes, tocou uma cifra que seria fabulosa, se as consequencias da irritação, previstas pelo *Primeiro de Janeiro*, se não manifestassem formidaveis, nos geitos, nos ademanes, nos esgares, nas crispações electricas que faiscam dos olhos de toda a gente saturada das

ostras do unico deposito. Conhece-se que os insultos inferiores, que o pó da concha combate, se deslocaram, e evadiram a cupula do edificio humano. Os systemas nervosos, levados pela irritação a electróphoros, tornaram-se engenhos luminosos que transcendem as mais phantasticas idealisações da pyrotechnica. Esta galvanisação de organismos extenuados é realmente um espectaculo que honra muito a ostra; mas que tambem póde vir a ser nocivo á saude das almas.

Sei que temos recursos antiphlogisticos para combater as irritações, desde as cataplasmas de fecula até ás ventosas sarjadas; mas o emprego d'estes meios therapeuticos obriga as pessoas timidas a andarem na rua com um alforge de drogas, como os antigos physicos, ministrando capilés e orchatas a todos os sujeitos que denunciem instinctos inflammados no ultimo grau de irritação.

Em nome da moral publica, pedimos ás pessoas irritaveis que se abeberem em agua de cevada, quando sentirem que a ostra se lhes insinua perfidamente nos seios do coração.

REHABILITAÇÃO DO SNR. VISCONDE DE MARGARIDE

S. exc.ª festejou o seu natalicio com um baile, em um dia de jejum, por uma noite de janeiro, breve e esplendorosa. O dia era de abstinencia carnal, note-se. Creio que o preceito começava á meia noite, pontualmente á hora em que a restauração das forças, esvaídas na vertigem dos bailados, reclamava varios phenomenos reparadores desde a trituração até ao filtramento do chylo no systema sanguineo. Se eu não odiasse o palavriado vulgar, diria que os hospedes do snr. visconde precisavam de comer.

Á magnitude do appetite correspondeu a magnificencia dos acipipes. Era já soada a hora da abstinencia do boi, do perú, da gallinhola, do *salmagundy*. E, não obstante, as iguarias condimentosas, a febra, a alimentação rija lourejava nos pratos e nas terrinas entre ondulações de perfumes. Alguns dos convivas sabiam que o dia ou a noite era de peixe. Senhoras de idade canonica, respeitaveis por seus principios e observantes das disciplinas da igreja, não vendo alvejar a pesca-

da ou o rodovalho entre coxins de batata e cebola, tantalisavam a perdiz em molho de villão; mas, cerrando os dentes á invasão do peccado, esquivavam-se a sahir do baile com o bolo alimenticio azedado por escrupulos. N'este comenos, alguem disse o que quer que fosse a meia voz ás pessoas perplexas entre a gallinhola *truffée* e a religião dos Affonsos.

Umas pessoas, depois que ouviram a nova, sorriram, como vencidas de tentação deliciosa, e comeram carnes. Outras, invulneraveis e inflexas na sua abstinencia, martyrisaram-se com trutas e salmões. Como quer que fosse, houve escandalo. Comeu-se volateria e ruminantes em sexta feira. Algumas consciencias sahiram do baile do snr. visconde, ás 8 horas e meia da manhã, com o peso do estomago sobre si.

A opinião publica, já em Guimarães, já em Braga, ergueu-se á altura dos principios, e murmurou. Eu fiz parte d'esta opinião adversa ao magistrado superior do districto a quem corre o dever de penitenciar os seus hospedes com trutas e salmão em dias de peixe, em memoria dos augustos mysterios do christianismo.

Quanto a mim, o snr. visconde era um atheu e os seus hospedes uma cafila de heresiarcas. Eis senão quando a imprensa do Porto divulga uma

noticia que bafejou um halito de jubilo na face de Braga, no perfil de Guimarães, e nos tres quartos do paiz. Apresso-me a repetil-a em grifo com uma consolação catholica, e tanto ou quê apostolica: *O snr. visconde de Margaride tinha obtido dispensa do prelado bracharense para que os seus hospedes podessem comer carne.*

Orvalhe-se de lagrimas de alegria o rosto da christandade portugueza; que eu por mim, quanto um abraço cabe nas potencias da phantasia, aqui aperto contra o coração o snr. visconde de Margaride, e felicito os catholicos que digeriram innocentemente as suas vitualhas.

A RIVAL DE BRITES DE ALMEIDA

A façanhosa forneira de Aljubarrota resiste á incredulidade da critica, abordoando-se ás muletas do patriotismo e á pá. Sabe-se pouco das proezas de Nuno Alvares e Mem Rodrigues. Nada referem os historiadores das apostas e porfias dos

cavalleiros do Mestre de Aviz. Porém, que a forneira matou sete hespanhoes ebrios, feridos ou prostrados de fadiga, isso, que não póde ser honroso porque é vil, aprendem-o as crianças, e repetem-o adultos com desvanecimento e orgulho. Por honra da minha patria, quero crêr que a lenda da padeira de Aljubarrota é tão authentica e verdadeira como a do caldeirão de Alcobaça, apresado no arraial de D. João I de Castella. Dêem-se-me honras de Niebuhr n'esta cousa do caldeirão de Alcobaça.

Houve outra heroina, mais digna de lembrança, e, todavia, ignorada. Essa praticou um feito de nobre coragem, defrontando-se a rosto com o inimigo, e derrubando-o.

Foi o caso que em 1762 os hespanhoes, commandados pelo marquez de Sarria, invadiram Portugal pela provincia de Traz-os-Montes. A cidade de Miranda foi das terras d'aquella provincia a que mais soffreu as arremettidas do exercito invasor. Alli perto, passa o rio Fresno, cujas margens se communicam por uma ponte. Na extrema esquerda d'esta ponte vivia uma mulher casada, cujo marido se alistára nas guerrilhas dispersas pelas empinadas penedias do Douro. Um piquete de hespanhoes, com seu sargento, passou a ponte do Fresno. O sargento viu a mulher do guerrilhei-

ro, que era a mais esbelta e donosa moça da comarca. Postou os soldados de atalaia a pequena distancia da ponte, e voltou de noite, acompanhado de dous, com o proposito de se fazer amar da aldeã por meio do assalto.

Este sargento, em tempo de guerra, não usava das artes maviosas do seu patricio Tenorio. Em vez da guitarra e da escada de corda, fiava na suspensão das garantias, na quebra do direito internacional, na cronha da escopeta, e na pujança de seis rijas espadoas atiradas á porta d'aquella Elvira montezinha.

A rapariga, votada ao saque, se não tinha commendador em casa, tinha cousa mais infesta ao sargento: era o marido que, por saudade ou receio, debandára da horda guerrilheira e fôra, encoberto por entre penhascos, pernoitar a casa.

Alta noite, os tres castelhanos bateram á porta.

O portuguez não respondeu; foi ella que assomou na adufa do sobrado, perguntando o que pretendiam áquella hora.

O sargento, depois de inutilisar algumas phrases lyricas, tomou o pulso á timidez da moça, intimando-a a entregar a praça.

O marido estava ouvindo, e perguntou muito de manso á mulher:

— Quantos são?

*

— Tres — respondeu ella.

— Deixa-me lá ir, antes que venham mais.

E ella, sahindo da janella, disse:

— Então vamos lá.

— Tu não venhas.

— Não? isso lá, hei de ir, quer queiras, quer não.

O sargento no entanto voltou-se aos dous soldados e disse:

— A praça rende-se.

D'ahi a minutos, abriu-se a porta da rua.

O guerrilheiro deu uma guinada de tigre para a testada da porta, e desfechou um arcabuz em um dos tres, que foi a terra. Dous pelouros ao mesmo tempo lhe bateram no peito; mas o portuguez, ao cahir morto, levava debaixo de si um dos dous com uma navalha hespanhola embebida nas entranhas. Sobrevivêra o sargento aos companheiros, mas sómente o tempo indispensavel para que ella o varasse do peito ás costas com o espeto da cozinha.

Depois, como sentisse o tropel da soldadesca, travou do marido, desceu por um algar escuro e pedregoso á ourela do rio, e cahiu prostrada de afflicção, quando conheceu que levava um cadaver. Ao romper da manhã, galgou á cumiada da serra, onde estanciavam os camaradas de seu ma-

rido, e viu de lá as ultimas fumaças da sua casinha, que os soldados castelhanos haviam queimado.

Nada mais se sabe d'esta mulher. Não consta, sequer, que o governo de D. José I lhe mandasse reconstruir o casebre, acabada a guerra.

Houve um poeta contemporaneo, que a descantou em um soneto jocoso, avantajando-a á Brites de Aljubarrota. As musas sérias não acharam a heroina digna de poesia grave.

E esse mesmo soneto chocarreiro ninguem o conheceria, se lh'o não publicassemos aqui, precedido de um interrogatorio academico:

Qual acção é mais memoravel: a da forneira de Aljubarrota, matando os castelhanos com a sua pá; ou a da mulher de Traz-os-Montes, matando o sargento castelhano com o espeto?

SONETO

É problema que deve disputar-se,
entre os authores de mais nome e nota,
se póde essa mulher de Aljubarrota
com a de Traz-os-Montes comparar-se.

Aquella tem razão para gabar-se
de fazer com sua pá tanta derrota;
esta, que deixa co'a barriga rota
ao sargento, tambem deve estimar-se.

E esta, a meu vêr, melhor juizo tinha,
pois, vingando o marido seu dilecto,
fez o que ao seu genio lhe convinha.

Metteu-se-lhe nos cascos o projecto
de tratar o hespanhol como gallinha,
e, assim que topou um, pôl-o no espeto.

No principio d'este artigo, fallamos de apostas, porfias e promessas de cavalleiros, antes de se desfraldarem os guiões e bandeiras na batalha de Aljubarrota. Vasco Martim de Mello prometteu pôr as mãos no rei D. João I de Castella; Gonçalo Annes de Castello de Vide prometteu ser o primeiro que lhe enristasse a lança ao rosto. Estas promessas são heroicas; mas houve uma de Martim Affonso de Sousa Chichorro extremamente original pela deshonestidade. Vejam com que limpeza de alma este fidalgo se preparava para um conflicto de morte, e deprehendam d'ahi o que eram as crenças da immortalidade no seculo do cavalleiroso Mestre de Aviz.

Na hoste de D. João assignalava-se João Rodrigues de Sá, o das Galés, aquelle heroico perfil

tão portuguezmente desenhado pelo snr. A. Herculano no *Monge de Cistér*.

João Rodrigues de Sá, ainda moço n'aquelle tempo, tinha uma bella irmã, abbadessa do mosteiro benedictino de Rio Tinto chamada Aldonsa Rodrigues. Martim Chichorro queria muito á gentil prelada, e não resguardava da censura os seus amores adulterinos com a esposa do Senhor. Na vespera da batalha perguntaram-lhe os fidalgos namorados da ala de Mem Rodrigues que promessa era a d'elle.

— Prometto, se escapar da batalha — respondeu o amoroso selvagem — ir ter uma novena com a abbadessa de Rio Tinto.

Grande cascalhada de riso, naturalmente. Houve logo um bisbilhoteiro que denunciou ao das Galés a fatuidade de Martim, quinto neto por bastardia d'el-rei D. Affonso III.

— Pois eu — disse João Rodrigues serenamente — prometto ir atraz d'elle, e bater-lhe.

Deu-se a batalha. Vasco Martim de Mello morreu no empenho de pôr a lança no rei. Gonçalo Annes sahiu illeso do voto cumprido. E Martim de Sousa, tão extensamente cumpriu a sua — as novenas succederam-se em tanta copia — que a peregrina Aldonsa houve do seu pontual servidor dous filhos que se chamaram Martim e Pedro. O

que os genealogicos esconderam á posteridade, edificada com as virtudes das abbadessas e dos Chichorros, foi o genero de sova que o das Galés deu no pai dos seus sobrinhos.

Talvez se desforrasse, consoante o gosto do tempo, em o fazer tio dos seus numerosos bastardos. As preladas formosas eram as conciliadoras em contendas d'esta natureza. D. João I morigerava os mosteiros, mandando vestir o habito de commendadeira de Santos a Ignez Pires, depois de a condecorar com a dupla virtude da maternidade. Os nossos reis, quando se enfastiavam das mulheres, davam-as de presente a Deus.

EGAS MONIZ

Representa-se no Porto um drama chamado *Egas Moniz*. Não louvo nem censuro a composição, nem discuto se melhores interpretes a realçariam no palco. Tambem não levanto a já debatida questão da veracidade do facto. O snr. Ale-

xandre Herculano crê que o aio de Affonso Henriques praticou o feito heroico. É o bastante.

Quando o drama se annunciou, a primeira vez, nos cartazes, um homem de sessenta annos, vestido de preto, sobrecasaca no fio, o velludo da gola rapado, as calças recortadas e lamacentas á volta das botas azuladas de velhice, parou á esquina da rua Formosa, a lêr o cartaz grudado no cunhal da igreja das Almas.

Eu reconheci-o a distancia, avisinhei-me, e parei, por detraz d'elle, em frente do cartaz, meditando.

E meditava isto:

Egas Moniz gerou Lourenço Viegas, o espadeiro;

Lourenço Viegas gerou Egas Lourenço;

Egas Lourenço gerou Sueiro Viegas Coelho;

Sueiro gerou João Soares Coelho, valido de D. Affonso III;

João Soares Coelho gerou Pedro Annes Coelho;

Que gerou Estevão Coelho;

Que gerou Pedro Coelho, o matador de D. Ignez de Castro;

Pedro Coelho gerou Gonçalo Pires Coelho;

E assim se foram gerando uns dos outros com uma constancia digna da nossa admiração, até que uma senhora da casa dos Coelhos, senhores de

Vieira e Felgueiras, casou na casa dos senhores da Teixeira e Sergude, e d'este consorcio gerou-se:

Gonçalo Pinto Coelho, que gerou:

Martim Teixeira Coelho, que gerou:

Bernardo José Teixeira Coelho, que gerou:

Gonçalo Christovão Teixeira Coelho de Mello Pinto de Mesquita, senhor da Teixeira, de Sergude e do Bom Jardim, pai d'aquelle homem pobremente vestido que lia o cartaz do drama *Egas Moniz*, na esquina da rua Formosa.

Aproximei-me d'elle, puz-lhe a mão no hombro, e disse-lhe:

— Está o meu amigo regosijando-se de lêr em letras enormes o tio de seu decimo oitavo avô Egas Moniz...

— Não, senhor — respondeu elle sorrindo — estava a scismar n'uma cousa que me não regosija absolutamente nada...

— Bem sei — acudi eu com a minha notoria esperteza — estava v. exc.ª meditando que já não ha portuguezes que, á semelhança do seu avô, fossem de corda ao pescoço dar satisfação da palavra mal cumprida.

— Não, senhor; pensava em outra cousa...

— Bem sei... pensava no apagado luzimento d'esta heroica estirpe dos Viegas, dos Coelhos, dos...

— Não, senhor; pensava em ir vêr ao theatro Baquet representar a façanha d'este meu illustre avô; mas vejo aqui escripto que um lugar da galeria custa duzentos reis; e eu, decimo oitavo neto de Egas Moniz, se tivesse dous tostões, iria empregal-os no jantar de meus filhos, que estão em jejum.

. . . .

Snr. Antonio Moutinho de Sousa, dê no seu theatro um beneficio a favor de alguns netos do aio de D. Affonso I, e convide-os a levantar o obolo que os admiradores de seu avô d'elles depositarem na bandeja dos pobres.

Os descendentes do fidalgo, que ensinou o primeiro rei portuguez a ser honrado, não deviam ter fome e frio, quando as plateias desbordam de gente jubilosa de bom patriotismo e de melhor jantar.

DOUS POETAS INEDITOS DO PORTO

Na segunda metade do seculo XVII floreceram no Porto dous doutores, acariciados das musas, e por isso mesmo rivaes e inimigos: eram João de Assucarello (ou Sucarello) Claramonte, e Christovão Alão de Moraes, desembargador da Relação e mais tarde corregedor do civel do Porto. Do primeiro temos algumas poesias deshonestas, e diminutas noticias, e essas em referencias dos poetas seus contemporaneos, nomeadamente o padre Jeronymo Bahia. Do segundo encontra o leitor ampla noticia no *Panorama* de 1854, n.os 123 e 127. Distinguiu-se como poeta e genealogico. Não sei onde param oito volumes em folha escriptos de sua mão, intitulados *Genealogia das familias de Portugal.* Sei que o duque de Lafões, no seculo passado, os não quiz comprar porque lhe não respeitavam a pureza do sangue dos avós; e a bibliotheca publica de Lisboa tambem os não adquiriu, ha poucos annos, « por incuria ou capricho do ex-bibliotecario Canaes », diz o snr. Innocencio Francisco da Silva.

O doutor João de Assucarello satyrisava o Porto, representado nas pessoas de mais importancia, algumas das quaes nos são hoje desconhecidas, e difficilmente lhes rastrearemos as familias que as representam.

Eis-aqui o maledicente soneto do medico, émulo de Christovão Alão:

As valentias de Gaspar de Anhaya, [1]
O mero e mixto imperio do Sarinho,
A calva de João Nunes frita em vinho,
As filhas do Picão de Miragaya;

Mercancia de esterco, ambar da Maya,
Comprado ou já por lenha ou por toucinho,
Geral remedio de Entre-Douro e Minho,
Achado antes nas casas que na praia;

Beata calva, immensa gravidade
Dos infanções mantidos com farelo,
Da manta rota a celebre Irmandade:

Este é o Porto — acabo de dizel-o.
O' muito nobre e sempre leal cidade,
Quem te pozera a couves e bacello!

[1] Não ha no Porto alguem que use este appellido; mas a familia que o teve ainda aqui vivia honradamente no meiado do seculo passado, e se obscureceu no Alemtejo e Minho por onde se ramificára. Prende com esta familia do Porto Antonio

Não se percebem alguns epigrammas do soneto; mas aquelle verso que rescende ao *ambar da Maya* não seria ainda hoje um anachronismo.

Respondeu Christovão Alão, pelas mesmas rimas, do seguinte feitio:

Bem caro te custou Gaspar de Anhaya,
E te póde custar inda o Sarinho;
Poeta bacchanal, farto de vinho,
Que ès deshonra do Porto e Miragaya.

Fogaça, aqui nascido. D. Sebastião o mandou como seu residente para Inglaterra, onde permaneceu largos annos, em serviço dos Philippes, enviando de lá importantes noticias em tempo de Henrique VIII. Seguiu a facção da rainha Catharina, e gastou o mais grosso dos seus grandes cabedaes n'esse brioso empenho. Succedendo no throno a rainha Isabel, foi Antonio Fogaça preso e duas vezes trateado na Torre de Londres, vindo a morrer das torturas, quando recobrou a liberdade. Por sua morte, foi-lhe confiscado o restante dos bens. Antonio Fogaça teve de sua mulher Isabel Ribeira de Vabo uma filha que se chamou D. Maria, e casou com Braz Rodrigues Anhaya. D'estes nasceu outra D. Maria do Vabo Pimentel, que casou com o capitão Manoel Soromenho Dias, de quem foi filho Luiz do Vabo Pimentel, governador da praça de Albufeira. Em 1730 ainda existia em elevada categoria um filho d'aquelle ultimo. Era capitão-mór de Alvor, e chamava-se Antonio Pimentel do Vabo. Nas provincias de Traz-os-Montes e Minho, nomeadamente no Paço de Carude e Torre de D. Chama, existiram Vabos e Soromenhos. De todas estas familias descende o snr. Augusto Soromenho, erudito professor do curso superior de letras, e que, ha quinze annos, com legitimo fundamento, usou em documentos publicos dos seus appellidos *Vabo e Anhaya.*

Villão inda mais sujo que da Maya,
Creado só com broa e com toucinho,
Quem te mette a fallar em Douro e Minho,
Sendo filho das ervas e da praia?

Como has tu de entender da gravidade
Dos infanções, brichote de farelo,
Se não logras dos nobres a Irmandade?

Este és, ó bebado! — acabo de dizel-o:
Que só para beber toda a cidade,
A desejaste posta de bacello!

Este soneto é bom.

Desculpa-se ao poeta fidalgo a arrogancia com que desdenha o plebeismo do Assucarello, appellido que nenhum linhagista condecora; dado que este medico já então tivesse o habito de cavalleiro da ordem de Christo. Ora os Alões são mais antigos em Portugal que os seus monarchas. D. Mendo Alão era senhor de Bragança, antes da vinda do conde D. Henrique a Hespanha. Alguns genealogicos lhes dão como antepassados os reis *álanos*. Na igreja de S. Bartholomeu de Lisboa existiu o morgado de Santo Eutropio instituido por D. João Alão, bispo do Algarve. Esta familia está representada no Porto por descendentes que não desdouram tão nobre appellido.

D. JOÃO III, O PRINCIPE PERFEITO

Não me recordo se os chronistas d'este rei nos contam que os resplendores da graça divina lhe aureolaram o rosto, quando a alma se desatou d'aquella infame caverna, e foi receber o galardão dos milhares de hebreus queimados em obsequio á religião da fé, esperança e caridade. O snr. A. Herculano capitula este rei de *fanatico, ruim de condição e inepto;* mas isto não faz implicancia á salvação do monarcha, antes a confirma; porque o grande historiador, sabendo como se fazem optimos livros, de certo ignora os processos da formação da glottica e dos santos. Afóra isto, sabe tudo, excepto que D. João III, quando expirou, causava medo aos que lhe viram a horrendissima cara.

As pessoas medianamente cultas não ignoram que houve um frade de grandes virtudes e letras chamado frei Thomé de Jesus, da ordem de Santo Agostinho. D. Sebastião o levou comsigo á batalha de Alcacerquibir. Não sabemos se o frade pelejou; mas temos de certeza que ficou ferido,

captivo, e encarcerado nas masmorras de Maquinez. Transferido para Marrocos, por diligencia do embaixador de Portugal, rejeitou o resgate, que seus irmãos, fidalgos de primeira plana, lhe offereceram, preferindo a escravidão alli onde eram muitissimos os captivos carecidos de confortações e exemplos de paciencia. E, ao cabo de quatro annos de servidão, morreu em Marrocos, aos 17 d'abril de 1582, na idade de cincoenta e tres annos, legando-nos um livro lá escripto e muito apreciado com o titulo *Trabalhos de Jesus.*

D'este escriptor mystico possuimos uma carta inedita, motivada pelo trespasse de D. João III, e escripta desde Lisboa a certa communidade religiosa. O esclarecido bibliographo F. Innocencio da Silva sente que esta carta, principiada a imprimir no *Murmurio*, periodico bracharense, ficasse incompleta. Nós, que tambem possuimos d'ella um traslado da mão de D. fr. Manoel do Cenaculo, arcebispo de Evora, vamos dal-a integral e textualmente, na certeza que revivemos um documento historico, lavrado por testemunha presencial, e, além d'isso, por um dos mais abalizados escriptores do seculo aureo da lingua portugueza.

Reza assim:

«Amantissimos Padres. O Spirito Sancto consolador, e emparo dos atribulados console suas almas, que creio estaraõ já com a dor, que nós temos da morte de nosso Pai, Rei, e Senhor, taõ supita, e taõ inopinata, como foi, e lhes dê o emparo espiritual de sua graça, e temporal de cabeça tal, qual foi a que perdemos. Amen.

«Ainda que creio, que já teraõ a certeza da morte del Rei Nosso Senhor, porem por mo mandar nosso Padre, e eu o ter já assim determinado de fazer, e porque muitas cousas se dizem lá, e cá, que naõ foraõ assim, pera saberem a certeza do que passa lhes quero contar por ordem tudo: ainda que folgára eu muito de ter antes perdidas as virtudes, e forças naturaes do corpo, que te-las pera aver de escrever o que agora ouviraõ.

«Quarta feira *infra octavas Penthecostes*, sahio El Rei Nosso Senhor, que santa gloria aja, a ouvir missa á Misericordia, quasi indo em pessoa a chamar a Misericordia, que d'ahi a pouco tempo o avia de levar á sepultura, e assim foi esta derradeira sahida só, pera seu costume, e hia ainda muito bem disposto. Ouvida a missa se tornou muito de pressa ao Paço com muita, infinda gente, mal disposto de huma perna, mas pouca cousa, e tudo isto vio hum Padre desta casa. Che-

gando ao Paço se encerrou em huma camara só sem ninguem, onde esteve muito grande espaço, depois do qual chamou, e pedio agoa rosada, com a qual lavou o rosto, e mãos, e tornou a estar só outro pedaço, donde sahio a jantar muito melenconisado, e jantou mal, e á tarde teve huma febrezinha muito pequena.

«Quinta feira se alevantou, e andou hum pouco achacoso, diziaõ que era de naõ dormir com cuidado do Principe [1] que tivera huma febre, e arrevesava, e naõ dormia. Mas Deos sabe o que era. Com tudo não tinha doença que o fizesse estar em cama.

«A' sexta feira se alevantou tarde, e ouvio missa em casa, e jantou muito bem assombrado, e assim esteve toda a sésta, que ao parecer estava bem, até as quatro horas, as quaes dadas nos chamáraõ á procissaõ *præcipue* pelo Principe, que Deos guarde, a qual sahia da Sé á Misericordia. Sahindo nós da Sé chegou hum recado que fossemos a Jesu de Saõ Domingos com a procissaõ por el Rei, que estava muito mal, e assim se fez, e ouve pregaçaõ. De maneira que perto das cinco horas se começou el Rei de agastar, e chamou Confessor, que estava na Mesa da Consciencia, e

[1] Este principe era seu neto D. Sebastião.

*

confessou-se das cinco até as oito. E logo de Saõ Giaõ lhe leváraõ o Senhor, e chegando nós ao Ressio, nos deraõ novas, que lhe naõ achavaõ pulso. Acabando de comungar começou a concertar seu testamento, o qual naõ acabou de fazer com as mezinhas, e com os agastamentos; mas segundo me dixe o Confessor da Rainha o substancial delle fez, e assinou. A's dez horas se achou mais leve, e despejou [1] para repousar, e ás onze chamou, e vendo que carregava o accidente pedio a Unçaõ, a qual lhe trouxeraõ logo, e quando já chegou naõ fallava, mas recebeo-a vivo, a qual recebida, sendo já meia noite, em quanto podiaõ dizer huma terça rezada, *expiravit* levemente, e sem movimentos, nem trabalho mais, que o mortal, que he o mór de todos. De maneira que em sete horas, a saber des das cinco ás doze acabou. A isto naõ estive eu presente, mas soube-o do Confessor da Rainha, e de Luiz Gonçalves, que ahi se achavão presentes, e delles soube que quando el Rei pedio a Unçaõ, que se recolheo o Cardeal, e os outros Senhores, e só a Rainha se foi pera el Rei, e com elle esteve até espirar sem botar lagrima, e acenando a

[1] *Despejar*, quer dizer que mandou sahir da camara os que lhe assistiam.

todos que ninguem chorasse alto por não inquietar a el Rei, ella o consolava, e animava a passar alegremente aquelle passo com muitas palavras christãs e devotas: ella lhe teve com grande coraçaõ a candeia em a maõ, e lhe fechou os olhos, e acabando elle de espirar se foi cobrir de dó, e se poz em hum oratorio com quatro vellas no altar, e frontal, e dorsel de veludo carmesi, com o braço de Saõ Sebastiaõ, onde o Padre Montoya a visitou, e consolou, ou para melhor dizer ella consolou ao Padre, que ainda que com muitas lagrimas, com tudo mui inteira na rasaõ, e na modestia exterior, sem nenhum estremo, mostrou estar muito conforme com a vontade do Senhor Deos, e receber tudo de sua maõ, e que rogava muito aos Padres, que a encomendassem a Nosso Senhor.

« Agora o que vi com meus olhos lhes contarei, e o que tratei com minhas mãos: querendo ungir el Rei mandáraõ chamar Padres de todallas Ordens, os quaes todos chegáraõ tendo elle já espirado, e assim o nosso Padre, cujo companheiro fui eu, correndo quanto podiamos fomos quasi todo o caminho, porque não cuidavamos que se fosse taõ asinha. Achámos pelas ruas e Ribeira tudo cheio de pranto, e de gritos, e de muita gente, que com trabalho entrámos. Entrados *vi-*

dimus coronam capitis cecidisse, et obiisse: [1] ninguem se ouvia com gritos, e soluços, huns em pé, outros de giolhos, outros por esse chaõ: huns choravaõ, outros gemiaõ, outros amarellos estavaõ pasmados com ver morte taõ supita e com desemparo taõ de repente, e de improviso, estavaõ todos attonitos, e sentidos: ninguem se ouvia, e escassamente podiaõ os Religiosos rezar com lagrimas, até que ás duas, ou tres depois da meia noite entrou o Cardeal ainda de vermelho a despejar a camara, rogando, e chamando a todos senhores, sem lagrima nenhuma, e com el Rei ficáraõ os Religiosos, e alguns Fidalgos, e assim estivemos até as cinco rezando muitos Officios de defunctos, e muitas orações. A's cinco depois de visto o testamento em conclavi, o Arcebispo despejou a camara sem deixar mais que de cada Ordem hum ou dous Religiosos para o amortalharem, e o Pinheiro com o Confessor del Rei a hum canto rezando: e assim cobertas as cortinas do leito dous Padres de Saõ Francisco, e hum do Carmo, e Frei Jeronimo d'Azambuja de Saõ Domingos, e eu o amortalhámos, ministrando-nos

[1] Vimos que a corôa lhe resvalára da fronte, e era morto.

hum Clerigo Fidalgo, de maneira que estas tristes maõs o laváraõ, e alimpáraõ, e amortalháraõ: Bemdito seja Deos. Seu corpo ainda que ficou bem assombrado acabando de espirar, com tudo pelo muito que esteve por amortalhar *quando o descobrimos estava mais feio, e mais preto do rosto, e mãos, o mais sujo, e o mais nojento, e em fim o mais mortal e terreno, que eu vi outro, e eu tive aquelle pelo mór espectaculo,* e pera todo Religioso ver, pera doctrina, e edificaçaõ, que podia ser: *Non potuimus continere lachrimas* [1], com pranto, e lagrimas rezando o Officio de Defunctos lhe posemos huma toalha na cabeça e rosto mal lavada, e despida huma camiza suja de sangue que botava pela boca, e cousa verde depois de morto, lhe vestimos outra lavada, e lhe posemos o Bentinho de Christo, e o emburilhamos em hum lençol, e cozemos com barbante, sem outra cousa, nem vestido, nem mais habito, e o posemos em hum catele sem alcatifa, nem nada, onde esteve ate trazerem o ataude. Nisto acabou o estado, o fausto, as riquezas, as pompas, as cortezias, os serviços, as adorações reaes, nem em tudo isto se aqueixou dos que isto lhe faziaõ, aquelle que com só a vista fa-

[1] Não podémos reter as lagrimas.

zia tremer o mundo. Dahi a pouco lhe poseraõ hum estrado grande em o meio da camara coberto de veludo preto, rodeado de alcatifas, e sobre elle hum ataude forrado de veludo preto por fóra com huma cruz de damasco branco, e de linho de dentro, aonde o Bispo de Leiria, e o do Funchal, e o Arcebispo, e o Priol de Palmella, e o Bispo D. Pedro e eu com dous Frades o metemos, onde lhe beijáraõ a maõ por sima do lençol estes que ahi estavaõ, lançando-se todos sobre elle com muitas lagrimas, começando novo pranto, e pregado o ataude lhe botáraõ por sima hum panno de veludo preto muito grande com cruz de damasco branco, e aos pés poseraõ huma mesa coberta com hum panno de damasco preto, na qual estava huma cruz da capella, e dous castiçaes com suas vellas, e caldeira de agua benta, e ao rededor quatro tochas em suas tocheiras de prata. E he muito pera notar, que assim como él Rei, que santa gloria aja, foi em vida muito amigo dos Frades, assim des que espirou até o levarem, elles o acompanháraõ, porque até o amortalharem, como já dixe: estiveraõ com elle Frades de todallas Ordens, Frades o amortalháraõ, e meteraõ no ataude, e concertáraõ, e metido cada Ordem vinha sobre si com cruz alevantada, e estava com elle duas horas dizendo hum Officio de Defunctos en-

toado. Convem a saber os de Saõ Domingos das sete até as nove; os do Carmo das nove até as onze; os de Saõ Francisco das onze ás doze e meia; depois os da Trindade até quasi as duas; depois nós até as tres, e idos todos ficáraõ huns poucos de cada Ordem com a capella até as quatro sempre rezando. A's quatro entrou o Cardeal, já de roxo, e de giolhos, sem lagrimas, beijou o estrado, e repartio as toalhas do ataude, convem a saber da maõ direita á cabeceira o Senhor Dom Duarte, logo Dom Constantino, logo outro que naõ conheci, logo o Conde da Castanheira: da banda esquerda *ad caput* o Duque d'Aveiro, logo tres que naõ conheci, os quaes escassamente podiaõ levar o ataude, e aberta a porta da camara por onde o haviaõ de tirar, que estava na varanda, se alevantou hum pranto taõ grande que era cousa de pasmo. Eu nunca vi tanta gente junta, nem tanto grito e choro, nem faces ensanguentadas e arranhadas, nem barbas depennadas, como entaõ vi, tanto que nem havia forças pera andar, nem pera bulir o corpo lugar, até que o Cardeal rogou, que andassem, e recolhendo-se começaraõ a andar, e passadas duas portas não podéraõ mais, e chamaraõ Religiosos que os ajudassem, dos quaes fui eu hum, de maneira que eu o amortalhei e meti no ataude, e levei até o mete-

rem nas andas; a aquelle que a mim, e a toda a Ordem deo sustentaçaõ, e vida, e com tanto trabalho de meu corpo, que ando agora muito mal tratado por pesar muito, e porque descendo pela escada me ficou sobre mim só todo da banda dos pés, sem me poderem valer com a muita gente, onde cuidei de ficar; mas certo que entaõ naõ senti este trabalho, nem me lembrava repouso, nem sono, nem comer, no que tinha muitos infindos companheiros. Assim nas andas forradas por dentro de veludo preto, com hum panno por sima muito grande do mesmo, com cruz branca, o levou a Misericordia, e a Capella, e o Cabido, sem mais cruz que a da Capella, todos com tochas a cavallo, em duas azemolas, que bem tinhaõ que fazer em o levar, que tanto pezava, e levaraõ-no a Belem, e enterraraõ-no á cabeceira de seu Pai com hum Responso, que pera mais nem lagrimas, nem gritos, nem gente davaõ lugar, que segundo se conjeiturava se ajuntáraõ ao levar, assim na cidade, como fora, até Belem entre homens, mulheres, e meninos por todos bem quarenta, ou cincoenta mil almas, o que crê facilmente quem presente se achou, e o vio por seu olho, e naõ foraõ com elle Ordens por rasaõ da Festa da Trindade, nem sabemos ainda quando iraõ, porem todollos Moesteiros se naõ occupaõ agora senaõ em

dizer Officios por elle, e em fim os Padres de Saõ Jeronimo o botáraõ á terra, onde jaz descançando, e tornando-se naquillo, que he, aquelle que na vida era Pai, Rei, Senhor, Emparo, e Soccorro, a quem naõ faltava nada pera ser o mais illustre Principe da Christandade: praza a Nosso Senhor que lhe dê na outra vida a gloria, que todos lhe desejamos, e que elle com suas boas obras creio, que merece. Amen.

«Hoje se quebráraõ nesta cidade os Escudos, que he o terceiro dia, e ámanhã terça feira juraraõ o Principe, e cremos que passada a Festa se faraõ os Saimentos Reaes. Do estado do Reino, e quem fica por Governador *nulli narranti credatis*, porque ainda tudo está secreto, nem se saberá *ut creditur* taõ cedo. Isto que lhes escrevi he o certo do que passa, tudo o al tenhaõ por incerto. Resta que o encomendem muito a Nosso Senhor, e a Rainha, e ao Principe, o qual fica bem disposto, e eu o vi sabbado em pé, e bom, e nosso Padre lhe dixe missa depois del Rei amortalhado, e lhe dixe hum Evangelho.

«Esta carta tenhaõ cada hum por sua, e encomendem-me a nosso Senhor todos, porque eu naõ tenho tempo, nem disposiçaõ pera escrever particularmente a todos, ainda que sim vontade grande. As ceremonias da cidade já naõ se

fazem nos dias ordenados, mas a outro tempo. De Lisboa a 14 de Junho de 1557. Irmaõ de todos, e filho em Christo. *Frei Thomé de Jesus.*»

Está visto que o principe perfeito, flagello dos israelitas, morreu bastantemente fedorento, revessando postema esverdinhada, e envolto em uma camisa chagada e esqualida, que fez engulhos ao bom do frade. No discurso da vida, D. João III soffreu sempre de uma erysipela nas pernas, que ás vezes lhe não consentia o uso das piugas; por maneira que trazia as botas estremes sobre a pelle esgarçada de sorosidades. Era uma cousa immunda em corpo e alma este scelerado real! Vem de molde o extracto de umas antigas *Memorias* ineditas de Diogo de Paiva e Andrade:

«D. João III costumava dormir a sesta depois de jantar em uma casa que tinha janellas para o Tejo, assistindo nos Paços da Ribeira, sendo poucas as pessoas a quem permittia licença de entrar n'ella em quanto descançava. Succedeu, uma tarde, abrir a porta uma d'aquellas a quem tinha permittido a dita faculdade, e viu el-rei não deitado, mas em uma cadeira sustentando com ambas as mãos a cabeça e com os braços encostados sobre uma banca; e, não lhe dando palavra, retirou-se para a casa immediata, e com os mais que esta-

vam n'ella se principiou a discorrer sobre qual seria o motivo que obrigava sua alteza a tanta consideração. Achava-se tambem presente o marmanjo-mór, um chocarreiro do paço, castelhano, chamado D. Fernando de Roxas, homem que tinha siso, o qual, depois de observar muito tempo a conversação, disse para os que fallavam: — Senhores, el-rei não quiz dormir, e não considera em cousa de substancia — e, entrando logo na camara em que estava, perguntou-lhe em que cuidava; ao que el-rei respondeu: « Estou considerando como se me farão umas botas menos largas do que uso, sem padecerem as pernas. » Voltou o chocarreiro para fóra, e, contando o que passava, acabaram os discursos, entrando-se em outros, que merecia o assumpto. N'este tempo foi mui frequente o calçado de botas, ainda em dias de grande funcção, por imitação a el-rei, que quasi sempre as trazia, por ser muito soroso das pernas, e tão grossas as tinha que poucas vezes se servia de meias. »

Até aqui o author do *Casamento perfeito.*

Quando se escrever sincera historia de Portugal, não se repita sómente o que o snr. A. Herculano escreveu da inepcia, do fanatismo, e das ruins entranhas de D. João III. Refira-se que a alma lhe exsudava o pus na epiderme das pernas,

e attribua-se ás angustias da sua suja enfermidade o phrenesi que rebentava em raivas contra os judeus, a diabetes que se dessedentava em sangue. Se Byron satyrisou os bons costumes e as virtudes inglezas porque tinha um calcanhar desengonçado, que muito que D. João III queimasse trinta mil innocentes, se as pernas lhe esvurmavam peçonha?

Ao proposito do marmanjo-mór D. Francisco de Roxas, occorre-nos acrescentar que elle teve uma filha chamada D. Maria, que casou com André de Sousa Chichorro, descendente de Affonso III e de uma formosa moura. D'este neto do rei e da filha do chocarreiro ha descendentes, a quem não é hoje permittido saudar como netos do marmanjo-mór do paço d'el-rei D. João, o *principe perfeito.*

SUBSIDIO PARA A HISTORIA DE UM FUTURO SANTO

Falla-se na canonisação do arcebispo de Braga D. fr. Caetano Brandão.

Li as *Memorias para a historia* da vida d'este insigne prelado, colligidas por Antonio Caetano do Amaral. Não desconheço os louvores que lhe teceu o insuspeito José Liberato Freire de Carvalho nas suas *Memorias*. Li com mais prazer a biographia que lhe encarece as virtudes, escripta pelo snr. Innocencio Francisco da Silva. Commoveu-me a leitura do drama do doutor Silva Gayo, aquelle optimo coração que já não pulsa cheio do amor de seus filhos.

Inferi d'estas variadas leituras que o arcebispo não tivera em vida quem lhe suspeitasse da probidade, nem por tanto, no acto da canonisação, lhe sahiria com libello infamatorio aquelle personagem que, no processo da santificação, se chama o *advogado do diabo*.

Illusão que me desluz outras muitas fundadas em bases de vento e poeira.

O primeiro advogado do diabo que enrosca a hirta cauda e se amezendra n'ella, no tribunal dos cardeaes, é o ministro do principe regente, José de Seabra da Silva; e o pio João é citado tambem para ouvir da lingua do seu ministro o depoimento que elle authorisou. Quem duvidar do que vai lêr, dirija-se ao archivo da secretaria do reino, e peça que lhe deixem examinar o copiador dos *Avisos* expedidos no anno 1794, e lá encontrará o seguinte:

«*Ao arcebispo de Braga*. Sua magestade, sendo informada dos procedimentos e *amontoados crimes* que v. exc.ª tem perpretado contra a disciplina da igreja, e ainda das mesmas leis, usando de sua regia piedade por esta vez (pois devia ser outro o exemplo), é servida que logo, sem perda de tempo, mande restituir por seus despachos a abbadessa do convento de Santa Clara de Villa Real á sua occupação, e as mais religiosas aos seus respectivos cargos, e as noviças continuem o seu noviciado, levantando a supposta excommunhão, e dando conta ao confessor do principe, o padre frei Mathias, incumbido dos negocios das religiosas, de tudo o que obrou, declarando n'ella o motivo porque assim tinha praticado, e outra á secretaria para constar da sua execução. Palacio de

Nossa Senhora da Ajuda 10 de fevereiro de 1794.
— *José de Seabra da Silva.* »

Quem viu no começo do aviso o prelado arguido de *amontoados crimes perpretados contra a disciplina da igreja*, e logo adiante encontra uma ordem de restituir a abbadessa e as religiosas, e de mais a mais, as noviças aos seus officios no convento de Santa Clara, cuida que D. frei Caetano Brandão estava na sacrilega posse da abbadessa, das outras freiras e — o que mais é de censurar e invejar — das noviças!

Apresso-me a desfazer a hypothese que se encosta á equivoca redacção do *Aviso*. O arcebispo não tinha freira nenhuma desgarrada do divino redil.

O que elle tinha era a santa e serena coragem de responder áquelle hypocrita de frei Mathias em termos que revêem o socego de alma invulneravel ás phrases insultuosas do ministro que em 1778 se havia recolhido de Angola com aquelle luxo de cortezia.

A razão do insulto é simplesmente miseravel. O arcebispo, fundado no seu direito, prohibiu que no convento de franciscanas de Villa Real professassem religiosas. A relaxação d'aquella communidade ia na vanguarda dos mosteiros onde

os vicios se rebalçavam mais soltamente. D'ahi a prohibição que punha a mira em desviar d'aquella gafaria as meninas ainda incontaminadas.

O vigario geral da terra era amante da prelada, bem aparentado na côrte, caprichoso e rico.

Foi a Lisboa, insinuou-se na estima de frei Mathias da Conceição, confessor do principe, e alcançou, por intermedio do frade, licença para professarem religiosas, directamente enviada á sua Heloisa d'elle vigario geral, que se parecia tanto com Pedro de Abeillard como com Origenes.

O arcebispo, avisado da desobediencia, excommungou a prelada, a escrivã, a rodeira, a boticaria, as cantoras, a organista, as noviças, todo aquelle harém, sujeito a um califado numeroso de padres, de fidalgos, de poetas, de todos os freiraticos da provincia. Uma balburdia!

Voltou a Lisboa o vigario geral, depois da excommunhão, posto que as excommungadas não tivessem fastio, nem extraordinarios ataques esthericos.

D'esta segunda ida, resultou o *Aviso* ultrajante que o leitor leu com assombro e indignação.

D. Caetano respondeu ao confessor e ao ministro do regente, que garganteava canto-chão em Mafra devotamente. As cartas são longas e a

vida é breve. Da resposta enviada ao padre Mathias, trasladamos um periodo energico:

«...Espero que v. s.ª se capacite de que não é o espirito de teima o que me anima ao presente lance; mas o desejo sincero que tenho de dar boa conta da minha administração ao supremo juiz dos vivos e mortos. Respeito com profunda submissão as ordens dos meus soberanos, e d'esta disposição creio tenho dado as provas menos equivocas em doze annos que vou contando de bispo, como podem attestar assim na America como no reino todos os que tem ouvido ou lido as minhas instrucções pastoraes. Mas esta obediencia ás reaes ordens sabe v. s.ª perfeitamente que nunca deve extinguir no coração de um bispo o zelo que d'elle reclamam os legitimos direitos da igreja, sobre tudo quando se enlaçam tão apertadamente com a salvação das almas. O contrario seria transtornar a ordem que Deus tem estabelecido entre o sacerdocio e o imperio; é querer fazer a igreja captiva dos reis da terra convertendo-a em corpo politico, o que sem difficuldade, diz Bossuet, arguiria a mais inaudita lisonja que póde entrar no espirito humano... Uma cousa quero pedir mui confiadamente a v. s.ª, e é que no caso que as razões expendidas lhe não pareçam suffi-

cientes para sustentar o meu designio relativamente aos mosteiros d'esta diocese, como para mim tem força, e tal que liga invencivelmente a minha consciencia, haja de expôr a sua alteza a impossibilidade em que me acho de condescender com a vontade d'aquellas religiosas, em quanto se me não fornecerem novas luzes por onde venha no conhecimento do meu erro... Braga 13 de março de 1794.»

Na resposta ao ministro é humildissimamente um apostolo da primitiva christandade. Alludindo ao vigario geral que o detrahe e impugna na carta, escreve mansamente:

«... Só um pequeno numero de espiritos, de que não era difficil conhecer as intenções, pelo interesse que tinham de vêr deprimida e mesmo extincta a authoridade de quem os dessocega na falsa paz da sua relaxação e desordem (entre os quaes sobresahe com grande vantagem um clerigo que se acha n'essa côrte com ar de requerente, homem que sempre representou no theatro das intrigas que são manejadas com arte), só este pequeno numero que a abbadessa se tinha associado para as suas frequentes conferencias, é quem podia lisonjeal-a em tão estranho projecto.»

.˙.

E, a final, quem venceu?

Venceu o vigario geral, e a abbadessa, e a rodeira, e a organista, e a escrivã, e a boticaria. Houve luminarias no adro do mosteiro. Versejou o poeta da organista, que era padre, e se chamava o *Mormo*, alcunha de molestia que lhe pegára o pegazo das cavallariças monasticas. Recitou o poeta da boticaria, que se chamava o padre Mesquita, que lidava em torneio de murros com o Mormo em todos os outeiros. O vigario geral fez córar a abbadessa com uma ode em que ella era comparada á Venus callipygia; em fim, até os *tachos*, que assim lá chamavam ás criadas, deram motes e pasteis — os celebrados pasteis de Santa Clara — a muita somma de sapateiro que n'aquella noite converteu a tripeça em lyra e a sovella em plectro.

D. frei Caetano Brandão áquella hora pedia, talvez, a Deus que lhes perdoasse a ellas e aos poetas porque não sabiam ellas o que faziam, nem elles o que diziam. Era santo, em fim!

Quem poder imital-o, faça a mesma oração a favor de alguns poetas de hoje em dia, e não se esqueça de mim, que sou dos mais necessitados.

O LIVRO 5.º DA ORDENAÇÃO, TITULO 22

O desembargador do paço e conselheiro real Ignacio da Costa Quintella falleceu em 2 de janeiro de 1752, deixando o seu nome perpetuado na *Bibliotheca Jurisconsultorum lusitanorum*, em quanto na face da terra se souber latim.

Além da *Bibliotheca*, deixou uma viuva e dous filhos. A viuva chamou-se D. Maria Michaela de Sousa; o filho era Ignacio Pedro Quintella, e a filha chamou-se D. Isabel Thereza de Sousa Quintella.

Em casa da viuva ficou, por morte do desembargador, um escripturario habilissimo, chamado Felix Tavares de Almeida, de familia limpa, bem figurado, intelligente, poeta, e, pelo conseguinte, namoradiço.

D. Maria Michaela encarregou-o de todos os negocios de sua grande casa, incumbindo-o especialmente de correr com o inventario do casal; mas nem por isso lhe indultou a audacia de requestar-lhe a filha.

Assim, pois, que teve denuncia dos amorios

de Isabel com o seu criado, como ella o denominava para aviltal-o aos olhos da filha, despediu Felix Tavares, com ameaças de o mandar prender, se teimasse em deshonrar a estirpe dos Quintellas —estirpe que, a fallar verdade, ainda estava muito em vergontea verde.

Isabel, com o seu amor, impunha ao escrevente expulso a obrigação de ter coragem. A correspondencia epistolar continuou, apesar de todas as vigilancias da mãi e do irmão de Isabel, que já era casado áquelle tempo.

Queria muito a viuva dar querela contra o seductor, mas carecia de prova escripta. A menina queimava as cartas assim que as lia, e não tinha confidente que a trahisse, porque o medianeiro das cartas era um fio de sêda, e as testemunhas eram a lua discreta e as estrellas silenciosas da alta noite.

Acudiu o filho á inquietação da mãi com este alvitre: «Eu queixo-me de que Felix Tavares, quando sahiu do nosso serviço, me roubou dinheiro, e requeiro que se lhe passe revista á casa. As cartas, que Isabel lhe tem escripto, hão de apparecer, se o apanharmos de sobresalto. Uma carta só que appareça, é prova bastante.»

D. Maria approvou a idéa, applaudindo a esperteza do filho.

Feita e despachada a petição, o corregedor do bairro de Andaluz entrou de subito na humilde casa do moço arguido de ladrão, fez-lhe abrir um bahú, depois de revistar as gavetas, e achou um massete de cartas que, n'um volver de olhos, reconheceu serem de amores. Metteu as cartas na algibeira, repulsando com desabrimento as supplicas de Felix Tavares, e sahiu.

O atribulado rapaz não soube que o infamavam de furto, porque o magistrado fizera a diligencia sem proferir palavra nem explicar a razão da visita.

Percebeu que as cartas de Isabel iam ser instrumento de processo. Conhecia bem os homens do seu tempo, e escondeu-se.

O corregedor enviou parte das cartas mais lyricas de Isabel ao duque regedor das justiças; e este, depois que se regalou e mais a familia com os requebros delambidos da filha do desembargador, enviou-as a D. Maria Michaela.

Esta, quando viu as cartas, perdeu os sentidos, porque do conteúdo das mesmas deprehendeu que, passados alguns mezes, seria avó. Quando tornou á sua razão, envergonhou-se de pôr em juizo tão deshonrosos papeis.

N'este tempo, a viuva e a filha viviam em uma quinta nos arrabaldes de Lisboa, esperando que

se reedificasse o seu palacete aluido pelo terremoto de 1755.

Felix Tavares, certificado do silencio da viuva e da segurança da sua pessoa, continuou a frequentar os muros da quinta.

Instado por Isabel, e alentado para todo o risco, requereu ao vigario geral, juntamente com ella, que lhe admittisse fiança a banhos, fundando a petição em razões de honra, de pudor e de religiosidade. O vigario geral dispensou-os de licenças e pregões.

Uma noite fugiram; e, ao amanhecer do dia seguinte, casaram-se.

D. Maria, quando deu falta da filha, sahiu para Lisboa, e fez espectaculo das suas lagrimas na presença dos desembargadores amigos de seu defunto marido. Comprometteram-se todos unanimemente a vingar a viuva do conselheiro desembargador do paço Ignacio da Costa Quintella.

Isabel conhecia o genio iracundo da mãi. Apesar de haver legitimado com o sacramento o seu erro, pediu ao marido que evitasse os primeiros impetos da colera dos seus. Esconderam-se, pois, mudando o nome, no sitio de Alcantara, e ahi viveram com o seu filhinho pobremente do producto de algumas joias, até 1758.

No fim d'este anno, que era o terceiro de ca-

sados, persuadiram-se que o coração da mãi devia estar aplacado pela acção do tempo. Isabel escreveu-lhe, e não teve resposta; escreveu novamente, e recebeu a carta fechada, e um insulto de viva voz. Apesar d'estes ruins presagios, Felix Tavares de Almeida, forçado pela necessidade, mudou para Lisboa, a fim de grangear sua subsistencia no trabalho da escripta ou agencia de causas em que era versado.

Principiava a melhorar de posição, quando, ao sahir de sua casa, na manhã de 2 de junho de 1760, foi preso á ordem do corregedor, e conduzido ao Limoeiro.

Pouco tempo depois, D. Isabel Thereza de Souza Quintella era tambem, com ordem de captura, conduzida á quinta de sua mãi nos arrabaldes de Lisboa. Levava o filho nos braços.

Foi aquella criança que a defendeu do suicidio ao vêr-se sósinha na quinta, com uma criada que nunca vira, e um escudeiro que a encarava de esconso com tregeitos de menospreço.

No mesmo dia em que entrou no Limoeiro, Felix Tavares foi chamado á sala para ouvir lêr a sua sentença.

—A minha sentença!—exclamou elle.

Não lhe respondeu o meirinho. Foi, e ouviu lêr o seguinte ao escrivão da correição do crime

da côrte, Loureiro, sujeito que lia uma sentença no tom lugubre em que os frades entoavam os threnos de Jeremias:

«Vistos estes autos, libello da A. (authora), provas e documentos juntos, mostra-se que, sendo o réo criado de escada acima...

— Criado! — interrompeu o preso.

— Ouça e cale-se! — respondeu asperamente o escrivão.

E continuou:

«Criado de escada acima assalariado do desembargador do paço Ignacio da Costa Quintella, e da A. sua mulher, continuou no mesmo serviço de casa até alguns dias depois do memoravel terremoto do 1.º de novembro de 1755, no qual tempo foi visto por muitas pessoas solicitar escandalosamente de amores a filha da A. sua ama, D. Isabel Thereza de Sousa Quintella, menor de 25 annos, escrevendo-lhe escriptos amatorios com expressões de grande e estranhavel confiança, dos quaes, muitos d'estes e reciprocamente d'ella foram achados pelo juiz do crime do bairro de Andaluz no bahú do réo, indo em diligencia de furto de dinheiro...

— Que é! — bradou Felix Tavares — que aleivosia é essa de furto de dinheiro?

— Já lhe disse que me não interrompa! — sobreveio o escrivão.

— Hei de interrompel-o em quanto me não disser quem é o infame que me chama ladrão!

— Eu não sou — disse o Loureiro, olhando-o por cima dos oculos de tartaruga. — Escute lá o resto, que vm.ce não é sentenciado por ladrão...

O preso não pôde replicar suffocado pelos soluços; o escrivão proseguiu:

« De furto de dinheiro feito ao filho mais velho da A. já casado...

— O villão mentiu! — exclamou Felix Tavares, estendendo os braços convulsos ás pessoas que o rodeavam, como se lhes pedisse que o defendessem da calumnia. — O villão mentiu, senhores! Acreditem que eu não furtei dinheiro algum!

— Já lhe disse que não furtou... — volveu o escrivão. — Isto são palavras que não tiram nem põem...

— Não tiram nem põem! — replicou o sentenciado. — Oh! que infames! que infames!...

E cobria o rosto com as mãos, balbuciando vozes inintelligiveis.

O escrivão continuou a lêr:

« E se reconheceram as letras serem suas, que

o dito ministro queimou, reservando algumas, que entregou ao duque regedor, para dar parte d'esta aleivosia á dita A.; e outro sim foi visto por varias pessoas na quinta da A., já depois de ultimamente despedido da dita casa, fallando só com a filha da A. em sitio suspeitoso para acções lascivas, tendo assim havido tratamento e ajuste occulto de se casarem, e ser ella tirada por justiça contra vontade da A. sua mãi, para o que supplicou ao vigario geral do patriarchado, e obteve fiança a banhos com o fundamento de causas occultas que facilitaram a sua dispensa, do que se não quiz passar a certidão pedida, fl. 235, de modo que sendo necessarios todos estes requerimentos antecedentes e prova d'elles, em que certamente se havia de gastar tempo, chegaram com effeito a receber-se em 23 de novembro do dito anno, pouco depois de ter sido expulso de criado, retrotrahindo-se todo o facto da solicitação e aleivoso ajustamento de casarem ao tempo do famulato, e da quinta em que ella assistia com a A. sua mãi, como tudo se mostra das certidões fl. 224 e 322.

«N'estes termos... — proseguiu o escrivão descarregando na venta direita a pitada do simonte que esperava a suspensão de novo periodo — «n'estes termos, sendo a filha da A. menor de 25

annos, conforme a certidão fl. 232, que o réo não podia ignorar pelo tratamento e serviço domestico de muitos annos, e incumbencia de correr com o inventario do casal, que se fez por fallecimento do marido da A., não sómente se acha incurso na pena da Ordenação, livro 5.º, titulo 22 por ser indisputavel a illustre qualidade da filha de um desembargador do paço e do real conselho, além de outros honrosos empregos litterarios que tinha exercitado n'este reino e côrte, e o réo apenas póde reputar-se em um estado indifferente ou medio entre as pessoas da sua patria, em cuja camara e officios pouco servem quaesquer pessoas desoccupadas [1], e como tal não convinhavel, nem civilmente digno d'este casamento; mas tambem se acha comprehendido na pena da Ordenação, tit. 24. Por tanto, attendendo a não concorrer a prova e circumstancias para se impôr a pena capital ordinaria, o condemnam em seis annos de degredo, sem açoutes, para o reino de Angola, e 20$000 reis para as despezas da relação, e no perdimento de toda a sua fazenda para a A. na fórma da lei e custas dos autos. E o escrivão não fará publica esta sentença sem primeiro se passarem as ordens necessarias para o dito réo ser preso, e

[1] Não percebemos esta salgalhada.

com effeito se achar na cadêa da côrte. Lisboa 31 de maio de 1760. = *Giraldes, Franco, Xavier da Silva, Vidigal, doutor Cunha, Silva.*»

— Agora — disse o escrivão embocetando os oculos — snr. Felix, seja homem, tenha paciencia, e dou-lhe de conselho que não perca tempo em appellações. Seis annos passam depressa. Em toda a parte se come o pão de Deus ou do diabo. O que se quer é que seja pão.

E como o condemnado lhe divisasse nos olhos um geito de piedade, animou-se a perguntar-lhe, debulhado em lagrimas:

— Poderei levar minha mulher?

— Se ella quizer, ninguem a póde privar. Adeus, infeliz. Tenha alma...

Quando o escrivão sahia, encontrou no pateo da cadêa D. Isabel Quintella, com o menino no collo, coberta de pó e extenuada de fadiga. Loureiro, conhecendo-a, chamou-a de parte, precaviu-a do succedido para que a sua chegada ao quarto do marido não exacerbasse a agonia do preso. Reanimou-a com a esperança de o acompanhar ao degredo, e prometteu-lhe servil-a em tudo que podesse, pois que já agora o erro do casamento era irreparavel.

Entrou Isabel no quarto do esposo com o semblante constrangidamente sereno; mas elle, ape-

nas a viu, rompeu em alto choro, e, tomando o filho nos braços, pedia a Deus que lhe valesse por amor d'aquelle innocentinho.

A vinda de D. Isabel ao carcere fôra um logro ás espias que a mãi lhe pozera. O escudeiro ainda a perseguira na estrada de Bemfica, ao passo que ella se evadira por atalhos, esbofada de cansaço com o peso da criança.

Quando o carcereiro a intimou a sahir, resistiu, dizendo que havia de saber alli quem ordenára a sua prisão na quinta. A mulher do carcereiro compadecida da pobre esposa e mãi, deu-lhe agasalho n'aquella noite.

No dia seguinte, D. Isabel Quintella, bem ou mal avisada, procurou o ministro conde de Oeiras, que havia sido particular amigo de seu pai.

O ministro ouviu-a attentamente, sem lhe improperar a escolha de marido, e disse-lhe que se recolhesse a sua casa que ninguem a lá iria incommodar.

E, perguntando Isabel se poderia acompanhar ao degredo seu marido, o conde de Oeiras compungiu-se, e respondeu:

— Se o ama, vá; que a sua vida aqui não ha de ser melhor.

Maria Michaela, sabendo que a filha estava na casa do marido e o visitava na cadêa, sahiu de

novo a solicitar a justiça em nome do seu defunto. Corregedores e desembargadores, encolhendo os hombros, davam a perceber que sentiam nas orelhas os beliscões do conde de Oeiras. Volveu outra vez a viuva a pedir providencias que impedissem a ida da filha para Angola. Responderam-lhe os letrados e os juizes que a lei não a embaraçava.

Em junho d'aquelle anno de 1760 sahiu o degredado com a mulher e filho. O conde de Oeiras mandára pelo mesmo navio uma breve carta ao governador Antonio de Vasconcellos. Horas depois do desembarque, Felix Tavares de Almeida recebia ordem de se apresentar ao governador, em separado dos outros degredados. Recebeu-o Vasconcellos com bom rosto e desusada cortezia. Nomeou-o fiscal das obras do palacio dos governadores, que se andava então edificando, e concedeu-lhe na porção já construida moradia muito decente. Algum tempo depois, deu-lhe dragonas de capitão, sem consultar a lei que inhibia os degredados de tão elevada patente. Felix Tavares houve-se corajosamente n'um encontro com o sova Quiandala, que expulsou do Libôllo, aprisionando os mussões que infestavam a provincia de Cahenda.

Este governador, sobre ser severo, era cruel

com os criminosos. Um historiador dos governos de Angola diz que Antonio de Vasconcellos *por qualquer desordem fazia trabalhar o sarilho da polé*, e acrescenta: *esta inflexivel severidade, que tanto refreava os maus, deu origem a intentarem elles um dos mais horrendos e temerarios crimes que se podem imaginar* [1].

Desde o anno de 1756 que as levas de degredados eram extraordinariamente numerosas. Sentenciados quasi todos por ladrões, eram esses os que o conde de Oeiras não vingára pendurar nas forcas erguidas em Lisboa, depois do dia do terremoto. Entre os quaes levára pena de degredo perpetuo um cigano de Torres Novas, chamado José Alvares, facinoroso que o conde de Obidos, notavel protector de ciganos, salvára do patibulo em paga de serviços particulares.

José Alvares de Oliveira, que não incutira medo a Antonio de Vasconcellos, e experimentára o citado *sarilho da polé*, traçou matar o governador, a officialidade, os ministros e pessoas mais gradas de Loanda, saqueando depois as casas, e abalando d'alli para o Brazil em navio que estava

[1] Memorias contendo a biographia do vice-almirante Luiz da Motta Fêo e Torres, etc., por J. C. Fêo Cardoso de Castello Branco e Torres. *Paris*, 1825, pag. 260 e seg.

prompto a sahir com despachos. *Um dos conjurados*, diz o referido historiador, *descobriu tudo ao seu capitão.*

O capitão era Felix Tavares de Almeida que simultaneamente avisava o governador, e prendia José Alvares.

O cigano foi aspado; quebraram-lhe os braços e pernas em vida. Os outros em numero de dezenove, foram estrangulados. O governador de uma das janellas do palacio assistiu ás execuções.

Em janeiro de 1764 tornou o governador ao reino. Na mesma monção voltou Felix Tavares com o indulto de dous annos da sua sentença: tão valiosas haviam sido as informações que Vasconcellos mandára do seu capitão ao conde de Oeiras.

Em junho d'aquelle anno já o marido de Isabel Quintella exercia um emprego liberalmente estipendiado na mesa da consciencia e ordens.

D. Maria Michaela, que ainda vivia para maiores zangas, foi obrigada por sentenças successivas a dar a sua filha o patrimonio que lhe cabia por inventario.

.˙.

Deixemos agora rodar 71 annos, ao cabo dos quaes tambem eu figuro n'esta historia.

*

Conheci em 1835 um desembargador da supplicação, quasi octogenario, chamado José Pedro Quintella. Era o filho de Felix Tavares e D. Isabel —aquella criancinha cujas supplicas o preso offerecia a Deus como resgate de seu infortunio. O desembargador Quintella, que muitos annos o foi da Relação do Porto, suspeito que casou n'esta cidade.

Conheci tambem uma filha d'este magistrado casada com um bacharel transmontano chamado José Cabral Teixeira de Moraes, que advogou alguns annos em Lisboa na rua Nova do Carmo.

Vi, recentemente nascida, em 1835 uma menina filha d'aquella senhora, que então morava em uma rua que liga o largo do Carmo ao largo da Abegoaria. Em 1861, o nervoso poeta Raymundo de Bulhão Pato mostrou-me no theatro de D. Maria uma formosa senhora, que era a criancinha que eu vira ao lado de sua mãi, no dia seguinte ao do seu nascimento; contemplei-a através de lagrimas, porque a imagem de meu pai cobriu de luto estas reminiscencias da minha infancia.

N'esse tempo, ainda vivia em Lisboa o filho d'aquelle irmão de D. Isabel que aleivosamente arguira de ladrão seu futuro cunhado. Chamava-se, como seu avô, Ignacio da Costa Quintella. Era

grão-cruz do ordem da Torre-Espada, vice-almirante, ministro e secretario de estado honorario, porque havia sido ministro do reino no Brazil e da marinha em Portugal nos annos de 1821 e 1826. Além d'isso era escriptor distincto porque escreveu os *Annaes da marinha portugueza*, e notavel poeta porque verteu as odes de Horacio publicadas nos *Annaes das sciencias e artes*.

Seu primo, o filho de Felix Tavares, posto que mais obscuro socialmente, hombreava com elle nas graças do talento. Traduziu uma ecloga de Pope publicada no *Jornal de Coimbra*, e escreveu originalmente *O Redactor*, ou *Ensaios periodicos de litteratura e conhecimentos scientificos, destinados para illustrar a nação portugueza* (1803).

Como sabem, os descendentes de Felix Tavares eram mui proximos parentes de Farrobos, gerados de Quintellas; mas, entre as duas familias, corriam ainda litigios de partilhas que contavam setenta annos. Odiavam-se reciprocamente. Uns viviam opulentissimos, outros em mediania decente. Hoje, parte dos que então estadeavam fausto de principes, vive da caridade da defunta viuva do imperador do Brazil. Os outros não sei o que são. Creio que é viva ainda a bisneta de D. Isabel Thereza de Sousa Quintella. Se este livrinho lhe chegar ás mãos, indulte o peccado de

murmuração da vida alheia a um velho que, tendo sete annos de idade, a beijou na face quando s. exc.ª contava algumas horas de existencia.

Oh!... mas, a final, que immensa tristeza me deixam no coração estas paginas!...

PROBLEMA HISTORICO A PREMIO

(O premio offerecido a quem dilucidar a escuridade do caso é uma collecção de *Fados*, encadernada em marroquim, de parçaría com os *Musicos*, do snr. Joaquim de Vasconcellos, edição quasi em esgoto).

O snr. Miguel Dantas escreveu um livro cheio de noticias ácerca de cada impostor que se intitulou *D. Sebastião*, rêi de Portugal.

O ultimo chamou-se Marco Tullio Catizone, da Calabria. A respeito d'este, o snr. Dantas exhibe documentos desconhecidos; e, na opinião do snr. Pinheiro Chagas, não ha mais que dizer.

Ha.

Affirma o snr. Dantas, fundado em provas, que Marco Tullio, o embusteiro, foi condemnado ao córte da mão direita, á forca, e á exposição do cadaver feito pedaços, sentença executada em S. Lucar de Barrameda, aos 23 de setembro de 1603.

Essas provas, se bem me recordo, não tem maior caução que a devida ao nome do historiador sério.

O documento que s. exc.ª não viu nem indicou é a *sentença de Clemente* VII a favor d'esse homem, que se intitulava *D. Sebastião*.

Este importantissimo depoimento na causa do pretendido rei nunca foi impresso. É o seguinte:

«Clemente VIII, por Divina Providencia servo dos servos de Deus: Saude e paz em Jesus Christo Nosso Senhor, que de todos é verdadeiro remedio e salvaçaõ. Fazemos saber a todos nossos filhos carissimos, que debaixo da protecçaõ do Senhor virem com fervorosa fé em especial aos do reino de Portugal, que o nosso mui amado filho D. Sebastião Rey de Portugal se apresentou pessoalmente n'esta Curia Romana no sacro Palacio, fazendo-nos com muita instancia e supplica o mandassemos meter na posse do seu reino de Portu-

gal pois era o verdadeiro e legitimo Rey delle; que por peccados seus e juiso divino se perdera em Africa indo peleijar com ElRey Maluco no campo de Alcacere quibir, e the agora estivera oculto e não quizera dar conta de si por meter tempo em meio dos males que succederam por seu conselho, e que para justificar ser o proprio estava prestes para dar toda a satisfaçaõ que lhe fosse pedida: E considerando nós o cazo, como somos juiz universal entre os principes catholicos, mandamos por conselho dos cardeaes em conclave que apparecesse; e, feito, se fez examinar com muita miudeza como convinha a tal cazo [1] de que se fizeram processos em varias naçoens e no dito

[1] Os signaes que D. Sebastião tinha no corpo eram estes: A mão direita maior que a esquerda; o braço direito maior que o esquerdo; o tronco dos hombros até á cinta desproporcionalmente curto e curvado, de modo que os seus gibões não cahiam bem n'outro corpo; da cinta aos joelhos muito comprido; a perna e o pé direitos maiores que os esquerdos; os dedos dos pés quasi iguaes. No dedo minimo um calo grande; na espadoa esquerda um signal pardo e cabelludo; outro signal preto na espadua direita; sardas pouco perceptiveis em rosto e mãos; faltava-lhe um dente no queixo inferior, que lhe fôra tirado por Sebastião Netto; o beiço grosso da parte direita, pés pequenos, pernas algum tanto tortas.

O que ha mais importante historicamente n'esta nota é ter sido o dente de sua alteza extrahido por Sebastião Netto.

Reyno de Portugal por pessoas qualificadas, assim dos signaes do seu corpo, como de outros mais miudos do seu reino, ajunctando as partes por onde andou, e de sua vida e costumes, como outras particularidades importantes para a verdade ser mui claramente sabida, não nos fiando por uma só vez, mas por muitas, e por pessoas constituidas em dignidade sacerdotal, e por seculares titulares, do que se fizeram os processos *que no Archivo desta curia se pozeram*, e que uns e outros se conferiram; e visto em Conclave e perante nós se verificar ser o proprio Rey D. Sebastiaõ e lhe pertencer o dito Reyno, como unico herdeiro d'elle, e assim todas as rendas des a data d'este para se investir de posse; pelo que, Authoritate appostolica, por tal o declaramos, e sentenceamos, e mandamos ao muito Catholico Filipe terceiro de Hespanha que largue o Reyno em pax, sob pena de excommunhão mayor *ipso facto incurrenda* reservada a nós, não permitindo dilações; como filho obediente aos mandados Appostolicos deve temer a ira do Senhor fazendo o contrario; nesta Curia sob o nosso signal do Pescador a 23 de Dezembro de 1598. »

Este documento não desfigura nem contraría a historia de Marco Tullio, referida pelo snr. Mi-

guel Dantas. O que d'ahi se deprehende é que Marco Tullio enganára Clemente VIII, depois de ter enganado os sacerdotes e titulares que depozeram de sua authenticidade na curia, se é que os depoentes não mentiram ao summo pontifice para resuscitarem fraudulentamente D. Sebastião.

De qualquer modo, se o impostor foi enforcado em 1603, segundo affirma o snr. Dantas, é impossivel que esse mesmo, que Clemente VIII sentenciou como rei em 1598, seja como rei sentenciado em 1617 por Paulo V.

Aqui está a sentença de Paulo V:

«Paulo V, Bispo de Roma, servo dos servos de Deus: Ao nosso mui amado filho Phelipe 3.º [1] Rei de Hespanha, Saude em Jesus Christo Nosso Senhor, que de todos é verdadeiro remedio e salvaçaõ: Fazemos saber que por parte de ElRey D. Sebastiaõ, que se dizia ser de Portugal, nos foi apresentada uma sentença Appostolica de nosso antecessor Clemente outavo, de que constou estar julgado pelo verdadeiro Rey e legitimo de Portugal, nos pedia humildemente mandassemos por nosso Nuncio assim o declarasse para effeito

[1] As alterações orthographicas constam do texto, que trasladamos quasi pontualmente.

de se lhe dar a posse pacifica que convinha á boa christandade e exemplo dos infieis para que não tomassem motivo de uzurparem o alheio, e que mandassemos consultar por nossos Cardeaes, vêr e examinar a dita sentença com nova justificaçaõ, e como era o proprio contheudo n'ella: movidos do Amor Paternal, para evitar escandalos que podiam resultar, e guerras entre christaõs, nos pareceu para mais suave meio, mandar-vos avizo por nosso Nuncio, não permitindo dardes ocaziaõ para que se valesse das Armas da Igreja, antes logo com effeito largareis o Reyno a seu dono, como estava mandado pela sentença junta, na qual não houve satisfaçaõ, cousa estranha entre os Principes; pelo que *authoritate appostolica*, e que nesta parte uzamos, mandamos a vós Philipe 3.º, Rey de Hespanha, em virtude da sancta obediencia que dentro de nove mezes, depois da notificaçaõ d'esta, largueis o dito Reyno de Portugal a seu legitimo successor D. Sebastiaõ mui pacificamente sem efuzaõ de sangue e sob pena de excommunhão maior *lata sententia* da maneira que está julgada: Dada em esta Curia Romana sob o signal do Pescador a 17 de março de 1617.»

Temos, por tanto, segunda sentença a favor do mesmo que a obteve em 1598, e que a historia

melhor documentada e *estudo definitivo*, no conceito do snr. Pinheiro Chagas, dá como enforcado em 1603.

Mas este mesmo homem impetrou terceira sentença do papa Urbano VIII. Se fosse D. Sebastião devia, a esse tempo, orçar pelos setenta e seis annos. A sentença de Urbano é mais pathetica por que ahi já o decrepito exul pede que o não esbulhem do seu direito porque tem mulher e filhos.

A terceira sentença reza assim:

«Urbano VIII por Divina Providencia Bispo de Roma, Servo dos Servos de Deus. A todos os Arcebispos e Bispos e pessoas constituidas com dignidade que vivem debaixo do amparo da Igreja Catholica, em especial aos do Reyno de Portugal e suas conquistas, saude e paz em Jesus Christo nosso Salvador que de todos é verdadeiro remedio e salvaçaõ: Fazemos saber que por parte do nosso filho D. Sebastião Rey de Portugal nos foi aprezentado pessoalmente no Castello de Sancto Angelo duas sentenças de Clemente Outavo e Paulo Quinto nossos antecessores, ambas encorporadas, em que constava estar justificado largamente ser o proprio Rey e nesta conformidade estava sentenciado para lh'o largar Felipe 3.º Rey de

Hespanha, ao que não quiz nunca satisfazer; pedindo-nos agora tornassemos de novo a examinar os processos, e constando ser o proprio o mandassemos com effeito investir da posse do Reyno, pois tinha filhos e mulher, e não podia perder seus direitos, que prejudicava a seus herdeiros, o que mandamos brevemente e por extenso vêr como convinha em cazo de tanta importancia; e considerando como nos convem julgar e detreminar a cauza dos Principes christãos, mandando dar vista a Felipe Quarto que hoje vive, cometendo a cauza ao Imperador, e a ElRey de Inglaterra e a ElRey de França, com o que se passou e se resolveu que lhe desse posse do Reyno de Portugal; e hora por parte do dito Rey D. Sebastião nos foi pedido pozessemos o cumpra-se na sentença, e mandassemos passar nosso Breve Appostolico com excommunhão rezervada a nós para que nenhum fiel christaõ lhe impida sua posse, nem tome armas offensivas contra elle e seus soldados e Ministros; e vendo nós com os nossos Cardiaes do nosso Conselho sua justiça, com maduro conselho lh'o concedemos: pelo que vos mandamos que depois da notificação desta a nove mezes primeiros seguintes que assignamos pelas trez canonicas admoestaçoens, dando repartidamente trez mezes por cada canonica admoesta-

çaõ, termo peremptorio, tanto que vos for apresentado e da minha parte mandado, façaes por vossos religiosos assim Seculares como Regulares publicar-se nos pulpitos das egrejas e praças publicas que..... [1]. Dada em esta Curia Romana sob o signal do Pescador aos 20 de outubro de 1630.»

Ahi está o problema.

Quem era este homem?

Não podia ser o rei da Ericeira, nem o rei de Penamacor, nem o pasteleiro do Escurial, nem Marco Tullio Catizone. Os quatros impostores eram já mortos.

Então quem era?

Ferdinand Denis, quando relata o caso de Marco Tullio, diz que este homem é um dos problemas insoluveis da historia.

Mas o snr. Dantas desatou o nó. O aventureiro foi enforcado em 1603.

Houve um quinto Sebastião falso?

Onde iremos buscar-lhe o rasto na historia?

E' possivel que o snr. Dantas não escrevesse

[1] Seguem-se algumas linhas que a humidade tornou inintelligiveis.

a palavra definitiva a respeito do homem sentenciado por tres pontifices que o viram?

Ahi fica o problema.

DESASTRE DO SANTO OFFICIO NO PORTO

A inquisição de Portugal, em 1704, confiava tanto na espada flammejante de S. Domingos, que nem as esquadras britannicas lhe incutiam pavor.

N'aquelle anno, morava no Porto uma familia ingleza de appellido *Fiuza*. Não assevero que assim se escrevesse ou pronunciasse o appellido; mas assim o acho escripto em documento coevo, extrahido de um processo do santo officio. Esta familia era catholica romana.

Havia no Porto outra familia ingleza herege. Appellidava-se *Mosheim*, que os escreventes do tribunal dominicano escrevem *Mossão*.

Á familia catholica pertencia uma menina chamada Isabel. Á protestante um moço chamado Thomaz.

Amavam-se os dous contra vontade de seus paes. Eram ambos abastados e bem procedidos; mas tinham de permeio o inferno. Na opinião dos Fiuzas a familia Mosheim estava condemnada ás penas eternas. Os Mosheim, por sua parte, diziam que os Fiuzas eram lenha secca para as fornalhas infinitas.

O pai de Thomaz consentia no casamento, se Isabel apostatasse do catholicismo. O pai de Isabel cedia ás supplicas da filha, se Thomaz se convertesse á verdadeira e unica religião.

Eram irreconciliaveis os dous inglezes.

Mas a paixão de Isabel pôde mais que o pai e que o esteio da fé.

Uma noite, fugiu de casa. Morava em uma das tres quintas de João Pedróssem, a Villar. Desceu a Miragaya, e entrou em uma lancha ingleza, onde a esperavam Thomaz Mosheim e um padre protestante.

Ao repontar da manhã, o padre abençoou o casamento dos dous contrahentes, alli, sobre as aguas do Douro, em uma formosa alvorada de agosto, com quatro marinheiros por testemunhas.

Feito isto, o sacerdote lutherano foi em demanda do inglez catholico, e disse-lhe que acabava de abençoar o casamento de Isabel com Thomaz, e lhe ia pedir que perdoasse a sua filha

pelo amor de Deus. O velho inglez arrepellou as barbas, injuriou o padre, e bradou tres maldições á filha e á sua posteridade.

Divulgou-se o successo na cidade.

Ao outro dia, Carlos da Rocha Pereira, commissario da santa inquisição, no Porto, acompanhado de alguns officiaes, entrou em casa de Thomaz Mosheim, e prendeu Isabel em nome do santo officio. Ella, traspassada de terror, seguiu aquelle homem que tinha nas palavras a rijeza de uma tenaz de tortura. Foi conduzida ao aljube ecclesiastico, e interrogada.

A colonia ingleza, assim que soube da prisão de Isabel Fiuza, reuniu-se em casa do seu consul. Sahiu o magistrado á frente dos queixosos, e pediu audiencia ao vigario geral. Reclamou a ingleza em termos solemnes com ameaças. O vigario geral amedrontou-se; mas disse que não podia soltar a herege, sem ter consultado os inquisidores de Coimbra.

E, no em tanto, a noiva chorava incommunicavel no aljube ecclesiastico.

Foi encarregado o commissario Carlos da Rocha Pereira de consultar os inquisidores de Coimbra. Estes, vacillando na resposta, consultaram o conselho geral, que residia em Lisboa, no seguinte officio, que lá chamavam *Conta:*

«O commissario do Porto Carlos da Rocha Pereira nos dá conta pela carta inclusa do matrimonio que celebrou Isabel Fiuza, catholica romana, ingleza, com Thomaz Mossão, inglez herege, no rio Douro, em uma lancha ingleza; e nos remette o auto de perguntas, que lhe fez, depois de presa no aljube ecclesiastico da mesma cidade, em que confessa o mesmo matrimonio; e, no mesmo correio, dá conta aos inquisidores Affonso Cabral Botelho, e deputado Francisco Carneiro de Figueirôa, pela carta junta, do reparo que na dita cidade faziam os inglezes da prisão do ordinario; e que ouvira que o seu consul se queria queixar a sua magestade; e, posto nos pareceu que deviamos proceder contra a dita Isabel Fiuza, na fórma da disposição do *Regimento*, liv. 3.º tit. 16, §. 2.º, o duvidamos fazer pelas circumstancias referidas, e reparo do consul; e assim recorremos a v. ill.ma para nos ordenar o que devemos obrar n'esta materia. Coimbra em mesa 18 de agosto de 1704. = *Antonio Portocarreiro, Affonso Cabral Botelho.*»

O conselho da santa inquisição, desdenhando as ameaças do consul e a opinião do rei a tal respeito, respondeu, passados quarenta dias:

« Os inquisidores responderam ao vigario geral que, suppostas as circumstancias, póde conhécer do caso de que se faz menção na fórma que lhe parecer. Lisboa 26 de setembro de 1704. = *Carneiro, Moniz, Hasse, Monteiro, Ribeiro, Rocha.*»

E, no em tanto, Isabel conseguira receber no aljube ecclesiastico alguns padres de notoria virtude que a reduzissem á religião catholica e a desatassem do marido herege.

O vigario geral lisonjeára-se grandemente com a confiança delegada pelo conselho geral; mas via-se entalado entre a fé catholica e o consul inglez.

Depois de grandes prelios que as duas potencias lhe travaram na consciencia, o magistrado ecclesiastico resolveu processar Isabel, visto que ella, impenitentemente e contumaz, persistia em querer o seu marido assim herege e condemnado ao sempiterno horror onde ha o perpetuo ringir de dentes.

Esta deliberação foi communicada ao consul, que a ouviu com um sorriso que o vigario geral não percebeu porque era sincero, virtuoso e bonacheirão.

N'esse mesmo dia, o consul teve uma confe-

rencia secreta com quatro capitães de navios inglezes, ancorados no Douro.

Á volta das onze da chuvosa noite de 7 de outubro, pela porta da Lingueta e pela dos Banhos entraram os muros da cidade trinta marinheiros que por diversos pontos confluiram ao aljube ecclesiastico, situado na visinhança da Sé.

A guarda d'este carcere era indigna de hoste ingleza tão numerosa. O santo officio confiava muito dos ferrolhos, e dispensava as escopetas da milicia; mas nunca lhe negrejára na mente a hypothese de que os esbirros e carcereiros, tangidos por valentes sôcos britannicos, iriam libertar da masmorra um dos seus presos.

Foi o que aconteceu n'aquella noite funesta para os fastos do santo officio, e para os queixos dos quadrilheiros. Isabel que não podera ser prevenida, quando ouviu a deshoras o rodar de portas nos gonzos, cuidou que ia ser transferida aos carceres de Coimbra ou Lisboa. Estava em joelhos com as mãos postas, quando Thomaz Mosheim, ladeado de marujos athletas, entrou no recinto, e a custo a viu ao clarão de uma lampada que alumiava um crucifixo.

E ella, reconhecendo-o, lançou-se-lhe nos braços, e perdeu o alento.

Um dos quatro colossos vermelhos, que o se-

guiam, tomou-a nos braços, como quem aconchega do peito uma pomba assustada.

Depois, era triste de vêr-se como aquelles poucos guardas do aljube, porque não percebiam o regougar dos saxonios, em vez de palavras eram intimados a pontapés para que entrassem no carcere devoluto da ingleza. E, todos elles — digamol-o com dôr de portuguezes e de catholicos — lá ficaram fechados, apalpando as partes contusas.

Antes do arraiar da aurora, uma escuna ingleza balouçava-se defronte do castello da Foz, á bocca da barra. Assim que amanheceu, as velas trapejavam com prospero vento.

Isabel, ainda prostrada no seu beliche, pedia ao esposo que a convencesse de que ella não estava louca nem sonhava. E elle, o doudo de paixão e alegria, lá conseguiu convencel-a de que o Deus do céo e da terra, que era o Deus de ambos, a tinha alli bem acordada para a suprema felicidade d'este mundo.

Que fez o vigario geral depois de tão insolito ultrage? Consultou os inquisidores de Coimbra. Os inquisidores de Coimbra consultaram o conselho geral. O conselho geral consultou o rei. Fez-se um profundo silencio. Ninguem fallou mais d'este caso, senão eu.

. ˙ .

Já que estou com as mãos nas cinzas ensanguentadas do santo officio, hei de dizer ao leitor a razão que assistiu aos inquisidores que em 1601 mandaram ensambenitar e queimar uma rica e gentil dama, chamada Violante Mendes e seu marido Francisco Borges, ambos de Chaves.

E, trasladando a denunciação, que é a primeira peça do processo, dou aos curiosos noticia do modo como semelhantes instrumentos se lavraram.

Estamos em Chaves, no dia 28 de maio de 1591, em casa do vigario geral, onde são inquiridos os denunciantes, que são tres, e todos sacerdotes. O escrivão James de Moraes escreve o seguinte:

«Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1591, aos 28 dias do mez de maio do dito anno, na villa de Chaves, nas pousadas do licenciado Gaspar da Rocha Paes, vigario geral no temporal e espiritual n'esta vigararia comarca da dita villa, pelo ill.mo snr. D. fr. Agostinho de Jesus, pela mercê de Deus e da santa sé apostolica, arcebispo, senhor de Braga, primaz, etc. Presente elle appareceu o padre João de Mattos, mo-

rador em a dita villa, o qual trouxe a mostrar a elle vigario uma peça de *marfil* (marfim), que mostrava ser de feição de uma bezerrinha, e sómente lhe faltava as pernas, e braços que estavam quebrados, e assim os corninhos espontados, o qual disse que a achára na mão de André, moço de 16 annos, filho de João Rodrigues do Campo, arrabalde d'esta villa; que por lh'a vêr na mão lh'a pediu que lh'a mostrasse, o qual lh'a mostrou; e por a dita bezerrinha ser tal como dito é, e além d'isso cheirar muito a almiscar, e parecer estar em parte... [1], e lhe não parecer bem, lh'a trazia a mostrar por a pedir ao dito moço André. O qual André presente disse que era verdade que aquella peça, indo elle André hoje n'este dia a casa de Pero Fernandes, escrevente d'esta villa, á escóla, para o ensinar a lêr, a achou debaixo de uma arca, e ao tempo que a achou sem ninguem o vêr a guardou, e levou, e andou mostrando a algumas pessoas entre as quaes foi ao dito padre João de Mattos, e a Mathias de Barros cavalleiro d'esta dita villa; e lh'a tomaram. E logo outro sim appareceu Pedro moço de 16 annos, filho do dito Pero Fernandes escrevente acima dito, e por elle foi dito que era verdade que aquella bezerrinha

[1] Palavra inintelligivel: parece dizer *degolada*.

elle dito Pedro a achára na rua do Sol, d'esta villa, no meio da rua defronte da casa de Francisco Borges, em que hora (*agora*) elle vive, que é de Diogo Ferreira d'esta mesma villa, o que poderia haver um mez pouco mais ou menos, e lh'a viu achar Lazaro, filho que ficou de Gaspar de Magalhães. E depois de assim a achar a levára para casa como dito tem sem outra cousa alguma, e a trazia em casa sem entender o que era, e andava ahi em casa por detraz das arcas. E estando assim para se fazer este auto chegou o padre Gaspar Dias, e o padre Antonio de Magalhães, ambos d'esta dita villa, e disseram, que estando ambos juntos, e vindo pela porta do dito Francisco Borges acima dito, estando Gaspar Teixeira Chaves á sua janella, lhes disseram elles que se achára uma bezerra, não sabendo onde, como na verdade não sabiam; e, estando n'esta pratica da dita bezerra, disse uma moça que se chama Maria de Villar de Nantes, e criada do sobredito Francisco Borges, e outra moça pequena, outro sim criada de casa por nome Madanella, disse a grande rindo-se: *Senhores, isso é de cá.* E elles ambos passaram seu caminho sem responder nada. E logo veio atraz d'elles a dita moça Madanella, e elles a chamaram, e não quiz vir, e foi a casa do dito Francisco Borges, e tornou logo a sahir, e

veio ter com elles ditos padres, e pediu a elle dito padre Antonio de Magalhães que lhe desse a vaquinha, e elle lhe perguntou se era sua, e a dita moça que sim era sua, que viera de Lisboa e que a trazia o menino na mão, e que em algum tempo elle dito padre Gaspar Dias ouviu dizer aos antepassados que uma Branca Manoel em Lisboa fôra queimada, a qual fôra *bredona* (?) de Violante Mendes mulher do dito Francisco Borges, e o vinha denunciar e dizer. Estando assim elles ditos padres, presente elle vigario, chegou a dita moça Madanella duas vezes, e na primeira disse a elle vigario que a sobredita Violante Mendes sua senhora mandava pedir a vaquinha que era do seu menino; e da segunda que tornou disse, que a sobredita sua senhora a tornava a mandar que por amor de Deus lhe désse a vaquinha que era do seu menino que a perdera havia quatro dias. E de tudo mandou elle vigario fazer este auto, e assignou com os ditos padres aos quaes todos tres deu juramento dos Santos Evangelhos que n'esta parte tivessem todo o segredo como cousa do santo officio, e elles assim o prometteram e juraram e assignaram que a tudo se achavam presentes ás perguntas que se fizeram aos sobreditos moços, que elle vigario não quiz estivessem presentes ao fazer do auto, nem que assignassem por não se-

rem capazes de segredo. E eu James de Moraes o escrevi, e a sobredita vaquinha ficou em poder d'elle vigario. E éu sobredito escrevi. = *Rocha, Gaspar Dias, Antonio de Magalhães, João de Mattos.* »

Ahi está o corpo de delicto que levou á morte um homem e uma senhora que tinham um filhinho, o qual brincava com uma bezerra de marfim sem pontas nem pernas. Tres ungidos do Senhor, tres padres denunciantes lá estão na gloria eterna revendo-se na bemaventurança das duas almas que elles purificaram no fogo.

RANCHO DO CARQUEJA

Ha 153 annos que um bando de estudantes, em Coimbra, acaudilhado pelo mais intrepido e de peores entranhas, começando por espancar os archeiros e rondas nocturnas, acabou por matar quem lhe offerecesse reacção. Chamavam-se *do* e

não *da Carqueja*, como escrevem todos os que relembram a funesta existencia d'aquelles rapazes perdidos. *Carqueja* e *Estopa* haviam sido, por aquelle tempo, dous facinorosos de Vizeu, chefes dos salteadores. Em honra do primeiro, escolheram os estudantes o sinistro baptismo do seu bando. E é de notar e deplorar que alguns da quadrilha eram padres que cursavam theologia. Depois de repetidas atrocidades, o governo, a rogos dos habitantes de Coimbra e lentes da universidade, enviou a marchas forçadas tropa de infanteria com alguns esquadrões que chegaram de madrugada e colheram de sobresalto os criminosos.

Alguns, bem que não reagissem, entraram acutilados no carcere, e foram depois morrer no Limoeiro, em Lisboa. Aqui damos a relação dos seus nomes:

O capitão do bando era da Terra da Feira; chamava-se Francisco Jorge Ayres. João Pedro Ludovice, natural de Lisboa; o padre Vicente Gomes Alvares Lobo, do Algarve; Manoel Antonio Ramos, José Rodrigues Esteves, José Antonio de Azevedo, Antonio da Costa e Silva, *o Pescada*; o padre José da Silva Couto, Miguel Pereira Coelho, Roque Monteiro Paim, José de Horta, D. Manoel Alexandre da Costa, todos de Lisboa; Jacintho de

Figueiredo, natural de Almeida; José Pereira Manojo, brazileiro; o padre Francisco Pereira Goes, natural de Pereira; José da Cunha Borges, do Alemtejo; Pedro Gomes Barbosa, de Salvaterra; Lourenço Pimenta, Antonio Maceiro, Thomaz da Silva, João dos Santos, todos de Coimbra. Estes foram os presos conduzidos a Lisboa, afóra um estudante de Aveiro, cujo nome não sabemos, e um filho do confeiteiro de Loures, muito conhecido n'aquelle tempo. Um dos mais façanhosos, Francisco de Sá, natural de Evora, pôde evadir-se de Coimbra para aquella cidade, e d'alli para Hespanha. O juiz dos orphãos de Evora, a quem fôra recommendada a captura de Francisco de Sá, procedeu negligentemente, d'onde lhe resultou ir por ordem de el-rei carregado de ferros para o Limoeiro.

O estudante Francisco Jorge Ayres, capitão da malta, foi degolado no Pelourinho de Lisboa em junho de 1722.

Antonio da Costa e Silva, de alcunha *o Pescada*, e José de Horta morreram na cadêa.

A maior parte dos outros cumpriu sentença de degredo.

Entre os presos havia um poeta, D. Manoel Alexandre da Costa, neto do primeiro conde de Soure, filho de D. Rodrigo da Costa, viso-rei da

India. Este fidalgo, ao saber que seu filho fôra preso na cáfila dos scelerados, adoeceu de vergonha, e morreu n'esse mesmo anno de 1722, aos 16 de novembro, quando o filho ainda estava no Limoeiro, esperando a sentença.

O protector deste moço era o marquez de Marialva, a quem o estudante, desde que o prenderam relatou em toantes, á moda do tempo, as suas desventuras. E' longo o poema, e fastidioso, sem impedimento do interesse inspirado pela tragedia do assumpto. Não me dispenso, porém, de trasladar as quadras que dizem mais ao intento. Refere o incidente imprevisto da prisão:

. . . .

Era, em fim, de madrugada,
a hora menos escura
em que o dia irresoluto
nem se esconde, nem se occulta,

Quando com bellicas vozes
pela destra mão avulsas,
pois a eloquencia de Marte
não tem lingua, e não é muda,

Se ouvem de uma, e outra parte
gemer as portas, e ruas,
em o concavo dos montes
o ar ferido retumba.

Todos ás janellas chegam
com desordenada chusma,
quem nas janellas não cabe
talvez aos telhados suba.

Quando vem de infanteria
uma bem formada turba
forte como portugueza ;
mas tyranna como turca.

Vem tambem destros ginetes
cujos pennachos, e trunfas
se tocavam das janellas
ao movimento das upas.

Por outra parte a justiça
entre os soldados vem junta,
que o ser a justiça armada
não é só para a pintura.

Das casas as portas tomam,
não de todas ; mas de algumas,
pois só se emprega a vingança
onde se suspeita a culpa.

Logo de vista tam nova
com diversas conjecturas
todo o prudente se admira,
todo o culpado se assusta.

Que será, que não será,
todo o innocente pergunta ;
não o pergunta o culpado
que a mesma consciencia accusa,

Quando para o desengano
de tudo o que se murmura,
a esquadra passa da porta
a guarnição que as occupa

Levando a baioneta
mettida, calçada a buxa,
muito valor, pouco termo,
pouca attenção, muita furia.

Assim entram os soldados
pelas casas mais occultas,
dem-se á prisão repetindo
ainda quando nada escuta.

Pois como vinham temendo
os do rancho, cada um cuida,
que cada taboa pregada
mil criminosos occupa.

Não ha cozinha, ou armario,
nem ha chaminé, nem tulha
que logo se não despegue,
logo não se desentupa.

Porém era muito cedo
sem que nenhum tal presuma,
pois a culpa obra-se sempre,
Que a pena espera-se nunca.

Nas camas os acham todos
mau é que o culpado durma,
porém quem se deita tarde,
claro está que não madruga.

Alli sem trabalho os prendem;
porque alli ninguem repugna,
pois não tinham como os corpos
alli as espadas nuas.

Querem fugir; mas não podem,
pois por militar industria,
como estão guardas ás portas
não ha por onde se fuja.

. . . .

Até aqui, não ha razão para grandes piedades; mas, ao diante, as trovas exhoram a compaixão; e o caso foi que o marquez de Marialva salvou do degredo o supplicante poeta; mas não pôde arrancar o viso-rei das presas do opprobrio que o mataram.

Quem visse dezesete annos depois D. Manoel Alexandre da Costa, obeso doutor em canones, prior da igreja de Santa Cruz no Minho, e principal da santa igreja de Lisboa, devia lembrar-se do socio bastantemente prendado do *rancho do Carqueja*, e recommendar á justiça de Deus os juizes que degolaram Francisco Jorge Ayres, e absolveram o afilhado do marquez, e sobrinho do segundo conde de Soure!...

FIM DO 1.º NUMERO

BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

NOITES DE INSOMNIA

SUMMARIO

TRABALHOS

DO

EXC.^{mo} SNR.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

DE QUE É EDITOR ERNESTO CHARDRON

O carrasco de Victor Hugo José Alves, romance. 1 vol. 500
A freira no subterraneo, romance historico (traducção). 1 vol. 500
Os amores do diabo, romance (traducção). 1 vol. 500
Mosaico e silva de curiosidades historicas. 1 vol. 500
Memorias do bispo do Pará. 1 vol. . 500
Poesias e prosas de Soropita. 1 vol. 500
A espada de Alexandre. Córte profundo na questão do homem-mulher e mulher-homem, por um socio prendado de varias philarmonicas 240
Carta de guia de casados, para que pelo caminho da prudencia se acerte com a casa do descanço, a um amigo, por D. Francisco Manoel. Nova edição, com um prefacio biographico, enriquecido de documentos ineditos . 360
Vida d'el-rei D. Affonso VI, escripta no anno de 1684. Com um prefacio 400
Diccionario universal de educação e ensino, traduzido e muito ampliado nos artigos relativos a Portugal e Brazil. 2 grossos volumes, de 800 paginas cada um, a 2 columnas . 6$000

BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

NOITES DE INSOMNIA

OFFERECIDAS

A QUEM NÃO PÓDE DORMIR

POR

Camillo Castello Branco

PUBLICAÇÃO MENSAL

N.º 2 — FEVEREIRO

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON
96, Largo dos Clerigos, 98
PORTO

EUGENIO CHARDRON
4, Largo de S. Francisco. 4
BRAGA

1874

PORTO
TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA
62 — Rua da Cancella Velha — 62

1874

AQUELLA CASA TRISTE...

(1872)

I

A casa grande das quinze janellas branqueja no espinhaço do monte.

As janellas fecharam-se ha seis mezes, ao mesmo tempo que duas sepulturas se abriram.

A sepultura do *Africano* que chegava ao cemiterio, quando a filha expirava; e a sepultura de Deolinda, quando o sino dobrava ainda nos funeraes do pai.

.·.

Ao homem, que morreu n'aquella casa triste, chamavam o *Africano*.

Estou-a vendo d'aqui.

As vidraças reberveram o sol poente.

Eu, ha hoje dez annos, vi abrir os alicérces d'aquella casa.

Lidavam operarios a centenares.

Entre os alveneis estava um sujeito, na pujança dos annos, magro, macilento e tostado pelo sol da Africa.

Disseram-me que era homem muito rico, e viera do cabo do mundo, e se chamava o «Duque» por appellido, e o *Africano* por alcunha.

Avisinhei-me d'elle com o semblante risonho de cortezias para lhe perguntar como ia, em monte assim agro e ermo, fabricar edificio tão grandemente cimentado.

Respondeu que tinha em Benguela uma filha, com quem andára viajando na Suissa. E que a sua Deolinda, estanciando nas empinadas serras de S. Gothard, lhe dissera que seria feliz se morasse no topo d'uma montanha, em casa imitante de outra onde pernoitára, e d'onde vira levantar-se o sol do seu leito de neve.

E elle, pai extremoso, rico e saudoso da patria, disse á filha que, por cima da casinha onde nascera, em um outeiro do Minho, sobranceava um alto monte, golpeado de regatos que derivavam por entre arvoredos fresquissimos.

E a filha, cingindo-se-lhe ao pescoço, exclamára:

—E quando vamos?

—Irei fazer a casa no alto do monte, e depois irás tu, e levaremos para a capella os ossos de tua mãi. E eu descançarei d'esta labutação em que pude grangear mais que o preciso ao teu passadío, visto que preferes a viver em Paris uma casa nas serras de Portugal.

E sahiu de Benguela, provido de dinheiro para edificar o ostentoso *chalet* que a filha phantasiára.

Ora, os architectos do Minho, como não percebessem a planta do *Africano*, construiram-lhe um palacio aldeão, especie de dormitorio monastico, um leviathan de granito zebrado de vidraças enormes e portas alterosas.

Perto d'alli, na outra lombada do mesmo outeiro, está o antigo solar torreado dos senhores de Farelães.

E eu que, n'aquelle tempo, me embrenhava nas ruinarias grandiosas do paço senhorial de Ruivães, a decifrar a lenda meio historica dos Corrêas de Sá nos frescos do tecto apainelado, ao perpassar pelas grossas cantarias do *Africano*, dizia entre mim: «O palacio cavalleiroso que desaba, e o palacio industrial que se levanta. Aquelle

recorda as manhas epicas do peito illustre lusitano, a industria da lança que atirou da India para alli, na ponta ensanguentada, a pedraria dos reis de Chaul, de Calecut e Mombaça. Ergue-se o novo palacio para assignalar á posteridade que o peito moderno lusitano é ainda illustre e emprehendedor, differençando-se do antigo sómente no que vai entre adaga e azorrague, entre acutilar o indio pela frente, ou verberar o ethyope pelas costas. »

Mas eu não sabia se aquelle homem, tão entranhadamente pai, amealhára os seus haveres por entre os perigos do cruzeiro. Talvez que não. A riqueza não é sempre o estipendio generoso dos homens crueis. E, em corações afistulados por peçonha de cubiça — sêde execravel que se apaga em lagrimas — não cabe o exaltado e santissimo sentimento do amor paternal. Quem chora por um filho não tem olhos que vejam, enxutos, arrancar escravos dos braços de suas mães. Verdade é que os praticos d'estes ultrajes a Jesus — ser divino em que Deus se manifestou no mais elevado grau da consciencia humana — dizem que lá, nas cubatas, não ha mães, nem filhos: ha individuos bestialmente rebanhados, e inconscientes de laços de familia. Se assim é, meu Deus, porque não déstes á vossa creatura de epiderme negra o amor

maternal que dulcifica as meiguices da hyena enroscada nos filhos?

. ˙ .

Aprumadas as paredes, delineados os repartimentos, os patins, as portas, a capella e o jardim, Duque, o *Africano*, saudoso da filha, deixou a obra em meio, e dinheiro de sobra ao seu feitor, pautando-lhe que, no prazo de doze mezes, a casa estaria feita.

E voltou a Benguela, onde tinha centenas de escravos, armazens de café, de marfim, de gommas, e as suas vastas sementeiras sobre dez leguas circulares de terra, onde o suor da pelle fusca, porejado pelo sol a pique, era um como adubo forte, um guano de sangue estillado por entre febras vigorosas e distendidas pelo latego.

Vendeu as fazendas, enfeirou as bestas e os negros, abarrotou a galera de carregação sua, esquipou a tolda, decorou de frouxeis de sêda o camarim da filha, e proejou á patria. Parecia um dos antigos viso-reis que voltavam da India, d'uns que não se chamavam João de Castro nem Affonso de Albuquerque.

—Vale duzentos contos a carga da *Deolinda!* —diziam os amigos do *Africano*, quando as velas da galera, chamada com o nome da filha de

seu dono, trapeavam bafejadas por aprazivel briza.

A navegação, por perto da costa, e sempre ajudada por prosperos ventos, correu alegre e descuidosa de receios.

Deolinda deleitava-se a remirar a prata das ondas espumantes, ou, enlevada em leituras amenas, passava as tardes na tolda, em quanto não chegavam os seus amores mais queridos, as estrellas do céo e as phosphorescencias do mar.

Ella era mulata, e bella quanto cabe ser, com a face beijada por aquelles raios ardentes e o sangue escaldeado das lufadas do deserto — mulata, com as feições levemente denunciativas da raça materna, quasi tirante a esmaiado amarellido, um bem harmonisado conjuncto de graças, avantajadas ao que se diz belleza, debaixo d'este nosso céo de rostos niveos, sangue pobre, e epiderme alvacenta.

.˙.

Trasmontada a linha, e festejado o passo com descantes da maruja, o céo entrou de nublar-se, a nortada a ringir nas gaveas os silvos agoureiros, e o piloto esperto a encarar mui fito em um nevoeiro que se acastellava, sobre noite, á volta do sol esmaecido. Era em fevereiro de 1869.

Ao repontar a manhã do dia seguinte, o mar urrava acapellado, as nuvens desciam a sorver as ondas que se encurvavam, o sol apenas entreluzia frio e marmoreo na baça claridade da manhã.

Ao meio dia, o escurecer fez-se rapido e pardacento como um crepusculo de noite invernosa.

Bravejou subita furia de mar, apenas colhido o velame.

O piloto vira terra, e cobrára alento na esperança de aproar a Cabo Verde, com quanto se temesse d'aquella costa infamada de muitos naufragios, desde que portuguezes se andam á cata de ouro e opprobrio por entre os colmilhos da morte, na espadoa das tempestades, a braços com a ira de Deus e dos homens.

Noite alta, estrondeou no cavername da galera um como estampido de peça que detonasse dentro.

Deolinda foi colhida nos braços do pai, quando resvalava da camilha ao pavimento, com o livro das suas orações nas mãos convulsas, e o nome da Mãi dos afflictos nos labios.

—Morreremos, meu pai?!—perguntou trespassada de horror.

—Animo!—murmurou elle—abraça-te em mim, que eu não quero chorar-te nem que me chores, filha... Morreremos juntos.

Em cima estrugia a celeuma dos marinheiros, o rojar rispido das amarras, os gritos, as supplicas, os apitos, o troar da peça que pedia soccorro, e o dos trovões, que reboavam, e um relampadejar que azulava os abysmos.

E, de subito, a galera, após aquelle repellão que lhe vibrou as cavernas, quedou-se arquejante, a roçar nos espigões da restinga.

E as vagas, raivando contra aquelle estorvo, galgavam-no rolando-se, refervendo e marulhando de um bordo a outro. O porão descosia-se, bebendo e golfando jorros de agua como o monstro dos mares escalavrado pelos arpéos.

O capitão, pallido mas sereno, debruçou-se no corrimão da camara, e disse:

—Encalhou a galera, snr. Duque. É tempo de sahir a terra.

—Nenhuma esperança?—perguntou o *Africano.*

—As vidas salvam-se... talvez...

—Só?...

Perguntou o homem rico; mas aquelle monosyllabo, estrangulado na garganta, rouquejou como um arranco da vida. *Só!* Só a vida? O meu suor de quarenta annos, os meus duzentos contos de reis não se salvam? Eu hei de sahir pobre d'entre esta riqueza que é minha, que é o

repouso da velhice, o patrimonio de minha filha? *Só!*

E as lanchas, balançadas no vai-vem das ondas, chofravam nos flancos do navio por entre espadanas de espuma.

Deolinda atravessou corajosa, e firmada no braço do pai, até ao portaló. O *Africano* levava no rosto um terror indescriptivel, e nas contorsões e visagens de afflicção a agonia da peor morte.

E ella saltou de impeto ao escaler, apenas amparada na mão de um passageiro, que lhe disse:

— Adeus...

— Não vem? — perguntou ella.

— Primeiro hão de ir as crianças, as mulheres e os velhos.

Deolinda contemplou-o alguns momentos, e amparou-se na face do pai, onde as lagrimas derivavam copiosas.

Os escaleres vararam na areia, revessados no rolo da vaga. Estavam salvos os velhos, as mulheres e as crianças.

E, logo, os remadores intrepidos que outra vez se arrostavam com a morte, viram a galera a balouçar-se entre o vagalhão, e ouviram o estralejar do cavername por sobre os clamores dos naufragos; depois, levantou-se um grande mar, e

a lancha ficou para além d'essa formidavel montanha; e, quando o escarcéo descahiu para solevar a barca, um momento quieta nas fauces da voragem, os mareantes já não viram da galera senão o gume da quilha, e á volta d'ella o bracejar dos agonisantes.

.·.

Um dos que alli morreram foi aquelle que, dando a mão a Deolinda, lhe dissera: «Adeus!»

Era um homem de trinta annos, bem figurado, ares de fina raça e maneiras de cortezão, com palavras polidas e muito alheias das usuaes nos homens que viandam por aquellas paragens. Não lhe sei o nome, nem que lh'o soubera o diria. Foi-lhe tumulo o mar, como se a sorte quizesse que o seu nome se não lesse em epitaphio. Sei que elle cumprira sentença de tres annos em Angola, porque aspirára ás honras de ser rico, sem escrupulisar nos meios. Tinham-lhe dito que os seus conterraneos mais nobilitados se haviam enriquecido, trocando as riquezas da sã consciencia por outras que levam ao inferno, é verdade, mas pelas portas do paraiso das regalias d'este mundo. Via-os saborearem-se em socego dos bens mal adquiridos, sem remorso que lhes desvelasse as noites, nem injuria da sociedade que lhes pozesse

ferrete na testa; ao revez d'isso elles eram a classe mais ao de cima, a gente chamada ás honras, sem desconto na estupidez nem proterva reputação, quanto á procedencia de seus bens de fortuna.

Nascimento illustre, educação primorosa em letras, e bastante descuidada em moral, pobreza repentina por effeito de demandas que o esbulharam do patrimonio, impaciencia, ruins exemplos de infames prosperados — todas estas cousas se travaram de mão para o perderem. O seu crime foi associar-se desaproveitadamente com moedeiros falsos, prestando-se a servir de passador de notas no Brazil; no acto, porém, de fazer-se á vela para lá, de um porto do archipelago açoriano, foi denunciado, preso, e condemnado.

De volta para Portugal, foi visto por Deolinda a bordo da galera de seu pai, que o tratava com desdem, senão desprezo. A filha do negreiro — negreiro no começo da vida mercantil, mas depois (bemdita seja a civilisação!) philanthropo seguidor das leis humanitarias impostas pelo cruzeiro — soube de seu pai o crime do passageiro, e não se compenetrou do racional horror de tamanho delicto. Bem que o condemnado não ousasse abeirar-se dos mercadores, e menos d'ella, Deolinda usou traças de conversar com elle uma fugitiva hora

de noite serena, emquanto o pai, no seu camarim, formava esquadrões de algarismos, dos quaes tirou a prova real de que os seus haveres excediam para muito os duzentos contos que lhe attribuiam.

Desde essa hora da noite estrellada em que ella ouvira palavras nunca ouvidas, accendeu-se no coração combustivel da mulata o fogo que costuma purificar as culpas do homem amado, tanto monta que elle seja moèdeiro falso, como homicida, quer negreiro, quer ladrão de encruzilhada.

E elle soube que era amado d'aquella mulher que havia de herdar muito ouro, e nem por isso lhe deu o galardão de ter descido até ao pobre estigmatisado para sempre. Nem palavra de humildade agradecida, nem de animo alvoroçado por esperança de ser, a um tempo, amado e rico. Deolinda ousou arguil-o de frio e desdenhoso. Elle explicou docemente a sua frialdade, dizendo que só havia no mundo uma mulher que não devia desprezal-o, e uma só a quem elle devesse amar sem pejo nem temor de ser repellido.

—Quem é?—perguntou ella em sobresalto.

—É minha mãi. Vou procural-a, e pedir-lhe perdão, porque puz a minha ignominia á cabe-

ceira do seu leito de moribunda. Se a não mataram vergonhas e saudades, é porque Deus quer que eu a veja.

.˙.

Quem sabe ahi dizer o que Deus quer de nós?

O degredado, na volta da patria, alli morreu n'aquelle naufragio, depois que ajudou a salvar as crianças, as mulheres e os anciãos, despedindo-se de todos com aquelle sereno adeus que dissera á filha do *Africano.*

E Deolinda, quando soube que elle era um dos vinte e cinco cadaveres escalavrados na costa de Cabo Verde, chorou poucas lagrimas, e parecia querer romper no seio uma represa d'ellas, que lhe deliam os estames da vida.

—Estamos pobres!—exclamava o pai.

—Temos de mais para o que havemos de viver—respondia ella com uma alegre serenidade.

—Porque has de tu morrer, minha filha?—volvia elle já conformado com a desgraça.

—Porque senti ha pouco um estalo no coração, e cuidei que morria abafada. Passou esta ancia, mas sei que hei de morrer d'isto. Parece que vejo a sepultura aberta, e que o frio do cadaver me trespassa.

O pai aconchegou-a do seio, como quem aquece uma criança enregelada, e soluçou:

— Ó meu Deus! levai-me minha filha, quando eu me queixar da vossa vontade que me reduziu a esta pobreza!

II

Quando soou em Ruivães a nova de haver chegado ao Porto o *Africano*, com a filha, os homens ricos e pobres, da terra e de fóra, contribuiram com mais ou menos para se lhes fazer uma espera de estrondo em Famalicão. Contractaram-se as bandas musicaes mais em voga, ou *mais na berra*, como diziam os antigos. Parece que a phrase seiscentista foi inventada particularmente para as orchestras d'aquelles sitios, as quaes *berram* pelas suas guelas de metal, quando a paixão philarmonica as não exalta do berro ao mugido, do mugido ao urro, e do urro ao bramido. Ha alli trombetas que parecem ter assistido ao arrazar-se da Jericó da Biblia, e se reservam para trovejarem o horrendo signal da resurreição em Josaphat.

Eram quatro as philarmonicas chamadas a festejarem a entrada de Antonio Duque no concelho. A musica de Landim, famosa por seis cornetas de chaves, que executavam valsas e peças

theatraes, de modo que, se Ducis as ouvisse, diria que a opera lyrica balbuciára os seus primordios entre as florestas druidicas. A banda de Fafião competia com a de Guinfões na substancia das trompas e troada das caixas. A de Ruivães avantajava-se ás tres rivaes na delicadeza das modas e sentimentalismo com que as charamelas respiravam o sopro d'aquelles musicos, cujas bochechas pareciam estar cheias de alma e castanhas assadas.

Sou um homem feliz e digno de inveja. Tenho saboreado os innocentes deleites que prodigalisam ao seu auditorio as quatro bandas musicaes de Landim, Fafião, Ruivães e Guinfões. Quando algum amigo vai alegrar o ermo de S. Miguel de Seide, chamo logo a musica mais delicada, a de Ruivães; principalmente se o amigo é de Lisboa, e frequentador de S. Carlos. O senhor visconde de Castilho e seu filho Eugenio são chamados a depôr n'este processo da immortalidade que vou instaurando ao figle e á requinta, principalmente á requinta de Ruivães. Não vi o senhor visconde chorar de prazer, mas observei que s. exc.ª estava commovido quando a requinta assobiava uns guinchos estridentes da *Maria Caxuxa*.

Thomaz Ribeiro, o poeta eminente, recolhia-se ás vezes, não ao seu quarto a calafetar os ouvidos, mas ao intimo de sua alma a fazer viveiro

de inspirações. Eugenio de Castilho, o poeta das phantasias louras, quer a musica de Ruivães lhe amolentasse a sensibilidade, quer os rouxinoes das ramarias lhe déssem invejas dos seus amores, fosse o que fosse, foi assaltado e vencido d'uma paixão.

Esta paixão tem uma historia. Não sei se elle tenciona escrevel-a nas suas memorias posthumas; e, assim, contal-a eu, é esbulhal-o da novidade e primazia; desconfio, porém, que o meu hospede e amigo desconhece a historia d'aquella raparigaça de cabellos de ouro e ancas boleadas que deslumbrava a duzia de moças requebradas que lhe apresentei na eira.

Chamava-se ella Amélia de Landim. Contava-se que tinha vindo para alli da roda dos expostos de Barcellos. Naturalmente, porque era linda e pobre, ou se vendera ou tinha sido vendida. Assim se disse; mas o certo foi que um filho de lavrador rico lhe dera o impulso no alto da ladeira, ao fundo da qual estava a voragem. Póde ser que a alma se abysmasse e requeimasse no fogo dos infernos por onde resvala a mulher perdida. Póde ser. Do corpo é que ella não perdera a menor belleza; nem sequer o viçor dos dezoito annos.

Teria então vinte e cinco. Não era belleza peninsular. Aquelle escarlate, os olhos azues, os opu-

lentos cabellos louros, a pujança das fórmas, a musculatura rosada e rija, a elegancia congenita, o riso, a desenvoltura sem despejo, a graça lubrica do trajo, em fim, a mulher, os arvoredos, a musica de Ruivães, nomeadamente a requinta, e em meio de tudo isto um rapaz de vinte e dous annos, poeta porque é Castilho, e ardente porque é trigueiro, e apaixonado porque é ardente, eis aqui o porquê d'aquelles amores.

Castilho carecia de um confidente com ouvidos e critica. A poesia não lhe deu para se confidenciar com os sobreiros da mata, nem me consta que elle se andasse a entalhar na cortiça iniciaes e datas.

O seu confidente foi o morgado de Pereira, ultimo senhor da honra e couto de Esmeriz, um rapaz de grande coração, que eu apresentei, no Limoeiro, a José Cardoso Vieira de Castro, que, em 5 de outubro do anno passado, morreu no degredo, para onde o acompanhou aquelle morgado. Este neto dos Ferreiras Eças, e dos remotos castellões de Riba d'Ave, é hoje em Cassengo, na Africa, negociante de café, de marfim, de gommas, de farinhas, etc. Depois de haver bandarreado vida de fausto, com muitas illusões perdidas, mas pouquissimas lagrimas, porque a desgraça lhe anda sempre a morder os ta-

cões das botas, em dia de fieis defuntos, ajoelhava, e então chorava, no cemiterio de Loanda, defronte do cómoro onde jaz Vieira de Castro, o mais sublime desgraçado que os homens injuriaram, desde que o sol de Deus aquece condições de feras dentro dos covis que se chamam arcas do peito.

Ó meu caro morgado, estas linhas não chegam ao seu sertão, nem eu desejo que as leia, para lhe não darem rebates de saudade d'aquellas noites de 1866, quando vossê e mais o seu gentil confidente, com intervenção da lua, fallavam da Amelia de Landim, em quanto os meus queridos visconde de Castilho e Thomaz Ribeiro se embellezavam nas trovas da Custodia da Feira, que seria Hypathias, se nascesse na Grecia, ou Corina, se os amavíos de Italia lhe coassem no seio cousas mais limpas do que as coplas que a trovadora do Minho tirava do estomago em perfumes de vinho verde.

Não sei como Eugenio de Castilho sahiu de S. Miguel de Seide, pelo que respeita á alma. Lá dizia-se que Amelia, a douda, vehementemente apaixonada, iria depós elle. Eu receei o lanço de fino amor, d'onde adviriam ao meu hospede agros desgostos. Se os de Lisboa lh'a vissem, quantos rivaes, que mordentissimos ciumes! Aquil-

lo era mulher para destinos extravagantes. Que a sentassem n'uma friza de S. Carlos! Os binoculos assestados n'ella seriam tantos como as paixões, e ao outro dia a engeitada de Landim, se não fizesse ministerios, havia de fazer muito amanuense de secretaria, e dar vazão ao estanque de muito bacharel.

Não foi: estava-lhe reservado menos brilhante, mas mais pacifico destino.

Um dia, appareceu em Landim um homem de Barcellos, procurando a mulher, que trouxera da roda dos expostos, em 1851, uma menina chamada Amelia. Vivia ainda a ama que a creára. Foi chamada a exposta á presença do homem que se dizia portador de uma fausta nova.

Chegou Amelia, e recebeu do velho desconhecido o tratamento de *excellencia*. Cuidou-se ella ludibrio do sujeito, e riu-se ás casquinadas para lhe agorentar o prazer da zombaria.

No em tanto, o velho, composto gravemente o aspecto, disse-lhe:

— Minha senhora, não é para gargalhadas a missão que venho cumprir...

— Pois v. s.ª está a dar-me *excellencia!* — volveu Amelia.

— Dou-lhe o tratamento de seu pai e seus avós. Seu pai, o snr. Alvaro de Mendanha, anti-

*

quissimo fidalgo e representante dos alcaides-móres de Barcellos, falleceu ha tres dias com testamento, em que declara que houvera de uma sua parenta, áquelle tempo freira no mosteiro de Vayrão, uma filha, que por justos motivos expozera, assignalando-a com o nome e outras circumstancias. Acrescenta que tem noticia de existir em Landim essa menina, que elle reconhece sua filha, e a institue sua universal herdeira. É v. exc.ª por tanto a herdeira do snr. Alvaro de Mendanha.

A ama abriu a bocca e despediu um *ah* surdo, que vinha da garganta afogada pelo jubilo.

Amelia quedou-se immovel, pensativa, triste, e murmurou:

— Se meu pai sabia que eu estava aqui, porque me não levou para a sua companhia?

— Respondo, minha senhora. Quando v. exc.ª tinha dezoito annos, seu pai indagou e descobriu que a snr.ª D. Amelia estava aqui; porém, ao mesmo tempo, exactas ou inexactas informações lhe asseveraram que a senhora levava uma vida pessima, deshonrada e cheia de opprobrio. Receou, com algum fundamento, o snr. Alvaro de Mendanha que o aviltamento de sua filha desluzisse o lustre do seu nome, e por isso abafou o coração e o remorso debaixo do peso da di-

gnidade, ou recuou diante da irrisão do mundo...

— Mas... — interrompeu Amelia — se eu estava perdida, foi porque elle me atirou ao mundo e á sorte sem amparo de ninguem...

— Tem razão, minha senhora, e foi essa mesma a razão que moveu seu pai a deixar-lhe todos os seus bens.

— Mas eu antes queria conhecel-o e ser pobre, que ser rica por morte d'elle.

— Já que não é remediavel essa nobre dôr — tornou o testamenteiro de Mendanha — receba v. exc.ª a suprema prova do arrependimento de seu pai. N'este legado dos bens está o legado do coração. Seja de hoje em diante v. exc.ª digna d'elle, já que desde esta hora os seus appellidos são dos mais illustres d'esta provincia.

N'este mesmo dia, D. Amelia de Mendanha sahiu para Barcellos, onde entrou a occultas para o palacete de seu pai, a fim de trajar luto e apparecer convenientemente aos numerosos parentes que confluiam a desanojal-a.

Os bens eram grandes em terras e fóros. Casa antiga e solida. Alfaias do tempo de D. João V a dourarem os salões de tecto apainelado, com reposteiros brazonados. Na parte mais velha do edificio cadeiras repregadas de bronze, contadores atauxiados de prata e enxadrezados a côres, gua-

dalmesins nas paredes, amplas mesas de pés torneados, leitos rendilhados com as armas dos Mendanhas na espalda, bufetes, jarras da India com as iniciaes de um governador de Chaul, oriundo de Mendanhas, retratos de familia a começarem em D. Gil Gutierres de Mendanha, solarengo de Barcellos. Em meio d'isto, e senhora de tudo isto, aquella Amelia de Landim, ó meu amigo Eugenio de Castilho! aquella Amelia, que sarabandeava a *cana verde*, o *Leva agua o regadinho*, e descantava umas *torradas com manteiga* que não ha ahi mais que se diga.

— Onde estava ella?

Perguntavam entre si as primas e os primos.

E diziam exactamente onde ella estivera e de que infectos paues se levantára com azas de ouro aquella borboleta sahida de tão feio casulo! Relatavam-se os pormenores da sua desgraçada vida, encareciam-se, como se fosse preciso, as deshonestidades... e visitavam-na.

Volvidos alguns mezes, tres padres, á compíta, lhe sahiram a propôr tres casamentos: rapazes, parentes, abastados ou arruinados, mas fidalgos e gentilissimos de suas pessoas.

Rejeitou-os.

Um dia, sahiu D. Amelia de Barcellos, na sua sege, apeou em Famalicão, sahiu a pé, e parou

perto de Landim, á porta de um lavrador. Procurou por um homem que dava pelo nome de Antonio do Couto-de-baixo.

Sahiu a fallar-lhe no quinteiro, ou alpendre, um sujeito de trinta annos, boa figura de camponio, estupidez em barda por todo aquelle carão.

— Antonio — disse ella — conheces-me?

— A senhora, a senhora... acho que é... — tartamudeou o lavrador agadanhando no occipital.

— Sou a Amelia de Landim. Quando eu tinha 15 annos, amei-te. Era então innocente. Esperava ser tua mulher, e perdi-me. Teu pai não te quiz deixar casar commigo, porque eu era pobre. Sei que soffreste, e quizeste fugir para o Brazil, a fim de ganhares dinheiro, para depois me receberes. Eu não te deixei ir. Sabes qual foi a minha vida depois. Hoje estou rica, ainda te amo, porque foste a origem da minha desventura. Queres casar commigo? Responde.

— Quero.

— Então segue-me.

— Deixa-me ir dizer a minha mãi; que essa queria que eu casasse comtigo.

— Pódes dizel-o a teu pai, que esse tambem quer agora.

E, d'ahi a momentos, o pai e a mãi sahiram

ao alpendre a recebel-a, e levaram-na para o sobrado entre caricias.

Ahi pernoitou.

O velho nunca pôde desarticular os queixos da apostura do espasmo, desde que D. Amelia principiou a contar por milhares de alqueires de milho o rendimento de sua casa.

Ao outro dia, que era domingo, leram-se os primeiros banhos, e, com dispensa dos immediatos, casaram-se na igreja de Santa Maria de Abbade.

.˙.

Mas a que proposito cahiu este conto, que não tem que vêr com AQUELLA CASA TRISTE!...

Ah! foi por amor da requinta da musica de Ruivães, que está agora silvando na Barca da Trofa, á espera de Antonio Duque, o *Africano*.

III

As quatro musicas reunidas na Ponte da Trofa, depois de espavorirem os passarinhos, que, ao descer da tarde, se emboscavam nas ramarias do rio Ave, retrocederam, porque o Duque não chegou. Os promotores da festa, mandando sobraçar os feixes de foguetes de tres estouros, disseram

entre si que o *Africano*, faltando á hora da espera triumphal, bem demonstrava ser filho do capador da Lamela. Outro era de parecer que o Duque, tratando de resto as pessoas que o obsequiavam, dava a perceber que não queria amigos... do seu dinheiro.

O *Africano* havia escripto de Lisboa ao seu feitor, annunciando-lhe o dia em que tencionava chegar á sua casa de Ruivães, com recommendação de lhe ter preparados os leitos e assoldadada uma boa criada para o quarto de sua filha.

Divulgou o feitor a nova, sem propalar a do naufragio, porque a não sabia. Se o homem lesse gazetas, informaria os seus visinhos do desastre de seu amo, da riqueza engolida pelas guelas da tormenta, da quasi pobreza em que ficára o naufrago, e, em fim, das piedosas lastimas com que os periodicos deploravam a catastrophe de duzentos contos grangeados honestamente. Se isto se soubesse em Ruivães, não haveria quem se afanasse em busca de musicas, competindo entre si os obsequiadores sobre qual arranjaria aquella que maiores gritos fazia dar á fama pelos buracos da requinta. Quanto ás vinte e quatro duzias de foguetes de tres estouros, que os rapazinhos de Ruivães tinham carregado até á Ponte da Trofa, é bem de vêr que ninguem se abalançaria a tama-

nho estrondo de generosidade, se se soubesse que o Duque não vinha em circumstancias de chorar de ternura abraçado ao peito magnanimo d'onde rabiavam tantos foguetes.

No dia marcado ao feitor, devia o *Africano* chegar á Ponte, onde era esperado; porém, apeando na estalagem da Carriça, legua e meia distante, ouviu dizer que na Trofa estava o poder do mundo, com quatro musicas, e muito fogo do ar, á espera de um brazileiro que vinha da Africa.

Ouvido isto, Duque disse ao boleeiro que recolhesse a parelha da sege, porque resolvera sahir de madrugada.

Depois, foi contar á filha o que ouvira, e o desgosto que queria evitar no encontro de festas, tão desapropositadas da tristeza de ambos.

Deolinda, prostrada no leito, approvou a resolução do pai, queixando-se de agonias, suffocações e desmaios do coração, que mal a deixavam seguir a jornada.

Passou o pai o restante do dia e parte da noite á beira da cama, inventando com santo esforço alegrias que divertissem Deolinda da concentração que uma ou outra lagrima desafogava por momentos. Alegrias!...

Que heroismos cabem em peito de pai! Quantos ha que são suppliciados por esse amor que

parece vir da mão de Deus! Que maiores angustias tem esta vida, se comparamos todas á d'aquelle pai que alli estava ao pé da filha que os medicos de Lisboa lhe haviam auscultado e considerado perdida!

Mas elle, acreditando na sciencia que tem a certeza de ser lesão mortal a hypertrophia do coração, afigurava-se-lhe que a Providencia o não castigaria tão severamente, fazendo-o sobreviver ao perdimento dos bens, para depois amparar em seus braços a filha agonisante. Nunca discutira entre si se Deus era preciso, ou que parte lhe coubesse no regimento d'este mundo. São meditações estas que, em Africa, passam rapidas como o sirôco, mas não abrazam, nem obrigam as caravanas a curvar o corpo até bater com as faces nos areaes. Os que por alli veniagam, á imitação do pai de Deolinda, pensam, se acaso pensam, que a justiça do céo tem alçada em mais amenos climas, e descura saber se lá o homem tem mais ou menos semelhança com o tigre. Porém, depois que o céo se azula e estrella, áquem da linha, e a briza refrigera o sangue, os expatriados, maiormente os ricos, não recusam crêr que ha Deus, dadas certas condições; fazem-lhe o obsequio de o conjecturar sentado á mão direita do Padre Eterno, e absorvido na perennal gloria de sua di-

vindade, sem entender nas trivialidades d'este globo, mais pequeno que os milhares de mundos que lhe circumvalam á ourela do throno. Esta philosophia é grandiosa e barata. Cançam-se os mestres em a propagar, e todavia qualquer sandeu bem engraxado a tem espontanea na alma, como tortulho em lodaçal, sem que os philosophos lh'a inculquem. Estudem Ario, Spinosa, Renan, e outros, afóra o meu bacalhoeiro, que tem dentro de si tres philosophos, um portico, um lyceu, dentro de si, repito, porque o *si*, o *elle*, são as cedulas bancarias, a burra, que tem um nome de predestinação para aviso e escarmento de sabios que se burrificam, não querendo acabar de entender que saber, honras, regalos, respeitos, inviolabilidades, vêm tudo da burra.

Succede, porém, uma vez ou outra, encrespar-se uma onda, que logo se arqueia em vagalhão, e se abre em voragem. Ahi resvala a riqueza do homem, que se arrodelára com ella das farpas do mundo. Os brilhantes impenetraveis do arnez cahiram e rolam na profundidade do abysmo. Aqui está o homem a pensar em Deus, porque está pobre, está sósinho, já se não vê idolo dos outros e divindade de si proprio. A desgraça, que traz sempre comsigo um anjo vestido no céo com uma luz que arde inextinguivel no tumulo de Silvio

Pellico, assenta-se ao lado do infeliz, e começa por lhe dizer:

«Que eram esses bens da vida, se tão depressa te reduziste a esta pobreza? Olha tu para as estrellas que scintillam serenamente sobre a voragem que t'os devorou, e pede ao meu anjo que te diga o que ha d'estes milhões de mundos para além!»

Ah! quando esta voz repercute na consciencia de um pai, e ao mesmo tempo a aza da morte roça e tinge de rubor febril a face de sua filha, então sim, Deus entreluz na treva, a alma crê, mas crê para pedir de mãos erguidas. Isto é fé, é fé que relampagueia; mas eu não sei se alguma hora a razão dos grandes desgraçados foi alumiada por esse relampago.

Pelo que, assim orava o *Africano*, ás quatro horas da manhã, em pé, defronte do leito da filha adormecida.

.·.

Entraram na casa apalaçada de Ruivães, inesperadamente.

Quando o souberam os visinhos, um correu á igreja a repicar o sino e a sineta, outro rompeu as nuvens com girandolas, a orchestra da terra,

que andava dispersa a sachar os milharaes, confluiu de galope a casa do mestre, escodeou as mãos no regato, travou dos metaes, e prorompeu estridulamente á porta do *Africano*, tocando o hymno de 20, o hymno do snr. Costa Cabral, o hymno da snr.ª Maria da Fonte, o hymno do snr. duque de Saldanha, e o do Santo Padre Pio IX.

O *Africano* sahiu á janella com sua filha, cortejou o publico, assistiu a duas mazurkas tocadas com variações de requinta, e pediu venia para recolher-se em razão de sua filha se sentir mal com o sol que lhe dava no rosto.

O publico murmurou, tregeitando uns momos significativos de menos respeito.

O feitor foi dizer a seu amo que era preciso dar de beber aos musicos, e receber a visita dos parentes e mais lavradores.

O Duque respondeu:

— Vá ahi fóra ao pateo, e diga bem alto que eu estou pobre.

— Pobre! — acudiu o feitor casquinando um riso perspicaz — Bem me fio eu n'isso! V. s.ª está a mangar!...

— Faça o que lhe digo — volveu severamente o amo.

E, de facto, o criado foi ao pateo, chamou a si os lavradores mais grados, o mestre da musica, o

boticario de Délães, e o boticario de Landim, e o regedor de Vermoim, e disse-lhes:

— O ill.mo snr. Duque manda-me dizer a vossemecês que está pobre.

Os circumstantes olharam uns para os outros, embrutecidos pelo mesmo choque. Um d'elles, porém, que eu presumo fosse um dos dous boticarios, deu aos beiços um geito de quem vai orar. Encararam-o todos, e o boticario tirou do peito estas duas palavras:

— Ora bolas!

E sahiu do pateo.

Tenho esquadrinhado o melhor sentido d'aquellas palavras do attico pharmaceutico. Consultei philologos, que mais convisinham d'este sujeito, e apenas colhi que as expressões «ora bolas» montavam tanto como dizer: ora bolas.

Eu, porém, dou mais lata interpretação ao epiphonema, sabendo que todo aquelle gentio *boloirou* para casa [1].

.˙.

O *Africano*, passados seis mezes, procurou um

[1] Não se procure *boloirar* nos diccionarios, em quanto os diccionaristas ignorarem a linguagem popular do classico povo do Minho e Traz-os-Montes. Lá, fazer rolar uma bola, é *boloirar*.

brazileiro rico de Ninães, recentemente chegado, e disse-lhe:

— Sei que o senhor está resolvido a edificar uma casa. Se quer poupar-se a grandes despezas, incommodos e desgostos, compre-me a minha. Vendo-lh'a por metade do que me custou, com uma condição: se eu e minha filha não tivermos morrido dentro de seis mezes, serei obrigado a dar-lhe a casa no fim d'este prazo; mas, n'estes primeiros seis mezes, o senhor não poderá occupal-a.

Pediu o brazileiro explicações de tão estranha clausula.

O Duque respondeu:

— Minha filha está mortalmente enferma. Tem um aneurisma. Eu tambem me sinto no termo da vida. Vou morrendo a cada hora que a doença me deixa vêr a morte na face de minha filha. Não hei de sobreviver-lhe, se Deus me não fizer o beneficio de me levar adiante.

Consolou-o o brazileiro conforme soube, aceitou a proposta, e assignou as escripturas no dia seguinte, entregando ao vendedor alguns contos de reis.

Pagou o *Africano* as dividas contrahidas em Cabo-Verde, encerrou-se na ante-camara do quarto de sua filha, e deu-se pressa em aggravar os

seus padecimentos á custa de se remirar no seu infortunio, de cortar bem dentro as fibras ainda rijas do coração, antecipando a imagem da filha morta, repulsando todo o allivio da esperança, furtando-se a todo o desafogo, matando-se com a lentidão de um desvairado que se encavernasse n'um antro, esperando sem terror a entrada da fera, e anciando-a para se lhe rasgar nas presas.

Ao quinto mez do contracto, os padecimentos de Deolinda tocaram nos extremos symptomas da morte. As hemorrhagias amiudaram-se. Estava já entorpecida, immovel, salvo quando arrancava do seio as aspirações, que revelavam ao través das coberturas da cama os arquejos do coração.

N'esta conjunctura, o pai estabeleceu entre si e Deus uma convenção que era já delirio precursor da demencia ou da morte: « Se ella hoje morrer, ou Deus me mata ámanhã, ou, quando ella estiver sepultada, eu me matarei. »

O parocho, que sacramentára Deolinda, ouviu estas vozes, e disse aos botões da sua batina: « Este homem está no inferno. »

Quando ficou sósinha, Deolinda chamou o pai e disse-lhe:

— Não quero ir d'esta vida, sem dizer-lhe um segredo com que não devo morrer. No meu bahú está uma caixinha de folha, que o mar lançou á

praia, depois do naufragio. Levaram-me em Cabo-Verde esta caixinha, cuidando um marujo que fosse minha. Abri-a, e vi que encerrava cartas de uma mãi muito extremosa para seu filho. O filho era aquelle rapaz que vinha do degredo, e salvou os velhos, e as crianças, antes de morrer. A mãi, que lhe escrevia, diz-lhe em algumas cartas que tem sentido as angustias da fome. Chama-se ella... Meu pai lhe verá o nome e a terra onde vivia... Se tiver morrido, feliz d'ella. Se ainda viver, meu pai, mande-lhe como esmola o que ficar do meu espolio, e diga-lhe que eu... lhe amei o seu infeliz filho... até morrer... por elle!...

—Cumprirei a tua vontade, minha filha—respondeu o pai.

.·.

Ditas aquellas palavras, o *Africano* encarou na filha com a fixidez torva de um amaurotico. Depois, como se sentisse dobrar sobre os joelhos, sahiu da alcova, atirou-se como ebrio para o leito, e murmurou estas vozes:

—Meu Deus! morro por amor de minha filha, e ella... morre por outro... Bem podia consentir a desgraça que eu morresse sem este desengano... Vinte annos a adorar esta filha, um anno a ago-

nisar ao pé da sua agonia... e a final ouço-lhe dizer que morre por um homem... que não era seu pai...

Escabujou em ancias muito afflictivas, pedindo a Deus com dilacerante esforço que lhe abreviasse o transe. Rompeu em soluços; e, suffocado pelo choro ou por um golfo de sangue, arrancou da vida n'um estremecimento instantaneo.

Deolinda ouviu o murmurio rouco d'esta convulsão da morte, e voltou a face para onde suppunha que estava o pai.

Chamou-o. Sentou-se no leito com supremo esforço. Tangeu a campainha. Acudiu a criada, a quem ella pediu que lhe désse o seu vestido. Foi nos braços da criada á sala contigua, onde o pai tinha o seu leito. Dobrou-se sobre o peito d'elle, colhendo-lhe nos labios um halito ainda quente, como vestigio da alma que passára queimando as fibras por onde abrira a fuga do seu inferno.

— Morto! — bradou ella, golfando-lhe no seio o derradeiro sangue.

Transportada ao canapé fronteiro, alli se quedou empedernida. Não houve rogos que a tirassem de lá. Viu amortalhar o cadaver de seu pai, viu-o sahir no esquife para ser depositado na capella da casa, ouviu o ultimo dobre da sepultura; e então, comprimindo o seio esquerdo com ambas

as mãos, invocou a compaixão da Virgem Santissima, e expirou.

.˙.

Lá está em cima aquella casa triste... O brazileiro, que a comprou, não a quiz habitar. As janellas nunca mais se abriram. O vestido, que despiram do cadaver de Deolinda, pende ainda da espalda do canapé em que ella morreu.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA HISTORICO (!)

Snr. redactor das NOITES DE INSOMNIA.

Conseguiu vossê que eu adormecesse antes de lêr a terceira sentença a favor d'el-rei D. Sebastião. Muito obrigado a vossê e aos tres papas.

Aquelle D. Sebastião que em 1630, com 76 annos de idade, tinha uns filhos, que ninguem depois conheceu, seria causa a eu descrer da authenticidade das sentenças, se não soubesse que santo Isidoro, arcebispo de Sevilha, o propheti-

sou assim, tal e quejando, com filhos, netos e bisnetos, um dos quaes afianço a vossê que não sou eu.

Palavras de santo Isidoro: *Muitos filhos e filhas terá o Encoberto de legitimo matrimonio, e sempre seus descendentes, uns depois dos outros, reinarão pacificamente* (não diz o santo onde se passa esta reinação); *e o sceptro sagrado do temporal será administrado e regido por elles; e afinal, fazendo-se pagens do povo, tornarão do deserto.*

Não ha nada mais claro. Os descendentes de D. Sebastião, voltando do deserto, serão pagens do povo. Por «pagens do povo» percebo eu que o vidente de Sevilha queria fallar nos demagogos d'este paiz, nos oradores do Casino, no Guerra Junqueiro, nos redactores do *Diario da Tarde*, no Eça e no Ortigão, nos satanicos, e nos mais socialistas sobre quem pesam o gladio do Zezere, os pés do conselheiro Arrobas e o redenho do conselheiro Viale. Os descendentes do Encoberto vem, pelos modos, a ser aquelles. Quanto a virem do deserto, como resa a prophecia, é obvia a interpretação. «Deserto» aqui, entende-se o conteúdo pelo continente. Veja se me percebe. Deserto é o vasio da algibeira. Isto percebe vossê bem. Um homem está no deserto quando não tem no bolso a voz que clama no mesmo. Deserto

é estar homem só como succede a toda a pessoa que não tem

Aquillo com que mais se accende o engenho,

como disse um a quem o predilecto dos tres papas mandou dar 15$000 reis por anno em paga de ter perdido um olho em Africa e ter feito os *Lusiadas* na India.

Já vê vossê que, por este lado, as sentenças dos tres bispos de Roma são invulneraveis. D. Sebastião, com toda a certeza, de quinze em quinze annos, ia até Roma mostrar ao papa que tinha uma perna maior que a outra, um tufo de pello no hombro esquerdo, o joanete no dedo mendinho, e um dente de menos na queixada de baixo. Quando lá foi aos 76 annos, aposto que já não tinha dente nenhum.

Os documentos pontificios que vossê apresentou resistiriam á critica de João Pedro Ribeiro e Theophilo Braga. Este sabio e vossê são os dous homens que n'este seculo tem achado as melhores peças historicas. Vossê achou as sentenças a favor do Encoberto; o doutor Theophilo achou a carta de Ayres Barbosa a André de Rezende. Eu achei a vossês, os dous, dous ôdres de sciencia em que espero exercitar o meu intellecto como

os touros exercitam a força nos ódres de vento. Creio que está dada a solução do problema historico. Mande-me o premio pelo portador. E quando achar outra cousa, com esse faro de Herder que Deus lhe deu, abra torneio aos talentos, e faça invejas ao Theophilo a vêr se elle descobre agora a resposta de André de Rezende a Ayres Barbosa.

Entreguei o premio, antes que venha outra carta mais insensata. N'este paiz quem, como Theophilo Braga e eu, achar alguma cousa, está perdido.

DOUS PRECONCEITOS

O primeiro, é dizer-se que, no governo absoluto, as condecorações, os fóros de fidalguia e os tratamentos eram judiciosamente dados e com muita parcimonia a quem os merecia.

.·.

O segundo, é dizer-se absolutamente que a mudança do regimen politico de 1834 empobreceu de repente os fidalgos, esbulhando-os dos seus rendimentos provindos de privilegios, encargos, commendas, etc.

.·.

Quanto ao primeiro preconceito, ouça-se o depoimento de um notavel fidalgo, que estudou cincoenta annos, e meditou dezesete nas lobregas cavernas da Junqueira. Era D. João José Ansberto de Noronha, conde de S. Lourenço, que morreu em 1804, com 79 annos de idade. No penultimo anno de sua vida, escreveu a sua ultima obra, que ainda não sahiu das gavetas avarentas dos curiosos de manuscriptos, e intitulou-a *Apontamentos politicos*.

Seja o conde de S. Lourenço quem impugne a arguição injusta que se faz ao governo representativo, doestando-o de perdulario de titulos e nobilitações. Observe-se que o fidalgo escrevia em 1803, e que as ultimas linhas d'este trecho do seu escripto são uma prophecia; que, n'aquelle tempo, a raros espiritos se prefiguravam idéas

de liberdade, e menos ainda aos que haviam de ser apeados por ella do pedestal de sete seculos.

Eis a passagem que tem por epigraphe — *Dos ennobrecidos:*

«Os serviços ordinarios, e por assim dizer materiaes, pagam-se com dinheiro, que se tarifa como qualquer salario, á proporção do trabalho. Os serviços relevantes, isto é, os que são feitos com perigo de vida, com força de engenho, ou com espirito de patriotismo, e de que resultam grandes vantagens ou de facto, ou de exemplo, pagam-se com signaes honorificos, com distincções, e com titulos, porque se julga, que não tendo preço, se não podem remunerar senão com honras. E segue-se d'isto, que a moeda mais preciosa do thesouro do soberano é a faculdade de distinguir e honrar, porque alcança com ella o que não póde comprar com dinheiro. Mas se ha facilidade em conceder honras, se se alcançam sem sacrificios, nem habilidade, n'esse caso todos as querem, muitos as conseguem, e ninguem fica contente; uns porque querem mais, outros porque ainda não tiveram, e outros que as tem por seus justos cabaes, porque se acham confundidos na inundação dos nobres de *acaso*. As consequencias são, que as distincções deixam de o ser, por-

que se fazem geraes; que empobrece o thesouro politico do soberano, porque a moeda mais preciosa perde o seu valor, e que se perde o espirito da gloria, porque os individuos vem a achar por fim mais vantagens em buscar conveniencia, do que signaes, que pela sua multiplicidade,. e modo por que se alcançaram vieram a ser de estimação incerta.

«Com effeito tem-se vulgarisado as honras, não só á força de concessões avulsas, mas até de tarifas. Na divisão das tres ordens militares deram-se tantos habitos de S. Thiago, que apesar de ser uma ordem tão respeitavel, já ninguem a quer. Concedeu-se o fôro de fidalgo a quem no emprestimo real entrasse com porções avultadas, sem embargo de ficar ganhando juros. Concedeu-se o mesmo fôro a quem lavrasse certa porção de sêda para vender. Os officiaes de secretaria, cujo numero tem crescido tanto, tem o habito de Christo no primeiro anno de serviço, e o fôro de escudeiro no decimo. Os officiaes do erario tem o habito de Christo, etc., etc., etc.

«Esta quantidade de tarifas em muito poucos annos reduz os tres milhões de habitantes a tres milhões de nobres: n'este caso a maior distincção, que póde haver, é não ser nobre; e o modo de a conseguir é não servindo o estado de modo ne-

nhum. Parecerá isto um paradoxo, mas a experiencia já vai mostrando que o não é.

«As leis do tratamento já não tem vigor, e a arrogação de senhorias, e excellencias é geral.

«É da maior difficuldade achar gente para trabalhar, e tanto que no anno de 1801 querendo-se expulsar os gallegos em razão da guerra, não se fez porque o intendente geral da policia representou, que se se mandassem embora, não haveria quem servisse a cidade de Lisboa e a do Porto.

«Se um corpo de nação não póde passar sem tomar criados estrangeiros, não para as artes, mas para o serviço ordinario, ou é a nação mais fidalga do mundo, ou a mais paralytica, *e em todo o caso a que mais velozmente corre para o systema da igualdade, e que mais velozmente se afasta da monarchia.*»

Até aqui o descendente de el-rei D. Fernando no que respeita á prodigalidade das mercês. Agora, pelo que é da pobreza dos fidalgos, cumpre saber que a maioria das casas titulares de primeira plana já principiava a esboroar-se no principio d'este seculo. O golpe da extincção das commendas pouco sangue já encontrou nos corpos dos commendadores. Se ainda no *Torneio real* de 1795, escripto pelo senhor de Pancas, encontra-

mos trinta e dous fidalgos pompeando as galanices da Asia, indaguemos hoje a paragem dos netos d'esses homens, que eram os primeiros nomes de Portugal. Onde estão os haveres do conde de Aveiras? o grande patrimonio do marquez de Abrantes? de Lavradio? de José Telles da Silva? do marquez de Angeja? do de Ponte de Lima? do conde da Ega? do de Obidos? do marquez de Nisa? do de Penalva? do conde de S. Lourenço? do visconde de Barbacena? do marquez de Tancos? do conde de Sabugal? Estes eram do numero dos trinta e dous fidalgos que resplandeceram nas cavalhadas no anno de 1795 para festejar o nascimento do principe D. Antonio. E dos restantes, exceptuada a casa de Cadaval, com pesar de ss. exc.as, força é declarar que não ha ahi barão moderno que lhes inveje a riqueza.

A santa casa da Misericordia de Lisboa abre-nos o seu livro de creditos, no anno de 1813, e mostra-nos a voragem da parte ainda hypothecavel dos bens d'esses fidalgos que, em nossos dias, vimos inteiramente desbaratados. Entre 1813 e 1833 rodaram vinte annos, e a ladeira que resvalava os dissipadores á voragem era cada vez mais escorregadia. O proprio conde de S. Lourenço, que presentira o naufragio da nobreza, levada a pique pela rajada da liberdade, não educou seus

filhos melhormente que os seus iguaes em fidalguia, e desigualissimos em intelligencia. Se elle anteviu a borrasca, devera colher as velas á nau, que se desmantelou, como as outras norteadas por palinuros, ignorantes e cegos.

Na lista dos devedores á Misericordia, encontramos algum raro fidalgo, cuja casa se teve no balanço, e hoje mantém o antigo luzimento. Esse tal achal-o-hemos acostado á restauração liberal de 1833, e quinhoeiro, por tanto, das regalias que auferiram os parciaes do imperador. No entanto, dos que serviram a liberdade, houve d'elles que nem assim lograram reparar as ruinas.

O leitor curioso poderá estremal-os na seguinte lista:

A casa de Rezende devia á Misericordia de Lisboa com vencimento de juros, no dia 8 de março de 1813........	9:991$509
A de Ponte de Lima.........	1:270$442
A de Abrantes..............	8:978$105
A de Tancos................	11:750$000
A de Louriçal..............	9:600$000
A de Obidos................	101:190$899 [1]

[1] O palacio d'esta familia foi comprado ha pouco pelo rei, e dado a uma senhora d'esta casa aia do principe.

A de S. Vicente............	4:000$000
A de Soure.................	21:080$698
A de Borba.................	1:278$154
A de Pombeiro..............	18:508$500
A de Coculim...............	9:400$000
A de Loulé.................	5:715$494
A de Lavradio..............	11:700$000
A de Unhão.................	4:655$630
A de Vidigueira............	353$128 [1]
A de Alorna................	40:665$011
A de Atouguia..............	3:989$115
A de S. Miguel.............	10:295$565
A de Tavora................	7:289$433 [2]

Seguem-se Antonio Telles da Silva, D. Antonio Soares de Noronha, o conde de Alvor, dos Arcos, de José Felix da Cunha; de D. Diniz d'Al-

[1] O fallecido marquez de Nisa succedera na posse de duas riquissimas casas, a de Vidigueira e a de Cascaes. O Paul, vastissima propriedade vendida ao capitalista Eugenio de Almeida, havia sido dado por D. João I a João das Regras, ascendente dos senhores de Cascaes. O marquez morreu pobre. Deixou dous nobilissimos filhos: um é aprendiz de negociante no Brazil, o outro tem um engenho de fazer cigarros depois de ter tido perto de Paris um restaurante, em que era caixeiro um filho de José Estevão. O' Vasco da Gama!... O' Demosthenes lusitano!

[2] Estas quatro ultimas casas estão ementadas na lista como extinctas.

meida, de D. Luiz de Portugal da Gama, de D. Rodrigo Xavier Pedro de Sousa, e outros, perfazendo 340:359$700.

O empregado da secretaria da Misericordia, que passou a certidão n'aquelle mesmo anno de 1813, acrescenta de lavra sua: «Alguns d'estes capitaes se consideram perdidos, porque os devedores tem provisões com tempo illimitado, e não possuem bens livres. Ha outros litigiosos e duvidados pelos devedores; de sorte que são muito poucos os que se podem manifestar como liquidos.»

Por onde se conclue que a minguada fortuna dos pobresinhos cahira em honradas mãos! Eu, contra o parecer do escripturario, creio que os fidalgos, menoscabados de insoluveis, pagaram todos com mais ou menos pontualidade; e, se não pagaram, desculpe-se-lhes o começarem a misericordia por si.

Eu sei que os fidalgos do *acaso*, como acima lhes chama o conde de S. Lourenço, se rejubilam de ter estirado as camadas do seu lodo por cima dos honrosos vestigios dos outros. Ouso, porém, a liberdade de lembrar a suas excellencias que a tradição da raça e as pêas dos vinculos conservaram através dos seculos os nomes historicos; ao passo que estes adventicios afidalgados,

á falta do vinculo que os tenha alguns seculos pendurados no esgalho do tronco velho, bem póde ser que se estejam desentranhando em filhos para futuras tripeças.

Se assim fôr, que Deus os faça sapateiros engenhosos, para que a comedia humana não seja de todo em todo ridicula e inutil ás artes.

LISBOA

Ha mais de dous seculos que um viajante francez de grande qualidade esteve em Lisboa. Volvidos trinta annos, o filho do companheiro de viagem d'esse incognito senhor mandou imprimir em Hollanda as viagens que seu pai escrevera, e deu este titulo ao livro: *Voyages faits en divers temps en Espagne, en Portugal, en Allemagne, en France et ailleurs. Par Monsieur M.***** *A Amsterdam*, MDCC.

Entraram os viajantes em Lisboa, no dia 18 de maio de 1669. Em sete paginas de oitavo peque-

no esgotaram as impressões que Portugal lhes suggeriu; mas não nos detrahiram nem calumniaram. D'essas sete paginas, provavelmente desconhecidas ao commum dos leitores, a substancia é esta:

«Lisboa é muitissimo povoada, pois que todas as nações alli trazem gente, sendo muita a mourisma que lá é escrava, e procede de Guiné. As liteiras são mais que as carroças; mas são magnificas. E, porque a cidade se fórma de outeiros, o que mais se usa são cavallos e mulas. As igrejas são aceadissimas e formosas. Os portuguezes andam armados de espada e punhal.

«São os portuguezes mais ciosos de suas esposas que os hespanhoes. As mulheres sahem de casa menos vezes que as de Madrid: o que faz que lá se diga que ellas vão á igreja tres vezes no anno: baptisar-se, casar-se e enterrar-se.

«E' notorio que o marido, apenas suspeita do proceder da mulher, trata logo de a esfaquear; d'onde lhes urge a ellas estarem muito de sobreaviso, e haverem-se com grande precate no logro dos maridos, vingando-se assim da escravidão em que vivem.

«Sobre a tarde, fomos vêr o convento da Esperança onde a rainha esteve encerrada seis me-

zes [1] quando deixou o rei que está na ilha Terceira, a trezentas leguas distante de Lisboa. D. Pedro, seu irmão, governa actualmente, e casou com a cunhada, filha do fallecido principe de Nemours da casa de Saboya. Ella vai ao conselho, e assiste com o marido ás audiencias. D. Pedro não quiz ainda ir ao paço para ser coroado. Vive em sua casa, que foi confiscada ao marquez de Castello Rodrigo, que seguiu o partido de Castella quando Portugal se rebellou. Segundo os tratados, os bens já deviam ter sido restituidos ao marquez; mas até agora nem n'isso pensam. Esta casa está situada á ourela do Tejo, perto do palacio real. Guardam-na vigilantemente trezentas sentinellas vestidas de pardo agaloado de verde. O paço é quadrado, e cheio de mercearias (?): é edificio pouco distincto. Tem dentro uma praça limpamente areada, e um chafariz no centro.

«É ahi a praça dos touros. O paço estava desalfaiado. A capella, rica de azul e ouro, é bellissima. Os armazens dos utensis destinados á marinha de guerra, são ahi ao pé. Navios mercantis tem poucos. Mandam apenas cinco ou seis ao Brazil, e servem-se dos inglezes e hollandezes para importar assucar e outros generos a Lisboa. Ahi perto

[1] A mulher de Affonso VI e de Pedro II.

andam a edificar-se dous salões, em que os mercadores se ajuntam a negociar. Vimos uma igreja que a rainha-mãi fundou, e onde está enterrada [1]. Todo o tecto é de ebano, bem como as columnas de laçarias douradas. Os pavimentos de todas as igrejas de Lisboa são de adobes azulejados com figuras. Ha ahi uma, onde se veem retratadas as cabeças das pessoas condemnadas e queimadas pela inquisição. Presentemente não ha inquisidor geral.

«O palacio onde mora D. Pedro e a rainha é composto de quatro pavilhões pequenos e dous eirados onde aquella princeza vai de tarde tomar ar com as damas. Está ahi sempre o «regimento da armada.» As ante-camaras estão sempre atalaiadas.

«O principe e ella dão audiencia todas as terças feiras. Elle é corpulento, rosto magro e trigueiro. Desde que esteve doente, usa cabelleira. Sahe pouco acompanhado, e dizem ser affavel e cortez. A rainha traja á hespanhola com guarda-infante, com os cabellos soltos pelas costas, encaracolados, e laçados de fitas. Tem uma filha que

[1] Era a de Corpus-Christi dos carmelitas descalços, fundada no sitio em que Domingos Leite Pereira tentou matar D. João IV. Esta igreja desappareceu no terremoto e incendio de 1755.

parece lindissima, cuja aia é a condessa de Añon (Unhão). Segue-a o seu mordomo duque de Cadaval. A rainha tem um anão indio que anda sempre com ella : é tão bem proporcionado que parece uma criança, visto pelas costas; mas pela frente não, que já tem barba. Já tinha sido da rainha-mãi, e goza da fama de engraçado... A rua dos Mercadores é muito bonita. Ha ahi bons acepipes, e confeitos excellentes. A 18 de maio comemos cerejas e damascos já maduros. O que é incommodo é não haver neve, nem as bebidas refrigerantes de Hespanha. »

E nada mais que mereça menção.

A respeito da Lisboa de 1669, que era, pouco menos, a Lisboa de 1754, um anno antes do terremoto, darei alguns pormenores. O que tenho visto impresso não satisfaz a curiosidade. João Baptista de Castro, o author do *Mappa de Portugal*, conheceu a velha Lisboa, e o que nos disse é tão diminuto que pouco vale. No *Panorama* e *Archivo* ha artigos de bons investigadores; mas pouco mais fazem que distender as noticias de Nicolau de Oliveira e outros que viram a Lisboa do seculo XVII.

O inedito, que tenho, ácerca da capital, dá noticias que provam ser escripto em 1754. Não

lhe conheço author. Foi homem que, viajando, escrevia uma geographia da Europa alphabeticamente e levava a sua obra na letra *L* (LIXA, *chamada pelos europeus* LARACHE), quando, talvez, o terremoto lhe colheu de golpe a vida, ou lhe esfriou o ardor do trabalho.

No proximo numero trasladarei o que me parecer menos sabido.

FERREIRA RANGEL

Vivia aqui no Porto, ha pouco mais de mez, um homem que, ha vinte annos, atroava o café-Guichard com o trovão da sua voz. Chamava-se Francisco Ferreira Ribeiro Pinto Rangel.

Era liberal como um dos mais egregios romanos que morreram no templo de Diana, á beira de Caio Gracco. Era valente caudilho do povo; e das primeiras cutiladas do sabre dos esquadrões, nos motins anteriores a 1846, tinha elle as cicatrizes na cabeça. Era poeta da escóla antiga de

Filinto e Diniz, como se demonstra no seu poema intitulado *D. Sebastião*. Era versado na lição dos socialistas, cujas doutrinas apregoava nos botequins, com um fogo de convicção, que lhe afusilava através dos oculos, e mettia medo nos peitos de mais fino aço.

Teve um irmão que lhe foi antipoda na esphera politica. As pessoas do tempo de D. Miguel conheceram-o, vivendo faustamente. Chamavam-lhe o *escrivão-fidalgo*, porque era escrivão e tratava-se á lei da nobreza. Este homem conheci eu chefe de estado-maior do general realista Macdonell. Morreu briosamente, em uma madrugada de janeiro de 1847, ao lado do general, desfechando um par de pistolas de pederneira, cuja escorva a neve d'aquella noite humedecera. O morto deixou dous filhos, e tres ou quatro esbeltas meninas. Parece-me que os vi e conheci na minha mocidade. Ouvi dizer que voltaram ricos do Brazil. Se bem me lembro, já escrevi a necrologia de um, que por signal estava vivo, e nem sequer me agradeceu, com um bilhete de visita, ser eu a unica pessoa de Portugal que lhe ajuntou ao nome esquecido quatro palavras de saudade e dó.

Agora, faço o mesmo ao tio, que morreu ha pouco mais de mez, e ninguem perguntou que pobretão era um que levaram na tumba dos po-

bres, entre quatro tochas, desde a rua Chã até ao Prado.

Pois era, era aquelle Ferreira Rangel que todos ouviamos e respeitavamos, ó rapazes de ha vinte annos!

A imprensa diaria tem olheiros que superintendem em estupros, facadas, roubos e incestos; mas a alçada d'estes espias não chega até ao esquife do defunto sem testamento.

Ferreira Rangel chegou ao cemiterio ao fechar de uma noite orvalhada de dezembro. O coveiro estava prevenido e a postos. Não havia que esperar garganteações de psalmos. A fossa da valla dos pobres estava aberta. Na gleba desaterrada alvejava ainda o craneo e as vertebras cervicaes d'outro pobre. Tresandava o fartum da podridão abafada. Aquillo fez-se depressa. O caixão baqueou, desamparado de alto. Deu uma toada cava na terra fôfa. Os portadores d'aquelle pobre aconchegaram os capuzes das orelhas cortadas do suão, e sahiram de corrida. O coveiro deixou ao relento o caixão, e foi no dia seguinte, aquecido com aguardente, volver sobre as taboas chuviscadas o comoro de terra, que alisou com a pata da enxada.

Depois, o eterno silencio.

....

....

Envio os meus sentimentos aos sobrinhos ricos d'este homem, e dispensò-os do bilhete de visita.

AS JOIAS D'UM MINISTRO DE D. JOÃO V NO PREGO

Este ministro era Alexandre de Gusmão.

Nasceu no Brazil, em Santos, provincia de S. Pauló, por 1695, e falleceu em Lisboa, em 1753.

Foi cavalleiro professo na ordem de Christo;

Fidalgo da casa real;

Secretario particular de D. João v — *o Dissipador;*

Conselheiro de capa e espada do conselho ultramarino:

E, quando morreu, parte dos seus haveres, as joias de sua defunta mulher estavam empenhadas, e foram vendidas em hasta publica.

Tenho a triste satisfação de enviar esta novidade aos biographos d'aquelle varão illustre, e nomeadamente aos escriptores brazileiros, os

snrs. Pereira da Silva e Fernandes Pinheiro, solicitos averiguadores da accidentada vida do seu conterraneo.

S. exc.[as] dizem que Alexandre de Gusmão morreu pobre, tendo perdido os bens e dous filhos no incendio de sua casa. Os documentos que, pela primeira vez se escavam no veio inexplorado das secretarias, ajustam-se á opinião d'aquelles notaveis escriptores; mas o ex-secretario de D. João V morreu sem ter conhecido as necessidades dos que se dizem pobres.

Do *Livro dos registros*, ou *Copiador* dos officios remettidos do gabinete do duque-regedor ás corregedorias, trasladamos o seguinte:

«Para o corregedor do civel da côrte Francisco Xavier de Mattos Broa. Sua Magestade é servido ordenar que vm.[ce], em cumprimento do precatorio que lhe passou o desembargador Antonio de Sousa Bermudes de Torres, como juiz do inventario dos bens de Alexandre de Gusmão, faça logo remetter para o juizo do inventario para n'elle ser vendido um laço, fita de pescoço, e uns brincos de diamantes e rubins que se acham no deposito geral da côrte, a requerimento de Anna Maria do Vencimento, conservando-se no preço d'estas joias a mesma hypotheca e direito que esta

credora tem pela penhora que n'elles fez. Deus Guarde a vm.ce Paço 13 de maio de 1755.»

Segue-se, com data do dia anterior, outro officio ao mesmo proposito:

«Para Amador Antonio de Sousa Bermudes de Torres. Sua Magestade deferindo ao requerimento que lhe fez Miguel de Avilez Carneiro foi servido ordenar que o corregedor do civel da côrte remettesse ao juizo do inventario dos bens de Alexandre de Gusmão as joias que se acham no deposito da côrte, com penhora feita por Anna Maria do Vencimento. É o mesmo senhor servido que vm.ce as faça vender em o leilão que se está fazendo dos ditos bens, com a declaração, porém, que o procedido das ditas joias se não confundirá com o preço dos outros bens, ficando no valor d'estes conservada a penhora e hypotheca especial que n'ellas tinha a credora, para se lhe reservar n'esta parte o direito que tiver para a preferencia. Deus Guarde a vm.ce Paço 12 de maio de 1755.»

Os descendentes d'esta snr.a Anna Maria, se a sorte lhes bafejou mais propicia que ao mi-

nistro de D. João v, devem estar hoje de posse das joias de Alexandre de Gusmão. Regosijem-se.

Quaes seriam os outros bens leiloados? Uma quinta já eu descobri folheando um grosso volume manuscripto, intitulado: *Tombo das herdades de Nossa Senhora da Ajuda, de Val de Figueira, e da Atalaia, sitas no termo da villa de Cabrella, que são do ill.^mo^ e exc.^mo^ conde de Oeiras, feito por ordem de S. M. que Deus guarde. Anno de 1763.*

Vejam que cousas eu folheio no intervallo de dous capitulos de romance em que ha meninas louras e mancebos de pupilla ardente a dialogarem á competencia com a calhandra portugueza e o sabiá brazileiro!

Pois d'este tombo a pag. 46 v. consta que uma herdade do valido de D. José partia *com a quinta que foi de Alexandre de Gusmão* em Val de Figueira.

Quem possue hoje a quinta do privado de D. João v?

Não me recordo onde li que elle tivera boa quinta de recreio no valle de Alcantara, e era convisinha de outra que pertencera ao grande escriptor D. Francisco Manoel de Mello, que lá se finou, mais pobre que Alexandre de Gusmão, um victima da libertinagem de D. João iv, outro vi-

ctima da ingratidão de D. João v e de seu augusto filho.

Este ministro, irmão do padre Bartholomeu de Gusmão, alcunhado *o Voador*, foi sempre malquisto dos frades que perseguiram como necromante o inventor dos balões. Tres homens affectos a D. João v foram grandemente satyrisados n'aquelle tempo: o marquez de Gouvêa, D. Martinho Mascarenhas, pai do que depois foi duque de Aveiro, e morreu no patibulo como regicida; frei Gaspar Moscoso, ou da Encarnação, da mesma familia, e Alexandre de Gusmão.

Eis aqui um *specimen* das satyras:

Quem destruir-nos idéa? — Gouvêa.
Quem merece a Inquisição? — Gusmão.
Quem o deve acompanhar? — Gaspar.
Pois, meu rei, acautelar!
Olho aberto, e vêde bem,
Que no reino não convém
Gouvêa, Gusmão, Gaspar.

O ORACULO DO MARQUEZ DE POMBAL

Costumavam os nossos avós queimar os judeus — (não assevero que os avós de quem isto escreve não fossem tambem queimados). Se os não colhiam ás mãos, confiscavam-lhes os bens. Mas, dado caso que os judeus fugitivos enviassem lá do exilio aos reis ou aos ministros bons alvitres da arte de governar, aceitavam-lhes o favor e praticavam o seu parecer; mas não lhes concediam voltarem ao reino, sem a condição de se deixarem torrar. Isto aconteceu nomeadamente com o famoso Antonio Nunes Ribeiro Sanches, medico portuguez, nascido em Penamacor em 1699, e fallecido em Paris, por 1783. Vivendo 84 annos, grande parte dos quaes curtiu nos invernos da Russia, não precisa exhibir melhores certidões de bom medico. Se se deixa ficar na patria, havia de custar-lhe a resistir á temperatura alta que os frades dominicanos faziam no campo da Lã em obsequio á hygiene da alma.

Antonio Nunes Ribeiro Sanches, conselheiro de estado da imperatriz da Russia, correspondia-se com os estadistas portuguezes, christãos

velhos. O marquez de Pombal, ou não quiz, ou apesar da sua omnipotencia, não logrou assegurar repouso na patria ao seu douto oraculo, em paga dos conselhos e projectos de boa administração que o neto de hebreus lhe suggeriu de Paris, e o valido ingrato aproveitou, occultando-lhes a procedencia. A creação do *collegio dos nobres*, por carta de lei de 7 de março de 1761, havia sido aconselhada por carta de Ribeiro Sanches, datada em Paris, em 19 de novembro de 1759.

Possuo esta carta autographa. Contém 129 paginas em 4.º maior. Não sei se um rarissimo livro intitulado *Cartas sobre a educação da mocidade*, impresso em Colonia em 1760, é o traslado d'este manuscripto. Não vi ainda exemplar algum. Entre as obras ineditas do illustre medico, nomeadas na biographia que Vicq-d'Azir lhe escreveu e Francisco Manoel do Nascimento traduziu, ha uma intitulada: *Plano para a educação de um fidalgo moço*. O manuscripto, de qualquer modo precioso, que possuo, deve ser o original de alguma das duas obras.

Dous escriptores portuguezes de subida reputação, ambos ministros de estado honorarios, os snrs. José Silvestre Ribeiro e D. Antonio da Costa, enriqueceram recentemente a litteratura patria, com os seus livros intitulados *Historia da instruc-*

ção popular em Portugal desde a fundação da monarchia até aos nossos dias, e *Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal nos successivos reinados da monarchia.* Os doutissimos authores, com certeza, aproveitariam optimos subsidios da leitura do raro livro de Ribeiro Sanches, se o manuscripto, que tenho, é o rascunho do livro impresso em Colonia, cuja raridade o snr. Innocencio F. da Silva encarece. O senhor conselheiro José Silvestre Ribeiro, quando louva o progresso das letras e artes no reinado de D. José I, recordaria com menção gloriosa o nome obscurecido do medico portuguez, e daria ao marquez de Pombal a parte mediana que lhe cabe no alvidramento da reforma da universidade, do collegio dos nobres, nas escólas militares, e no mais, respeitante aos beneficios que a historia lhe desconta na ferocissima condição.

Ribeiro Sanches, antes de indicar o methodo proficuo na educação dos fidalgos, discorre ácerca da educação antiga, e chegando ao meado do seculo XVI, escreve:

«.... Vimos acima que, desde o anno 1500 até o anno de 1570, existiu o maior luxo que jámais viu Portugal. El-rei D. Manoel introduziu-o na côrte, e foi o primeiro que se vestiu umas ve-

zes á franceza, outras á flamenga [1]. Como não teve guerra na Europa, nem seu filho, nem seu bisneto el-rei D. Sebastião, com as riquezas do Oriente cahiu a fidalguia no maior luxo, e por consequencia n'aquelle total esquecimento da boa edu-

[1] Diogo de Paiva de Andrade, o sobrinho, confirma nas suas *Memorias* ineditas, esta passagem com a seguinte anecdota: «Duarte Galvão, um dos benemeritos varões do seu tempo, foi secretario d'el-rei D. João II, e por elle e seu successor el-rei D. Manoel mandado muitas vezes por embaixador a differentes côrtes da Europa. Encarregado pelo emprego do chronista-mór de ordenar as chronicas dos reis d'este reino, escreveu nove desde D. Affonso Henriques até el-rei D. Fernando, servindo em toda a sua vida com muita aceitação dos seus principes os empregos que lhe confiaram.

«Era já de quasi 80 annos quando o imperador da Ethiopia mandou a Lisboa um embaixador com grandes presentes para el-rei D. Manoel procurando sua amizade e propondo reciprocos interesses; e, querendo el-rei corresponder-lhe, entrou na consideração de quem seria a pessoa que lá mandasse por embaixador. Succedeu depois, estando el-rei em Evora, mandar fazer um gibão de uma fazenda rara que lhe chegára da India; e, no dia em que o vestiu, sahiu a uma sala em que estavam varios fidalgos, a cada um foi mostrando o gibão, que todos gabavam por comprazer a el-rei; e, como fosse um d'elles Duarte Galvão, só este o não lisongeou, dizendo-lhe que os reis de Portugal seus antecessores cuidavam menos em atavios do que em cumprirem com os encargos que Deus impunha aos reis. Seria melhor que não fallasse assim para seu descanço, porque isto decidiu a eleição do embaixador que havia de ir á Ethiopia; e logo el-rei, com palavrosos termos de honra e conceito, nomeou o pobre ancião; mas assentando que morreria no caminho como succedeu na altura da ilha do Camarão em 9 de junho de 1517.»

cação que tinha ou no paço dos reis antigos ou em casa de seus paes. No tempo d'el-rei D. Pedro, *o Justiceiro*, tanto que se sabia no paço que tinha nascido algum filho de fidalgo, mandava logo el-rei a sua casa a provisão da moradia ou fôro que deixava em poder da mãi ou da ama que creava o menino, e n'estes tempos se chamavam os reis paes de seus vassallos. Depois, crescendo o numero, se ordenou que sómente se usasse d'esta graça com o primogenito, e d'esta resolução veio a descahir aquelle amor da patria, porque faltou a boa educação que tinham no paço todos os filhos de fidalgos com moradia.

«No tempo d'el-rei D. João II lhe representaram em côrtes que ordenasse se creassem os fidalgos no paço como era costume antigamente: signal certo que se educava alli a primeira mocidade do reino. Já dissemos acima que a educação da nobreza toda se reduzia a fazer o corpo robusto, e fortissimo, o animo ousado, e destemido; além d'aquelle agrado que reinava no galanteio, e serviço das senhoras, não deixavam de instruir o animo com aquelles poucos conhecimentos scientificos que se conheciam: sómente na familia do infante D. Henrique foi esta educação mais consideravel, porque sahiram muitos do paço d'aquelle famoso principe excellentemente

instruidos nas mathematicas e boas letras, como foi o grande Albuquerque, e D. João de Castro. »

Discorre o medico ácerca das causas que abastardaram a educação dos fidalgos:

«Mas tanto que os reis tiveram mais que dar que as terras da côroa; tanto que tiveram commendas, governos, e cargos lucrativos, tanto nas conquistas, como no reino, logo os fidalgos começaram a cercar os reis, e ficarem na côrte; porque pela adulação, pelo agrado, e pelas artes dos cortezãos sabiam ganhar as vontades dos reis, não tendo aquellas occasiões forçosas de obrarem acções illustres para serem premiados por ellas. Isto vêmos succedeu no tempo d'el-rei D. Duarte, quando ordenou que todo o fidalgo que não tivesse cargo na côrte que fosse a viver nas suas terras.

« Logo que todos os fidalgos fizeram a sua assistencia na côrte no tempo da paz, logo que seus filhos eram educados em suas casas, já ricas, e poderosas pelas dadivas dos reis em commendas, pensões, governos e cargos, necessariamente se havia de seguir uma educação estragada; a meninice entregue na mão das amas, e de mulheres communs; a puericia entre as mãos dos

criados, e dos escravos; até o tempo d'el-rei D. Sebastião poucos sabiam mais que lêr e escrever; porque já a escóla do infante D. Henrique estava acabada; e toda a educação se reduzia a saber os mysterios da fé, porque os seus mestres sendo ecclesiasticos e ignorantes da obrigação de subdito, de filho, e de marido, chegavam á idade da adolescencia com o animo depravado: sem humanidade, porque não conheciam igual; sem subordinação, porque eram educados por escravas, e escravos, ficava aquelle animo possuido da soberba, e vangloria, sem conhecimento da vida civil, nem com a minima idéa do bem commum. Assim degenerou aquella educação do paço, na qual pelo menos aprendiam a obedecer, na mais insolente tyrannia de todos aquelles com quem tratavam.»

E, vindo ao ponto da reforma urgente na educação da nobreza, escreve:

«Parece-me que vistos os notaveis inconvenientes da educação domestica, e das escólas ordinarias, que não fica outro modo para educar a nobreza, e a fidalgia do que aprender em sociedade, ou em collegios: e como não é cousa nova hoje em Europa esta sorte de ensino, com o titulo

de *corpo de cadetes*, ou escóla militar, ou *collegio dos nobres*, atrevo-me a propôr á minha patria esta sorte de collegios, não sómente pela summa utilidade que tirará d'esta educação a nobreza, mas sobre tudo, o estado, e todo o povo.»

Ahi está o aviso do christão novo, seguido, e executado dous annos depois, quanto á fundação do *collegio dos nobres*.

Depois, indica o doutor Ribeiro Sanches as sciencias que devem ensinar-se já no collegio, já nas aulas militares. Todas entraram na organisação dos estatutos.

Em um §. intitulado: *Em que idade deveriam entrar os educandos na escóla real militar*, divaga o insigne medico por considerações a respeito das mães. Transcrevo o que me parece digno de ser lido por ellas:

«Tanto que as riquezas da Africa e do Oriente entraram em Portugal, logo começou a mostrar-se o luxo nos vestidos, comidas, e mais commodidades estrangeiras; começou a esfriar-se o amor das familias, e por ultimo da patria. El-rei D. João III foi o ultimo rei que foi creado com ama nobre, e já seus filhos, nem seu neto el-rei D. Sebastião, tiveram amas, mais que da classe plebêa;

indicio certo que as senhoras não creavam já seus filhos, como nos tempos anteriores: introduziu-se este destructivo costume da raça humana, do amor filial, e dos bons costumes; e apesar de tanto sermão, missões, e praticas espirituaes, nenhuma senhora quer sacrificar a sua formosura. Seria loucura persuadir o que ninguem quer abraçar.

« Tem para si estas mães, que não criam, que conservarão por mais tempo a formosura, e que dilatarão a vida com mais vigor e forças, e que perderiam a sua boa constituição creando por dezoito mezes ou dous annos. Mas é engano manifesto, e o contrario se sabe pela experiencia, e pela boa physica.

« A mulher que deu á luz um filho, e que não o cria, em pouco tempo vem a conceber de novo: a gravidez de nove mezes é uma enfermidade, que enfraquece mais o corpo, do que crear aos peitos por anno e meio: e como concebem antes que as partes da geração adquirissem pelo repouso a sua natural consistencia, succede, que estas senhoras abortam mais frequentemente: enfermidade tão consideravel, que muitas ou perdem a vida, ou ficam achacadas; perdendo em poucos annos o idolo da sua belleza, ficando frus-

tradas do seu intento, e expostas a viverem por toda a vida com mil desgostos, e pezares.»

. . . .

«Até agora os damnos que soffrem as mães. Mas os mais consideraveis e lamentaveis são aquelles que se imprimem no animo das crianças creadas por amas. Se fôramos nascidos para viver nos desertos da Africa, ou nos bosques da America, pouco importava que as amas imprimissem no nosso animo aquellas idéas de terror de feitiços, de feiticeiras, de duendes, de crueldade, e de vingança; mas somos nascidos em sociedade civil, e christã; aquellas idéas que nos dão as amas são destructivas de tudo o que devemos crêr, e obrar: ficam aquellas crianças expostas ao ensino de mulheres ignorantes, supersticiosas; são os primeiros mestres da lingua, dos desejos, dos appetites, e das paixões depravadas: chegou o menino a fallar, já está cercado de duas ou tres mulheres mais ignorantes, mais supersticiosas do que a ama; porque estas são mais velhas, e sabem mais para destruir aquella primeira intelligencia do menino: chega á idade de caminhar, já tem seu mocinho, ordinariamente escravo, e como foram pelas mães creados por taes amas, e velhas, são os terceiros mestres até á

idade de seis ou sete annos: e se o mau exemplo do pai e da mãi põem o sello a esta educação, fica o menino embebido n'estes detestaveis principios, que mui difficilmente os melhores mestres podem arrancar aquelles vicios pelo discurso da idade pueril.

« Será impossivel introduzir-se a boa educação na fidalguia portugueza em quanto não houver um collegio, ou recolhimento, quero dizer, uma escóla com clausura para se educarem alli as meninas fidalgas desde a mais tenra idade: porque por ultimo as mães, e o sexo feminino são os primeiros mestres do nosso; todas as primeiras idéas que temos provém da creação que temos das mães, amas, e aias; e se estas forem bem educadas nos conhecimentos da verdadeira religião, da vida civil, e das nossas obrigações, reduzindo todo o ensino d'estas meninas fidalgas á geographia, á historia sagrada, e profana, e ao trabalho de mãos senhoril, que se emprega no risco, no bordar, pintar, e estofar, não perderiam tanto tempo em lêr novellas amorosas, versos, que nem todos são sagrados, e em outros passatempos onde o animo não só se dissipa, mas ás vezes se corrompe; mas o peor d'esta vida assim empregada é que se communica aos filhos, aos irmãos e aos maridos. D'aqui vem, que sendo da mesma na-

ção, da mesma familia, e da mesma casa, estão introduzidas duas sortes de lingua, ou modos de fallar: a conversação que se deve ter com as senhoras, não ha de ser sobre materia grave, séria; estas conversações judiciosas ficam reservadas para algum velho, ou para algum notado de extravagante: e assim succede que ficam as senhoras por toda a vida (ordinariamente) meninas no modo de pensar, e com tão miseraveis principios vem ellas as suas amas, as suas aias, e donas a serem os mestres d'aquelles destinados a servir os reis.

«Não me accuse v. ill.ma que sahi fóra do intento que lhe prometti: achei que tratar da educação que deviam ter as meninas nobres e fidalgas merecia a maior attenção, porque por ultimo vem a ser os primeiros mestres de seus filhos, irmãos, e maridos. V. ill.ma sabe muito melhor do que eu aquelles monumentos que temos na historia romana, e tambem na nossa, de tantas mães que por crearem, e ensinarem seus filhos foram as que salvaram a patria, e a illustraram: houve em Roma muitas Cornelias, como em Portugal muitas Philippas de Vilhena. Mas n'aquelle tempo ainda o luxo, ou a dissolução não se tinha apoderado do animo portuguez, porque as riquezas não eram tão appetecidas. A

connexão que tem a educação da mocidade nobre que prometti a v. ill.ma me obriga a ponderar, se não seria mais util para a conservação e augmento da religião catholica transformarem-se tantos conventos de freiras, e das ordens, principalmente militares sem exercicio algum da sua destinação, n'estes estabelecimentos que proponho, tanto para a mocidade nobre masculina, como feminina? Com o exemplo das educandas, ou *Filles de St.-Cyr,* fundação perto de Versailles, e com o da escóla real militar, se poderiam fundar no reino outros ainda mais vantajosos para a mesma nobreza, e para a conservação e augmento da religião e do reino. Mas espero ainda vêr nos meus dias estabelecimentos semelhantes em tudo, ou em parte que satisfaçam todo o meu desejo. »

Eu tinha vontade de prolongar o traslado; mas a leitora que é mãi, joven e formosa, desdenha os conselhos do medico; a que não é mãi, de certo não percebeu as theorias physiologicas em que se fundamentam as censuras; e o leitor que de certo leu á esposa as paginas impregnadas de maternidade, n'aquelle tom circumspecto de nossos avós patriarchaes, dorme... patriarchalmente.

Boa noite.

O PRINCIPE PERFEITO

O snr. Pinheiro Chagas, na sua estimadissima *Historia de Portugal*, tomo III, pag. 155, relatando vigorosamente a ferocidade de D. João II, escreve:

«Estamos bem longe d'applaudir, com Ruy de Pina e Garcia de Rezende, estas ferocissimas repressões, mas tambem não podemos concordar com o snr. Camillo Castello Branco, que escreve o seguinte a respeito d'el-rei D. João II:

«O real carrasco, a quem infamissimos aduladores da corôa chamaram *principe perfeito*, surge hediondo diante da posteridade, alçando-se por sobre a nuvem dos incensos, com que thuribularios abjectos cuidavam escondel-o á execração dos vindouros. Raro ha quem se canse em esgaravatar razões d'estado, que contrapesem a ferocidade do filho d'Affonso V. A historia, á volta d'elle, o que encontra é cadaveres, oitenta cadaveres de homens illustres, uns estrangulados, outros decapitados, estes mortos a punhal, aquelles a peço-

nha. *Oitenta*, confessou elle o numero, quando a morte lhe acenava de perto, e se lhe desabafava a consciencia, supplicando ao papa contritamente o perdão dos seus peccados.

«Os lances capitaes de tão má alma contou-os a historia á tragedia. O theatro portuguez já se enlutou com os quadros de canibalismo, trazidos á rampa e ao grande brilho dos lustres, para que o povo visse justificada a razão que teve a villanagem dos chronistas d'alligarem ao assassino do duque de Vizeu o antonomastico epitheto de *principe perfeito.*»

«O illustre escriptor é demasiadamente severo com o grande rei a quem Portugal deve tanto. Que a energia de D. João II degenerava em ferocidade, é incontestavel, e não pretendemos absolvel-o dos crimes que pesam sobre a sua memoria. Mas qual dos grandes homens, que figuram na historia, se apresenta immaculado no tribunal da posteridade? No assassinio do duque de Vizeu achamos, devemos confessal-o, em attenção aos costumes da época, D. João II, menos *hediondo* do que no caso do duque de Bragança. E' uma luta a todo a transe entre D. João II e a nobreza, e el-rei, que teve por tantas vezes a morte diante dos olhos e que sempre a affrontou sem empallidecer, póde, quando se lhe offereceu en-

sejo, antecipar-se aos seus adversarios, e voltar contra elles o punhal com que o ameaçavam. O duque de Vizeu foi ferido pela catastrophe que trazia pendente sobre a cabeça do seu adversario; foi vencido na batalha. Se D. João II abusou da victoria, e não soube, como nunca soubera, perdoar, culpemos d'isso a imperfeição humana. Perdoar! Parece que no mundo só Christo soube cumprir essa maxima sublime, que debalde prégou na sua santa doutrina. A civilisação, abrandando os costumes e modificando as paixões, tem introduzido felizmente, no espirito do homem, o horror do sangue derramado, mas, nos fins do seculo XV, ainda a vida das creaturas da nossa especie estava longe de ter o caracter inviolavel que hoje possue. Por tanto D. João II, aceitando de rosto descoberto a batalha, e vibrando o punhal como vibraria a espada, tem uma certa grandeza selvagem, que não desculpa mas attenua o crime.»

Até aqui o destro escriptor. Agora, a historia que os reis e as camarilhas não deixavam estampar.

O punhal que D. João II vibrou ao peito do duque de Vizeu foi acto cobarde que não póde ser attenuado por grandeza selvagem. O rei apunha-

lava o adversario em quanto os braços possantes de um valente alcaide prendiam pelas costas a victima desarmada.

Nas *Memorias* ineditas de Diogo de Paiva e Andrade, author do *Casamento perfeito*, faz-se menção do conflicto, e encarece-se a bravura do coadjuctor de D. João II com uma anecdota bastante significativa da coragem do fidalgo e da cobardia do rei.

Diz assim:

«D. Pedro de Eça, alcaide-mór de Moura, foi um fidalgo a quem a natureza dotou de muito animo e grandes forças, e por isto el-rei D. João II o escolheu, quando quiz matar a D. Diogo, duque de Vizeu, a quem abraçou por detraz. Acontecendo em Moura matarem um homem uns criados seus, foram-se dous irmãos do morto queixarem a el-rei e disseram-lhe que D. Pedro lh'o mandára; pelo que o mandou vir á côrte, e esteve n'ella mais de dous annos, posto que, tirada a devassa, o não acharam culpado. Enfadado D. Pedro disse a el-rei que, pois sua alteza não queria crêr que elle não tinha culpa na morte do homem, e os que o accusavam eram dous, que lhe fizesse mercê de lhe mandar dar campo com ambos para assim se purificar; do que, agastando-se

el-rei, lhe disse que tomára elle ser um dos dous. E D. Pedro lhe respondeu: «não fôra vossa alteza meu rei, e fosse com elles o terceiro.»

Não temos o desvanecimento de sobre-excitar contra D. João II o animo do nosso talentoso amigo; todavia, insinuamos-lhe a suspeita de que o homem não era capaz de matar outro sem lh'o agarrarem pelas costas, tendo ainda por cautela mais dous bravos que se chamavam Diogo de Azambuja e Lopo Mendes do Rio.

AVE RARA

O poeta satyrico Antonio Lobo de Carvalho, fallecido em Lisboa aos 26 de outubro de 1787, nasceu em Guimarães, não se sabe precisamente quando. Era filho illegitimo de fidalgo, e tinha em Villa Real parentes maternos que o educaram nas letras, consoante os frades da terra podiam ministrar-lh'as. O bom que os frades tinham não o aprendeu o rapaz. Era poeta de lingua farpada, da

escóla de Gregorio de Mattos Guerra, o maior e mais sujo talento que deram as plagas de Santa Cruz, desde a cidade de Jequitinhonha até á cidade de Pindamonhamgaba.

Os cavalheiros villa-realenses andavam mordidos pelas vêspas das suas trovas. Lobo não perdia lanço de os satyrisar.

Em uma procissão de Corpus-Christi, o senado da terra ordenou que S. Jorge fosse em andor e não em cavallo. A razão d'este descavalgamento não é bem liquida. Ha muitos mysterios que nunca se hão de dilucidar, mormente em cousas de cavalgaduras.

N'essa occasião, Antonio Lobo de Carvalho escreveu e divulgou o seguinte soneto:

Patria de valentões, paiz guerreiro,
Só tu, Villa Real! comtigo fallo!
Vão Panças e Roldões jogar o talo,
Ou vão na tua escóla andar primeiro.

Quem ha que os teus aguente no terreiro,
Se até S. Jorge foram desmontal-o!
Pois, indo nas mais terras a cavallo,
N'esta é capucho o santo cavalleiro!

Nos triumphos de Baccho a villa armada
Uns com brancos arnezes, outros tintos,
As meretrizes levam de assaltada.

Fez-lhe o entrudo os broqueis, compoz-lhe os cintos,
E soltou um pendão co'esta fachada:
«Todos são pobretões; mas mui distinctos.»

Os fidalgos da villa dilecta d'el-rei D. Diniz, — que eram muitos, a julgar pelos brazões musgosos em que as andorinhas dormem de verão e as corujas assobiam de inverno — assanharam-se contra o poeta, fazendo-se representar no desforço pelos seus moxillas.

Espancado e fugitivo, foi parar a Lisboa Antonio Lobo, onde conhecia um tal Anacleto, que mais tarde foi juiz de fóra em Angeja.

A mãi do poeta era remediada de bens da fortuna, e quanto tinha quanto deu ao estouvanado filho, que nunca procurou modo de vida, nem bajulou os grandes, á imitação dos vates do seu tempo.

O duque de Cadaval, D. Miguel, ouvindo recitar versos de Antonio Lobo, disse aos seus criados que lh'o levassem ao palacio... para se divertir. Um lacaio de s. exc.ª procurou o poeta e deu conta do recado. Lobo mandou-o esperar, improvisou um soneto, e remetteu-o ao duque. É o mais galhardo feito de poeta do seculo XVIII. Dizia assim:

Se eu fôra, excelso duque, homem perito,
Capinha, ferrador, cabelleireiro,
De cães decurião ou cozinheiro,
Em sopas mestre, em massas erudito:

Se em letra antiga visse o que anda escripto
Do vosso grande avô, João Primeiro,
Que o gothico mostrasse ao mau caseiro;
Que o tombo velho nunca está prescripto.

N'este caso, senhor, a vossa graça
Mais quizera alcançar, que ter mil burras,
Do metal louro que se ri da traça.

Mas como a sorte me tem dado surras,
Não vou servir-vos só por não ter praça
No livro mestre dos santões caturras.

Antonio Lobo indispoz-se em Lisboa com fidalgos e frades. A mezada que a mãi lhe enviava permittia-lhe dispensar-se das sympathias de clero e nobreza. Foi muito soado e mordido um soneto que elle dardejou contra um frade leigo, dado a libações de certa taverna. Era d'esta laia o poema:

Borracha de estamenha, ôdre sarrento,
Mil parabens te dou ao novo estado;
Pois de estupido leigo a um jubilado
Lente de rolhas vaes em largo vento.

Se ha longos annos mettes fogo lento
N'essa pança que é mãi de vinho aguado,
Frei Bourdeaux *será hoje o teu prelado,*
A adega d'esta casa o teu convento.

Bebe, esponja claustral, tê que a fumaça
Das vasilhas de França encha as pichorras
De umas bebadas tripas de outra raça;

E, antes que os limos dos toneis escorras,
Fuja o do Carmo, fuja o Leão da Graça,
Que hoje o que reina é o Leão dos Borras.

Ao odio do clero e nobreza, ajuntou o poeta o odio do povo representado nas pessoas dos capellistas, acirrados por estes versos:

Um rapaz a gritar como um cabrito
Com saudades da mãi sobre o vallado,
Que entre duas canastras vem deitado,
Em burro de almocreve, ancioso e afflicto;

Com rosario ao pescoço mui bonito,
Descalço, de barrete e de cajado,
C'um sacco á cinta, onde traz (coitado!)
A sua côdda, o seu bacalhau frito.

Posto a pé este misero mamote
Ora cahe, ora treme, ora encordôa,
Um lhe prega um sopapo, outro um calote.

Pois esta figurinha ou má ou boa
Faz qualquer capellista franchinote
Quando vem do sertão para Lisboa.

N'esta vida de odios e irritações, viveu Antonio Lobo de Carvalho até aos cincoenta annos. Se nos merecesse credito o que João Bernardo da Rocha escreveu no *Portuguez*, tom. x, pag.

356, o atrevido vate haveria sido aleivosamente assassinado por ordem de um tio do marquez de Olhão, a quem o maldizente frechára com um soneto que abria assim:

Ferrabraz, Satanaz, Fernão Zarolho,
Cruel harpia das que o inferno encerra...

Mas o snr. Innocencio Francisco da Silva, posto que não decida qual haja sido a morte do poeta, com justificados motivos desabona a affirmativa de João Bernardo da Rocha.

Eu tambem não sei. Ando n'essas pesquizas; e receio ir dar com elle no hospital, expirando envolto em gloria... de cataplasmas de linhaça.

VERGONHAS NACIONAES

E' notorio que o capitão Vicente Lunardi, natural de Luca, e empregado na embaixada napolitana em Londres, effectuou em Lisboa, na tarde de 24 de agosto de 1794, uma viagem aerea.

*

Mas ainda ninguem disse que o aeronauta, antes da ascensão, esteve preso á ordem do intendente geral da policia Diogo Ignacio de Pina Manique, pelo motivo de vir com tal novidade a Lisboa, onde a inquisição, por causa identica, desejára queimar o padre Bartholomeu de Gusmão.

Os documentos que sobrevivem a tamanho opprobio são autographos, authenticados pela assignatura do famigerado intendente.

Lunardi chegou a Lisboa em fins de maio de 1794. N'esse mesmo anno, em janeiro, tinha elle em Madrid subido no seu balão, que desceu na provincia da Mancha, onde os camponezes o receberam tão benignamente que o levaram em triumpho á igreja parochial da villa de Orcajo.

Cuidou elle que a familia real portugueza o recebesse com igual agrado ao da côrte hespanhola.

Logo que chegou a Lisboa, foi intimado a comparecer na corregedoria do bairro, e obrigado a assignar termo de não subir ao ar, sem que a machina fosse examinada por peritos. Este exame levava em vista satisfazer as suspeitas do publico, receoso de artes diabolicas.

Assignou Lunardi o termo, e entendeu que dava plena satisfação ás authoridades e ao publico, expondo o balão com todos os seus aprestos.

E, para isso, construiu uma barraca na praça do Commercio, e grudou nas esquinas das ruas mais concorridas um cartaz em que minudenciosamente explicava o balão exposto, e os mais instrumentos necessarios ás viagens aereas. (Veja o *Panorama*, tom. VIII, pag. 15).

Apenas o estirado cartaz appareceu, o intendente geral da policia, officiou ao desembargador Luiz Dias Pereira, corregedor do bairro dos Romulares, no theor seguinte, e textual orthographia:

«Vm.ce logo mandará hir seguro á sua pre-
«sença Vicente Leonardi, Author da Maquina
«Aereostatica, e na presença de um dos escrivães
«dos Lugares, que vm.ce está servindo, lhe per-
«guntará, com que authoridade fixou os editaes,
«contra o que se havia determinado no termo
«que elle assignou perante vm.ce por ordem d'esta
«intendencia; e não apresentando ordem por es-
«cripto, *emenada* (sic) das Secretarias de Estado,
«ou do seu Real Gabinete, ou Gentil Homem da
«Camara ou *Garda* (sic) Roupa do Dito senhor;
«vm.ce o mandará prender, mandando-lhe abrir
«assento á minha ordem; e dar-me [1] parte do re-

[1] Que grammatica a d'este afamado intendente geral!

«sultado d'esta diligencia acompanhando o Auto
«da declaração que o mesmo Vicente Leonardi
«fizer. Deus guarde a vm.ce Lisboa 10 de junho
«de 1794. = *Diogo Ign.co de Pina Manique.* =
«*Snr. Dz.or Luiz Dias Pereira.*»

Lunardi, conduzido pelos quadrilheiros ao corregedor, e interrogado, disse que, tendo assignado termo de não funccionar sem que o balão fosse examinado, cuidára dar a maxima prova de boa fé e sciencia estreme de sortilegio, exhibindo ao exame de toda a gente a sua machina.

O corregedor achou-lhe razão. Não obstante, mandou-o esperar, em custodia, novas ordens da intendencia, em quanto elle officiava e a resposta vinha.

Eis a resposta do Manique:

«Vm.ce executará sem exhitação, ou duvida
«alguma, a diligencia que lhe encarreguei em
«aviso da data de hontem a respeito do estran-
«geiro Leonardi, author da maquina aereostatica;
«pois me consta com toda a certeza não ter o
«mesmo Estrangeiro licença alguma de Sua Alteza
«Real o Principe Nosso Senhor para o referido
«fim: e vm.ce me dará conta por escripto da exe-
«cução da sobredita diligencia, na conformidade

«que lhe tinha ordenado. Deus guarde a vm.^{ce}
«Lisboa 11 de junho de 1794. =*Diogo Ign.^{co} de*
«*Pina Manique.* =*Snr. Dz.^{or} Luiz Dias Pereira.*»

Em vista d'isto, o aeronauta foi conduzido ao Limoeiro; e, n'esse mesmo dia, o intendente elogiava o corregedor n'estes termos:

«Li a conta que vm.^{ce} me deu em que me par-
«ticipava a prisão do estrangeiro Leonardi, o que
«vm.^{ce} tem executado com todo o acerto; agora
«porém vm.^{ce} mandará arrancar todos os editaes,
«que o mesmo tinha afixado. Deus guarde a vm.^{ce}
«Lisboa 11 de junho de 1794. =*Diogo Ign.^{co} de*
«*Pina Manique.* =*Snr. Luiz Dias Pereira.*»

Não sei que tempo esteve o italiano em ferros; mas tenho plausiveis razões para presumir que o principe regente o mandou soltar, pois que, volvidos dous mezes, foi sua alteza que lhe deu licença para subir no balão.

Aos ouvidos do intendente chegaram rumores sinistros. Segredava-se que algumas pessoas, influenciadas pelos frades de mais selvagem ignorancia e acrisolada religião, tencionavam despedaçar a machina e o aeronauta, suspeito de feiticeria. E, visto que sua alteza licenciára a subi-

da do balão, cumpria a elle intendente obstar que os fanaticos insultassem o estrangeiro. No entanto, o sagaz magistrado, que tinha mais velhacaria que syntaxe, não queria indispôr-se com o povo intimidando-o com o poder armado, nem indispôr-se com o principe abandonando o aeronauta á ferocidade das turbas. Neste proposito, officiou assim ao corregedor na vespera da ascensão:

«Vou a prevenir a vm.ce que não deve levar «official algum de capote ámanhã de tarde para «hir assistir na Praça do Commercio, nem ainda «mesmo os quadrilheiros, e aquelle que não tiver «cazaca o dispense vm.ce e lhe dê positiva ordem «para não apparecer na mesma Praça do Com-«mercio: o mesmo tambem ordenará vm.ce aos «Cabos geraes do seu Bairro para não haver al-«guma confuzão e obviar, que alguns malvados «se queiram mascarar affectando serem officiaes, «para levarem as armas a seu salvo.

«Recomendo a vm.ce a prudencia, procu-«rando não comprometter a authoridade, e res-«peito da justiça, e só, no caso indispensavel que «ameace consequencias é que deve vm.ce ter o «procedimento, pedindo auxilio da tropa para re-«bater qualquer insulto que se queira praticar: «o modo nestas occasiões, e a polidez conduzem

« muito para se concluir o dia sem que seja pre-
« ciso praticar procedimento algum, e sem que
« tambem se suscitem conflictos de jurisdicção.
« Tudo isto quer a prudencia, que recomendo a
« vm.ce se pratique como sem hesitação espero; e
« outro sim que não separe de si os seus officiaes
« para que não vão fazer acção alguma que não
« seja por vm.ce regulada. Deus guarde a vm.ce
« Lisboa 23 de agosto de 1794. = *Diogo Ign.co de*
« *Pina Manique.* = *Snr. Luiz Dias Pereira.* »

Na pagina em branco d'este officio, escreveu o corregedor: *Subiu no dia 24 d'agosto na real praça do Commercio depois das quatro horas e meia da tarde. Eu o vi subir. Foi pelas oito horas e meia da noite cahir ás Vendas Novas, voando depois a Magaina* (?) *sem que elle a podesse segurar, a qual foi depois cahir a Veiros.*

Vicente Lunardi escreveu depois a sua *Viagem aerea*, impressa no mesmo mez e anno em Lisboa. Da sua escripta não transpira queixume dos portuguezes. Apenas estas expressões denotam uma alma nobremente magoada: *Os applausos, com que me tem honrado a nação portugueza, me fazem esquecer* «*as minhas passadas desgraças*» *e me obrigam a dar-lhe, em prova do meu reconhecimento, uma exacta narração de toda a minha via-*

gem aerea, etc. (Veja o *Panorama*, tom. VIII, pag. 21 e seg.)

Estes «applausos» consistiram em uns endecasyllabos *anonymos*, publicados n'essa occasião. Quem quer que fosse, o author não teve a coragem de assignar os seus aleijados versos. Além d'isto, uma epistola do padre José Agostinho de Macedo a Stochler; e, sobre tudo o *elogio* que lhe consagrou Bocage, em versos esplendidos, que podem aferir-se por esta estancia:

Portentoso mortal, que á summa altura
Vaes no ethereo baixel subindo ousado;
Que illusão, que prestigio, que loucura
Te arrisca a fim tremendo e desastrado?
Teu espirito insano, ah! que procura
Pela estrada do Olympo alcantilado?
Não temes, despenhando-te dos ares,
Qual Icaro infeliz, dar nome aos mares?

Lunardi descrevendo os trabalhos que passou até embarcar em Aldeia Gallega, conclue assim a narrativa da sua viagem:

«Embarquei finalmente ás quatro horas da manhã, e com uma feliz viagem; cheguei ás 7 horas da mesma manhã ao caes do Terreiro do

Paço, onde achei um grande numero de pessoas que me esperavam, e no meio de vivas de alegria me conduziram á minha habitação.

« Estes signaes de verdadeiro contentamento, e o concurso continuo de pessoas ainda das ordens mais respeitaveis, provam assás os sentimentos, que produziu a minha viagem aërea, que tanto é mais famosa, quanto mereceu os applausos de uma nação illustre, que pelo muito, que se empenha agora em honrar-me, tem adquirido incontrastaveis direitos ao meu reconhecimento, e eterna gratidão.

« Esta a narração fiel da minha viagem, e dos seus successos: e posto que ella não contenha em si nada de extraordinario para os corações indifferentes, deve com tudo interessar as almas sensiveis, e compadecidas, que saberão estimar em seu justo valor as minhas fadigas, e os meus soffrimentos. Para estas pois é que eu escrevo, na certeza de que, se não lhes merecer os seus louvores, conseguirei ao menos a sua compaixão, e o seu affecto, que é toda a minha ambição e o unico objecto d'esta pequena descripção. — *Vicente Lunardi.* »

Seduzido pelas ovações, que alguns poetas e rapazes lhe fizeram no Terreiro do Paço, cuidou

o aeronauta que lhe seria permittido renovar a ascensão, e auferir d'ahi recursos com que voltar a Inglaterra onde tinha o seu emprego na embaixada napolitana. Embalado pelas poesias de Bocage e Macedo, lhe sorria a esperança, quando na madrugada do dia 29 de agosto, cinco dias depois da primeira subida, o acordaram para lhe noticiarem que o seu barracão na praça do Commercio se derruia esphacelado pelos machados de quarenta carpinteiros, á ordem do corregedor.

Aqui tem o leitor, como coronal d'este padrão de vergonha patria, o officio do intendente Manique ao corregedor que executou brutalmente a demolição da barraca em que Lunardi gastára os seus poucos recursos:

«Vm.ce logo mandará chamar o mestre car-
«pinteiro Joaquim Pereira, que o foi da Praça
«construida para a machina aereostatica de ordem
«do capitão Vicente Leonardi, para dar logo prin-
«cipio a demoli-la e deita-la abaixo, não lhe ad-
«mittindo subterfugio algum a este fim, e deven-
«do amanhan sesta feira dar principio á demoli-
«ção para o que lhe mandará embargar os car-
«pinteiros de obra branca e de machado, que lhe
«forem necessarios: igualmente mandará vm.ce
«notificar o dito capitão Vicente Leonardi para

« este mesmo fim. Deus guarde a vm.ce Lisboa « 28 de agosto de 1794. = *Diogo Ign.co de Pina* « *Manique.* = *Snr. Luiz Dias Pereira* [1]. »

Os frades e a estupidez tinham vencido.

Não sei se lhe abriram subscripção ao pobre italiano para o livrarem de Portugal e das presas do Manique. O que sei é que os poucos, que o applaudiram, apenas podiam dar-lhe... versos.

E, depois, a gente irrita-se quando os estrangeiros nos não enfileiram na vanguarda da civilisação!...

RANCHO DA CARQUEJA

São justas as reflexões do estudioso antiquario o snr. Joaquim Martins de Carvalho, redactor do *Conimbricense*.

Agora direi os argumentos, bem que menos valiosos, em que eu assentava o meu erro.

Em 1805 divulgou-se em Vizeu um poema ou pasquim, injuriando os magistrados. Houve de-

[1] Estes documentos autographos podem vêr-se na livraria do insigne bibliophilo, o snr. Innocencio Francisco da Silva, que me fez a honra de os aceitar.

vassa e um dos pronunciados foi o doutor Ferro, que viveu no Porto, e aqui falleceu ha vinte annos, deixando, como prova do seu mal empregado engenho, um notavel poema que diz respeito á invasão franceza.

Em um volume de manuscriptos, tenho a celebrada satyra do Ferro, precedida da seguinte nota: *Este libello é dedicado á memoria do Estopa e Carqueja, dous heroes que tudo levavam a pau e espada em Vizeu, ahi pelos annos de mil setecentos e tantos, e de um d'esses valentões tomaram o cognome os estudantes de Coimbra chamados o Rancho do Carqueja.*

Isto não obstante, a correcção do snr. Martins de Carvalho deve antepor-se, visto que a sentença condemnatoria diz: «*Rancho* que denominaram DA *Carqueja*, originando este nome *de haverem queimado com ella uma porta*, etc.»

BOM HUMOR

(AO NOTICIARISTA DA *ACTUALIDADE*)

Chamar a D. João III *principe perfeito* podia ser lapso, sem ser ignorancia; mas nem sequer foi lapso: foi proposito.

Vá o noticiarista ao escriptorio da typographia, onde as *Noites de insomnia* são impressas. Peça ao snr. Antonio José da Silva Teixeira, honrado proprietario da typographia, que lhe mostre a primeira prova do artigo intitulado D. JOÃO III, e encontrará *piedoso*, como estava no original, emendado para *principe perfeito*, como está no livro. Se quer saber por que motivo corrigi o que havia escripto em harmonia com a historia official, respondo-lhe que está no meu arbitrio alterar os cognomes que não derivam de razão justificada; e á luz da historia, tanto monta para mim a *perfeição* de D. João II, o algoz, como a *piedade* de D. João III, o fanatico. Uns historiadores chamaram ao filho de D. Manoel o *Pai da patria;* outros o *Filho da igreja;* outros, authorisados por Paulo III, o *Zelador da fé.* Eu chamei-lhe o *principe perfeito*, e cancellei na prova o titulo de *piedoso*, que lhe dera de camaradagem com o snr. Viale, por não querer manchar um adjectivo digno de S. Francisco Xavier ou de S. João de Deus.

Além de quê: está rigosamente estatuido que sejam dogmas historicos a *perfeição* e a *piedade* de D. João II e D. João III? Poderemos, com juizo, associar-lhes taes epithetos, fóra de ironia? Ora assim como uns historiadores cognominaram D. João III com variados titulos, dá-me o noticiarista

licença que eu chame *perfeito* ao principe, e *sabio* a sua senhoria? A patarata é a mesma.

N'isto de acolchetar antonomasias, tanto aos reis como aos subditos, quero e peço que haja liberdade plena. Por exemplo: o redactor da noticia da *Actualidade*, conhecido entre os seus parceiros por um epitheto qualquer, está sujeito a que a posteridade lh'o altere ou inverta. Eu, por em quanto, circumscrevo os limites da minha phantasia a chamar-lhe tolo.

DECLARAÇÃO

Apesar de superfluo o meu testemunho, depois da asseveração do snr. Camillo Castello Branco, declaro que é verdade ter o mesmo snr. escripto no original: D. JOÃO III, *o piedoso*, e na prova que lhe enviei, e que conservo em meu poder, ter o author emendado: D. JOÃO III, o *principe perfeito*.

Não obstante attentar na emenda feita, mandei, como devia, que o typographo a observasse.

A. J. da Silva Teixeira.

FIM DO 2.º NUMERO

BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

NOITES DE INSOMNIA

SUMMARIO

BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

NOITES DE INSOMNIA

OFFERECIDAS

A QUEM NÃO PÓDE DORMIR

POR

Camillo Castello Branco

PUBLICAÇÃO MENSAL

N.º 3 — MARÇO

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON
96, Largo dos Clerigos, 98
PORTO

EUGENIO CHARDRON
4, Largo de S. Francisco, 4
BRAGA

1874

BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

NOITES DE INSOMNIA

SUMMARIO

Feitiços da guitarra — Em que veias gira o sangue de Camões? — Lisboa — Voltas do mundo — Nova solução do problema historico — Desgraçado Balzac! (A' «Actualidade») — Os 2 Joaquins — Flôres para a sepultura de Ferreira Rangel — Mysterio da Castanha — Bem vindo! — Os salões, pelo exc.mo snr. visconde de Ouguella — Subsidios para a historia da serenissima casa de Bragança.

FEITIÇOS DA GUITARRA

Cuidará talvez muita gente, aliás instruida na historia da musica e seus effeitos, que a influencia da guitarra nos paços reaes é cousa moderna e peculiar da côrte portugueza. Não, senhores. O exemplo deu-o a Hespanha no fim do seculo passado, e a historia do mais afortunado guitarrista d'este planeta extravagante em que moramos, vou contal-a eu.

Na volta do anno 1786, D. Gabriel Alvares de Faria, arcediago da sé de Badajoz, tinha dous sobrinhos, Luiz e Manoel. O arcediago, que blazonava descender dos Farias, alcaides-móres de Palmella, em Portugal, timbrava de muito fidalgo; mas declarava aos sobrinhos que fossem ganhar

sua vida, porque a pitança da conezia não dava para tres.

Os dous rapazes, que tangiam guitarra a primor, e cantavam seguidilhas de sua invenção, fizeram-se no rumo de Madrid, á cata de aventuras. O estalajadeiro, que lhes deu a credito o primeiro mez de hospedagem, folgava tanto de ouvir as tonadilhas de D. Manoel, que não quiz outra paga durante um anno.

Conseguiram os dous rapazes entrar na guarda de corpus. Luiz, mediante a guitarra, insinuou-se no affecto de uma açafata da princeza Luiza de Parma, esposa do principe que depois foi Carlos IV; e, quando a dama ensandecia de amor ao seu menestrel, lhe disse elle que, se o seu cantar e tanger a transportavam, que seria se ouvisse seu irmão D. Manoel!

Contou isto a dama á princeza. Sua alteza era folgazã. Quiz ouvir o guitarrista. Ouviu-o, admirou-o, amou-o, e — o que muito é — convenceu o marido a gostar das trovas de *la Tyrana* acompanhadas d'um harpejo triste, que não ha ahi cousa que mais diga.

O principe não era escorreito.

Menos incauto era Carlos III, que mandou sahir de Madrid o guitarrista, logo que deu tento dos

effeitos cupidineos dos bordões e prima, na pessoa da nora.

Mas assim que o rei morreu, D. Manoel voltou a Madrid, foi restituido ao palacio, á alcova real, e nomeado successivamente sargento-mór da guarda, ajudante-general, grã-cruz de Carlos III, intendente dos correios, cavalleiro do tosão, duque de Alcudia, primeiro ministro, principe da paz, grande de Hespanha de primeira classe, com dotação territorial de 50:000 piastras de rendimento, e general supremo dos exercitos (em 1800) com o tractamento de *alteza serenissima* (1807).

Em 1797 casára com D. Maria Thereza de Bourbon, filha natural do infante D. Luiz, irmão d'el-rei Carlos III. A rainha conviera n'este consorcio, já porque a noiva era abominavel de feia, já porque tinha zelos infernaes de Josefa Tudo, formosissima mulher com quem o seu valido casára clandestinamente, intitulando-a depois condessa de Castello-Fiel.

D. Manoel de Godoy, que assim tocára o galarim das grandezas humanas, desceu tão rapido quanto subira.

Conjuraram contra elle influencias internas e externas.

Os hespanhoes, obrigados a guerrear a Inglaterra, odiavam o amigo da França. Este odio

exasperou-se depois do desastre de Trafalgar, onde acabou para sempre o poder naval de Hespanha. Á frente dos adversarios do principe da paz sahiu o principe das Asturias, chamado depois Fernando VII.

Seguiram-se evoluções politicas, em que o heroe a resvalar ao ponto d'onde subira, se voltou contra a França, de accordo com Portugal. Em 1808 preparava-se para fugir com a familia real, quando rebentou no Aranjuez a revolução em que sua alteza serenissima se escondeu em uma tulha, e não foi estrangulado pelo povo a pedido do rei e da rainha.

Ainda depois d'esta crise, o duque de Alcudia voltou a dominar o animo dos reis de Hespanha, e a rehaver a confiança de Napoleão; mas a final o baque foi irreparavel. Passou a França, e depois a Roma, onde o papa o intitulou *principe de Passerano*.

Em Hespanha, confiscaram-lhe os bens. A esposa, de quem elle se divorciára amigavelmente, vivia pobre em Paris, intitulando-se *duqueza de Chinchon*, e lá morreu em 1828. O viuvo declarou então que já era casado com Josefa Tudo. A unica filha de D. Manoel Godoy casou em 1820 com o principe romano Ruspoli.

Até 1844, o principe da paz viveu em Paris

tão convisinho da indigencia que Deus sabe se elle teve tentações de tanger a guitarra da sua juventude á porta dos amadores do genero. Depois de 36 annos de exilio, obteve licença de entrar em Hespanha, e readquiriu parte dos bens, que lhe permittiram dez annos de vida relativamente abastada.

Morreu, por 1851, em Paris, com 84 annos de idade.

Os biographos d'este homem extraordinario ignoram todos que elle era, em Portugal, conde de Evora-Monte por carta de 2 de outubro de 1797.

Tambem desconhecem que o alvará de mercê o faz primo de D. Maria I, e descendente de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro, por ser quarto neto de Francisco de Faria, alcaide-mór de Palmella: descendencia a mais imaginosa que ainda vimos amanhar-se em cabeças de nobiliaristas.

Ahi vai o alvará que é documento não despeciendo:

«D. Maria, etc. Faço saber aos que esta minha carta virem que attendendo á mui antiga, e esclarecida nobreza, qualidades, e distinctos merecimentos de D. Manoel de Godoy Alvares de Faria Rios Sanches Sarçosa, principe da paz, duque de

Alcudia, grande de Hespanha de primeira classe, meu primo, e aos grandes serviços, que a estes reinos fizeram seus maiores antes e depois da fundação da monarchia com repetidas, e assignaladas acções, que os fizeram benemeritos da augusta consideração, e real munificencia dos senhores reis meus predecessores: tendo entendido ser o dito D. Manoel quarto neto de Francisco de Faria, alcaide-mór, e commendador de Palmella, por ser o filho segundo de Diogo Rodrigues de Faria, que passou a Hespanha d'um modo inculpavel, e de quem D. Manoel é terceiro neto: para dilatar com a maior distincção a memoria d'uma tão distincta familia, a qual pela mesma linha de Francisco de Faria é descendente do snr. rei D. Pedro I, e de D. Ignez de Castro, de quem descende a maior parte dos soberanos da Europa; tendo muito segura confiança nos sentimentos verdadeiros, e honrados de D. Manoel, hereditarios na sua familia, que tem lealmente exercitado em beneficio de meus reinos; conformando-me com os augustos, e cordiaes desejos de suas magestades catholicas, esperando, que assim os continue: hei por bem, com aprazimento dos mesmos reis catholicos, pelos ditos respeitos, e por honrar em D. Manoel de Godoy Alvares de Faria Rios Sanches Sarçosa, a familia de Faria, de que des-

cende, fazer-lhe a mercê do titulo de conde de Evora-Monte, com o senhorio para elle e seus descendentes, que houver na sua casa dispensando na lei mental, e quero e mando, que elle D. Manoel de Godoy Alvares de Faria Rios Sanches Sarçosa se chame conde de Evora-Monte, e com o dito titulo goze de todas as honras, graças, liberdades, preeminencias, prerogativas, authoridades, e franquezas, que hão, e tem, e de que usam, e sempre usarão os condes d'estes reinos, assim como por direito, uso, e antigo costume lhe pertencem, das quaes em tudo, e por tudo quero, e mando que elle use, e possa usar por direito, uso, e costume sem minguamento, ou duvida alguma, que a isso lhe seja posta, porque assim é minha vontade, e com o referido titulo de conde de Evora-Monte haverá o assentamento que lhe pertencer, de que se lhe passará alvará na fórma costumada, e por firmeza de tudo lhe mandei dar esta carta por mim assignada, e sellada com o sello pendente de minhas armas, e passada pela chancellaria: e hei por bem que d'esta mercê se não paguem direitos alguns velhos, e novos, não obstante os regimentos, e quaesquer disposições contrarias. Dada no palacio de Queluz em 2 dias do mez de outubro do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1797. — O princi-

pe com guarda. = *José de Seabra da Silva.* = *Joaquim Guilherme da Costa Posser*, a fez.»

Respeito a *Farias*, houve um, em tempo d'el-rei D. Fernando. O leitor conhece da historia e do romance o celebrado alcaide do castello de Faria, chamado Nuno Gonçalves, que os castelhanos mataram, quando elle, na barbacã da fortaleza, ameaçou de maldição o filho, se a entregasse para salvar seu pai. O snr. Herculano refere este caso com primoroso enthusiasmo.

O filho chamava-se Gonçalo Annes, que se fez clerigo por desgosto de vêr alli trespassado o pai debaixo de seus olhos; a paixão, porém, não lhe impediu reproduzir-se em tres meninos, de quem foi mãi Aldonsa Vasquez.

Do mais velho, que se chamou Nuno Gonçalves de Faria, conhece-se a descendencia. Esse *Diogo* que no alvará se diz ter passado a Castella, nem era filho de Francisco de Faria, nem passou a Castella: era filho do valido de D. João II, Antão de Faria, e casou com D. Maria de Goes, filha de Simão de Goes Machado.

No lapso de quatro seculos, a varonia do alcaide de Faria — a que eu considero mais respeitavel, mais poetica, mais desculpavel aos fanaticos d'estes archaismos — é a que se tiver con-

servado na posse das penedias contiguas do esboroado castello, cuja alcaidaria foi do heroico Nuno Gonçalves. O possuidor, ha trinta annos, d'essas ruinas, era João de Faria Machado Pinto Roby. Vendeu as ruinas a um brazileiro.

No mesmo anno em que morreu em Paris sua alteza serenissima o principe da paz, seu parente, morria elle em Lisboa. A providencia divina fez-lhe a mercê de o resgatar assim de um grande supplicio: elle sahia de noite, e pedia esmola aos que passavam. Tinha sido redactor do *Nacional de Lisboa*, e official de cavallaria muito valente.

Deixou um filho chamado Isidoro de Faria Machado que se suicidou ha dous annos em Lisboa.

Uma de suas filhas é hoje viuva do visconde da Carreira, Luiz. As outras não sei que destino tiveram.

....

Toda esta noite se me foi de insomnia, a vêr sempre, na penumbra da lamparina, um homem que em Lisboa, ha 24 annos, me dizia com a face coberta de lagrimas:

— Procurei tres amigos que me foram hospedes em meus lautos jantares, quando eu aqui dissipava o meu ouro e a minha intelligencia no serviço da politica. Apenas um se lembra de me conhecer em 1838; mas este é pobre; os outros

não se recordam... Sabe qual é a minha esperança?

— A queda dos Cabraes?

— Não: uma congestão cerebral.

Bella e bem realisada esperança!

O representante de Nuno Gonçalves de Faria foi levado morto á sua familia no largo dos Cardeas de Jesus, por uma noite fria e chuvosa, quando as carruagens, que se recruzavam para bailes e theatros, o aspergiam da chuva dos tejadilhos e da lama das rodas.

EM QUE VEIAS GIRA O SANGUE DE CAMÕES?

Não é de mais saber-se isto, quando é moda esmiuçar tudo que entende com o maior poeta do seu seculo.

O livro mais extravagante que, a tal respeito, viu a luz, é a *Historia de Camões* pelo snr. doutor Theophilo Braga.

As incurias, as criancices, os desvarios que esfervilham n'essas 441 paginas não aparam a pontoada da critica. O livro faz tristeza... porque

faz rir; e, por muito frouxo que seja o espirito de patriotismo no censor dos escriptores seus conterraneos, dóe ter de dizer: «o professor de litteratura fez córar a face dos discipulos.»

Os meus reparos n'este livro tocam sómente com o que ha n'elle relativo á familia de Luiz de Camões; mas, ahi mesmo, é deploravel a falta de siso do biographo.

A pag. 233 suppõe o snr. Theophilo que entre uns papeis que se perderam de Luiz de Camões houvesse cartas escriptas *aos seus amigos mais valiosos intercedendo por seu pai que estava preso.*

A pag. 243, no summario do capitulo VI, diz: *A noticia do perdão de seu pai Simão Vaz de Camões.* Temos ainda Camões com pai.

A pag. 259: *Por estas mesmas novas chegadas de Lisboa nas Náos partidas no principio do anno de 1557 soube Camões... da sentença que condemnara Simão Vaz de Camões, seu pai, para o degredo perpetuo do Brazil com pregão e cadeado.*

O leitor chega ao cabo do livro, persuadido que Camões tinha um pai, que por estouvamentos de rapaz devasso, ahi na volta dos 60 annos, mereceu ser condemnado a degredo com pregão e cadeado; mas, por acaso, volta a pagina das erratas, e vê que o biographo lhe pede que leia *primo* onde estiver *pai*. Parece uma anecdota isto!

Que razões motivaram esta correcção? Que raio de luz dardejou o bom senso na ultima pagina do livro? Pois o doutor, durante a formação do estirado livro, não teve um intervallo lucido? E, se o teve no fim, porque não queimou a obra desde a primeira pagina, embora se perdesse a *Carta de Ayres Barbosa a André de Resende*?

Eis aqui o modo como o snr. Theophilo descobriu a final que Simão Vaz de Camões era *primo* e não era *pai* do poeta.

Quando o livro ia sahir do prelo, a humilde pessoa, que escreve estas linhas, publicara, no *Diccionario de educação* de Campagne, um breve artigo intitulado *Camões*, em que se lêem estes periodos:

«Os louvores ao prodigioso genio de Luiz de Camões são tantos, e tão amiudados no decurso de tres seculos que já hoje em dia o repetil-os, pelos mesmos conceitos e fórmas encomiasticas, nos parece banal encarecimento. Mais util e plausivel nos avulta o esforço de alguns biographos empenhados em esclarecer os lanços menos claros da biographia do poeta. N'esta ardua lide tem mostrado ardente zelo o snr. visconde de Juromenha, o mais particularisador noticiarista da vida de Luiz de Camões. Todavia, assentando boa

parte de suas innovações em conjecturas, resulta que a louvavel vontade de esclarecer se demasie em hypotheses pouco menos de inverosimeis. Está em o numero d'estas a affirmativa de residir em Coimbra por 1556, o pai de Luiz de Camões, Simão Vaz. Este mesmo é na hypothese do biographo, um tal que o corregedor de Coimbra enviava preso a Lisboa, em 1563, por ter entrado em mosteiro de freiras, e vem a ser o mesmo que em 1576, juntamente com os seus criados, espancava o almotacé de Coimbra. Bastaria a despintar da phantasia do snr. visconde de Juromenha semelhante conjectura, a pobreza do filho, que recebeu 2$400 reis para se alistar na armada, em lugar d'outro, em quanto seu pai, com mais de cincoenta de idade, andava por Coimbra escalando conventos, e já com mais de setenta espancava as justiças, acaudilhando criados, — circumstancia indicativa de vida abastada, e orgulho de fidalgo com as posses que dão azas ao orgulho.

«De todo em todo aniquila a supposição de que o mexediço Simão Vaz de Camões haja sido pai do poeta, e marido da desvalida Anna de Macedo, uma nota do snr. doutor Ayres de Campos, sobposta ao traslado da provisão passada em 16 de maio de 1576, a respeito das injurias e offensas praticadas por Simão Vaz de Camões no al-

motacé. Eis a nota: «E para tambem não ficarmos culpados em passar por alto alguns outros documentos que com estes tem estreitas relações, aqui os apontamos desde já em quanto as suas integras não forem publicadas no supplemento. Assim elles vão prestar auxilio valioso, e não grande embaraço a todos os criticos illustres que, talvez fascinados por meras semelhanças de nomes e appellidos, não teem hesitado em attribuir ao turbulento cidadão conimbricense Simão Vaz de Camões, muito vivo e são em 1576, a honrosa paternidade *legitima* do author dos *Lusiadas*.» Cita mais o insigne antiquario a vereação da camara de Coimbra de 31 de julho de 1563 da qual se deprehende que Simão Vaz havia casado em 1562, e casára novamente. Ora, quer o *novamente* signifique segundas nupcias, quer primeiras, como alguem aventa, sem dar a razão do alvitre, é certo que esse não podia ser o pai de Luiz de Camões, que falleceu antes de sua mãi. (Veja *Indices e Summarios dos Livros e Documentos mais antigos e importantes do Archivo da Camara Municipal de Coimbra*. Coimbra, 1867, pag. 7).

«Temos presente a genealogia dos Camões, manuscripto de Jorge de Cabedo, fallecido em 1602 ou 1604, e pelo tanto contemporaneo de Luiz

de Camões. (Veja *Diccion. bibliog.* de I. F. da Silva, tom. IV, pag. 161).

« Cabedo falla do bisavô do poeta João Vaz de Camões, que foi corregedor em Coimbra, e jaz em Santa Cruz.

« Segue Antão Vaz de Camões (filho d'aquelle e avô do poeta) que casou no Algarve com Guimar Vaz da Gama. Menciona Simão Vaz de Camões (filho de Antão Vaz e pai do poeta) *que foi por capitão d'uma náo á India, e deu á costa á vista de Goa, salvou-se em uma taboa, e lá morreu, deixando viuva Anna de Macedo, dos Macedos de Santarem.*

« Faz tambem menção de outro Simão Vaz de Camões, residente em Coimbra, parente proximo do poeta, dizendo ter sido aquelle casado com Francisca Rebello [1], filha de Alvaro Rebello Cardoso, a qual, viuvando, casára com Domingos Roque Pereira [2]. »

O snr. Theophilo leu isto sem duvida alguma,

[1] Adiante se verá que fui inexacto n'esta noticia.

[2] Este Simão Vaz de Camões era filho de Duarte de Camões de Tavora, filho de outro Simão Vaz de Camões, senhor do morgado da Torre. Casou Duarte com D. Isabel Lobo, filha de Ayres Tavares e Sousa, de quem houve, além de Simão Vaz de Camões, Luiz Gonçalves de Camões, e D. Maria da Camara, que casou com Francisco de Faria Severim. Quanto ao Simão que viveu em Coimbra, diz o linhagista que *se casára á sua vontade*, como quem desfaz na estirpe da esposa.

e cedeu aos singelos argumentos do artigo do *Diccionario.*

Que faria o leitor, sendo (Deus o livre!) author do livro de Theophilo?

A não entregar a obra toda ao fogo purificador dos seus creditos litterarios, rasgava as paginas em que chamava *pai* a Simão Vaz, substituindo-as por outras em que lhe chamasse *primo.*

Diga-se verdade: o snr. Theophilo rasgou duas paginas do livro, a 59 e 60; mas devia inutilisar as seguintes em que subsistem os erros derivados da confusão dos dous homonymos Simão Vaz de Camões.

Escrevi no *Diccionario*, reportando-me impensadamente a um genealogico dos Camões: «Faz tambem menção de outro Simão Vaz de Camões, parente proximo do poeta, dizendo ter sido aquelle casado com Francisca Rebello, filha de Alvaro Rebello Cardoso, a qual, viuvando, casára com Domingos Roque Pereira.»

Escreve o sr. Theophilo na regenerada pag. 59:

«Simão Vaz de Camões, que em 1562 casou em Coimbra com Francisca Rebello, filha de Alvaro Cardoso [1].»

[1] A pag. 417 amplia o traslado do meu artigo, escrevendo: *a qual casou depois em segundas nupcias com Domingos Roque Pereira.*

Convido o snr. Theophilo Braga a declarar onde leu a noticia de tal casamento! Com toda a certeza, a primeira pessoa, que imaginou vêr isto em letra de mão, e o pôz em escriptura, desde que ha letra redonda, fui eu.

Pesa-me do intimo seio que o snr. doutor T. Braga escorregasse na ladeira do meu engano. Já o snr. Felner lhe armou a esparrella da carta de Ayres Barbosa; e eu, mais innocentemente, fil-o casamenteiro de Simão Vaz com Francisca Rebello! É fado esquerdo do snr. Theophilo! Porém, o que tem graça infinita é o snr. doutor fixar o anno do casamento em 1562! Que eu o inventasse, vá; mas que o snr. Theophilo lhe marcasse o anno, é vontade de callaborar nas indiscrições alheias!

Isto não é simplesmente criancice pàrvoa — é desgraça; é mais que desgraça—é castigo da Providencia, porque o sr. Theophilo ladrou arrogantemente a Castilho, a Herculano, a Garrett, a Rebello, a Varnhagen; e não houve ainda detrahidor tão audaz, tão ignorante, e, sobre ignorante, ridiculo.

O meu lapso procedeu de confundir dous nomes confusamente escriptos em uma arvore genealogica. Simão Vaz de Camões, o libertino parente do poeta, casou com uma sua criada, e morreu sem descendentes. Esta é a verdade. Quem casou em Coimbra com Francisca Rebello, filha de Alvaro

Rebello Cardoso, morgado das Caldas, foi Simão *Vasconcellos*, e não Simão *Vaz*.

Cá me fica pesando na consciencia o tempo e o papel que o snr. Theophilo desperdiçou. De ambas as cousas tenho escrupulo; menos da data do casamento; que essa é d'elle.

Mas, se o snr. Theophilo substituiu as duas paginas que eram a fonte do erro, porque não supprimiu as correntes que derivam d'essa fonte? Não viu que todas as referencias ás paginas substituidas ficavam incomprehensiveis? O sentimentalismo que enternece o pesar do poeta pela prisão do *pai* não póde subsistir racionalmente na prisão do *primo!* Que faz então o snr. Theophilo? Usa processos sobre maneira economicos:

ERRATA

Onde se lê *pai*, leia-se *primo*.

E está acabado.

Ninguem me dê definições d'este preceptor infeliz!

Contem-me esta passagem, que eu não preciso conhecel-o de perto, nem lobrigar-lhe o feitio interior dos camarins do pensamento. É um cháos! Eu já não me admirarei se o snr. Theophilo, de-

pois de esponjar alguns centos de livros, escrever uma *Errata geral* n'este sentido : onde se lê: OBRAS *de Theophilo*, leia-se : MANOBRAS *do mesmo*.

∴

Se o leitor quer, vamos agora farejar sangue de Camões nas veias dos nossos contemporaneos. Não cuide, porém, que vai deliciar-se n'esta leitura. É materia árida, fructo das taes insomnias constantes do proemio do numero primeiro.

Vasco Pires de Camões veio de Castella no tempo de Fernando I. Foi alcaide-mór de Alemquer e Portalegre. Fugiu para Castella, quando o mestre de Aviz se levantou com o reino. Foi prisioneiro em Aljubarrota, perdeu os bens da corôa; mas cá ficou.

Gonçalo Vaz, seu primogenito, instituiu um morgado em Evora, chamado da Camoeira. Não temos que vêr com os outros filhos, cujos descendentes ou foram pobres, ou identificaram os seus haveres nos morgadios do primeiro ramo, á falta de geração.

Succedeu-lhe Antonio Vaz, pai de Lopo Vaz de Camões, cujo primogenito, tambem Antonio Vaz, teve um filho, que outro sim se chamou Lopo, e fez um morgado em Aviz.

D'este ultimo gerou-se D. Anna de Castro, que foi casar a Guimarães com Diogo Lopes de Carvalho, quarto senhor dos coutos de Abbadim e Negrellos no tempo de Philippe II.

Luiz Lopes de Carvalho, 5.º senhor dos coutos, foi assassinado em Guimarães.

Gonçalo Lopes de Carvalho Camões e Castro Madureira, bisneto de Lopo Vaz de Camões, succedeu nos morgados da Camoeira da Torre de Almadafe no termo de Aviz, e da Gesteira no termo de Evora, ambos creados por Gonçalo Vaz de Camões e Duarte de Camões, ultimo representante da varonia, que morreu sem geração, e por isso os vinculos passaram aos descendentes femininos de Lopo Vaz de Camões, que eram os senhores de Abbadim e Negrellos. Existia esta posse em 1692 [1].

Thadeu Luiz Lopes de Carvalho, filho de Gonçalo Lopes, casou, depois do anno 1718, em Lisboa, com D. Brites Thereza de Menezes, que morreu muito nova. Celebrou segundas nupcias com D. Francisca Rosa de Menezes e Mendonça, filha de D. Francisco Furtado de Mendonça.

Tiveram filhos varões, que morreram na infan-

[1] Veja *Memorias resuscitadas da antiga Guimarães*, pelo padre Torquato Peixoto de Azevedo, em 1692, pag. 361.

cia, e tres filhas que casaram: D. Marianna Luiza Ignacia, com Caetano Balthazar de Sousa de Carvalho, alcaide-mór de Villa Pouca de Aguiar; D. Anna Joaquina, com Gonçalo Barba Alardo Corrêa, em 1751; D. Guiomar Marianna Anacleta de Carvalho Fonseca Camões e Menezes, herdeira, com D. Antonio de Lencastre, governador de Angola —(1772-1779), filho segundo de D. Rodrigo de Lencastre.

Nasceram, entre outros fallecidos na infancia, um filho, que se chamou D. Rodrigo de Lencastre Carvalho Fonseca e Camões, e uma senhora, D. Francisca Rosa de Lencastre, que casou com seu primo Lourenço de Almada, 1.º visconde de Villa Nova de Souto de El-Rei.

D. Rodrigo, herdeiro dos morgadios e senhorios de Negrellos, Abbadim, etc., e sargento-mór do regimento de cavallaria do principe D. João em 1791, casou com D. Maria do Carmo Henriques, filha herdeira de João Henriques, do Bombarral.

No morgado da Camoeira succedeu o 2.º visconde de Souto de El-Rei pelo seu casamento com D. Francisca Felizarda de Lencastre, filha de D. Guiomar de Camões, senhora de Abbadim e Negrellos. Uma filha d'estes viscondes, D. Guiomar, casou com Gonçalo da Silva Alcoforado.

Está, por tanto, o sangue dos Camões em todos os descendentes da mulher do 1.º visconde de Souto de El-Rei. O terceiro ainda se assignou com o appellido Camões. Está igualmente na familia Alcoforado da casa da Silva, na familia da casa de Villa Pouca de Guimarães; nos descendentes de José Bruno de Cabedo, 1.º barão do Zambujal, por linha feminina, pois sua mãi era neta de D. Guiomar de Carvalho Camões e Fonseca; na casa da Pousada em Braga, representada ha quarenta annos por Francisco Xavier Alpoim da Silva e Castro, terceiro neto de Thadeu Camões, senhor de Abbadim.

Em quasi analogo parentesco estão os snrs. Leites de Paço de Sousa, e os snrs. Pachecos Pereiras de Villar, ou de Belmonte.

Não prolongarei esta resenha que de certo, hoje em dia, se ramifica tão copiosamente quanto cumpre imaginar das faculdades reproductoras das pessoas que representam aquelles illustres appellidos.

Falta dizer que Luiz de Camões deixou um filho que não se reproduz, e é immortal: chama-se LUSIADAS.

LISBOA

Antes do traslado, darei breve noticia do livro de outro viajante bem creado que nos visitou mais de espaço em 1730. A *Description de la Ville de Lisbonne*, impressa em Paris, n'aquelle anno, é facil de encontrar em Portugal.

Este viajante esteve no paço da Ribeira. Viu as riquissimas alfaias do vasto palacio. Reinava D. João V, o Salomão do occidente. Que valores não sorveu aquella vasa do Terreiro do Paço vinte e cinco annos depois!

Uma cousa achou tristissima o viajante; eram as noites de Lisboa:

« Esta grande cidade (diz elle) não é alumiada de noite, e é isso causa a que um homem se veja em embaraços para acertar com o seu caminho, e soffra sobre si os despejos de immundicies que lá se atiram das janellas ás ruas, porque as casas não tem latrinas. A obrigação de cada qual é levar essas immundicies ao rio, para o que ha negras que se occupam n'este serviço muito bara-

tas; mas a plebe não quer saber d'essas ordens. Nas ruas não se anda de noite com bastante segurança, salvo quando se é, como lá dizem, *embuçado*, isto é, quando se envolve a gente em um farto capote, desde a cabeça até ás canellas: é um trajar exquisito, de que usam as pessoas mais qualificadas, e até os principes, como trajo privilegiado e respeitado. O respeito que se tem a esta especie de mascara, vem de impedir que os taes se reconheçam, e do receio que o disfarce encubra armas de fogo prestes a disparar-se sobre quem os insultar ou quizer conhecer... Lisboa não tem passeio algum, nem divertimento de nenhuma casta a não ser um mau theatro hespanhol. Os fidalgos, não obstante, frequentam este theatro; e, depois que sahem [1], vão gastar o restante do dia a passear nas suas carruagens, na praça do Rocio, onde palestream até á noite, sem sahir das carruagens. As cadeirinhas usam-se muito, e as liteiras estão na moda das damas distinctas e dos velhos; mas, por conta das ruas intransitaveis, os coches são raros. »

Fallando de estalagens, diz que eram quasi todas francezas, inglezas e hollandezas, sendo a

[1] Vê-se que as representações eram de dia.

melhor de todas uma franceza na praça dos Romulares, onde o passadio de cada dia custava 6 francos.

Attribue a carestia á diminuta concorrencia de estrangeiros, que se hospedem fóra das casas dos amigos.

Já n'aquelle tempo, pelos modos, era mais barato hospedar-se a gente em casa dos amigos. N'este particular, não adiantamos nada. Outros forasteiros, que não tivessem amigos em Lisboa, costumavam alugar quartos, com uma banca, seis cadeiras de palha, louça de barro, e cama no chão, constante d'uma enxerga e duas cobertas, que á noite se desdobram sobre uma esteira de junco. Diz elle que nas hospedarias era peor.

Conheceu o sujeito em Lisboa uma senhora portugueza, casada com um negociante francez, de Bayonna. A tal senhora via o que se passava no interior do corpo humano e nas entranhas da terra, não tendo nos olhos senão grande belleza. Incommodava-se-lhe a vista quando divisava nos reconditos escaninhos da economia animal abscessos asquerosos. Via os phenomenos physiologicos da digestão, e dizia se o feto no ventre materno era macho ou femea, aos sete mezes. Na profundeza de 30 ou 40 braças descobria mananciaes d'agua. Estas prerogativas extraordinarias

só as gozava em quanto estivesse em jejum; algumas vezes, porém, á hora de sesta, refinava no condão de vêr os rins de um homem gordo através do capote. Os descobrimentos de agua, já para o rei já para os particulares, o voto dos sabios e dos ministros, em fim, os incontroversos prodigios d'esta mulher grangearam-lhe a mercê regia do *dom* e o habito de Christo para seu marido.

O padre Le Brun, no anno seguinte á publicação d'este livro, metteu a riso a historia da lisboeta. (Veja *Histoire critique des Pratiques superstitieuses*, etc., l. 1.º, cap. 6, edição de Amsterd. 1733). Mas o cavalheiro de Oliveira que demorava então em Londres, onde publicava o seu *Amusement periodique*, a pag. 274 e seguintes do 2.º tomo, impugna a incredulidade do francez, com as seguintes razões. E note-se, primeiramente, que Francisco Xavier de Oliveira foi o portuguez mais incredulo do seu tempo; e, se não fugisse de Portugal, teria sido queimado como herege.

Diz elle:

«Eu não subscrevo ás suspeitas de impostura que o padre Le Brun irroga á mulher portugueza, porque a conheci pessoalmente, tendo ella entre onze e doze annos. Vi-a, pela primeira vez, em Paço d'Arcos na quinta de Jeronymo

Lobo Guimarães, onde fôra para indicar o ponto onde havia agua. Do primeiro lanço de olhos, apontou o sitio. Lobo fez cavar no ponto indicado, e achou agua abundantemente. Verdade é que ella marcava entre seis e sete braças; e a agua borbulhou na profundidade de oito. Tambem é certo que, estando eu vestido, ella me disse positivamente os signaes todos que eu tinha na pelle, e o mesmo fez a cinco pessoas presentes. Afianço isto como testemunha ocular. Que ella visse através da pelle, nunca ouvi dizer...»

Prolonga-se o cavalheiro de Oliveira abonando os prodigios contrariados por Le Brun, e prosegue:

«Declarou esta menina que não podia entrar em igrejas e atravessar cemiterios, por causa do horror que lhe faziam os cadaveres enterrados, que ella via podres debaixo das lapides. Todos os tribunaes, e maiormente o do santo officio, tomaram conhecimento d'esta declaração. Abriu-se um tumulo como experiencia, e achou-se o cadaver qual ella o descrevera, antes que levantassem uma grossa lousa. Não sei que destino teve

esta mulher: o que sei é que nem a inquisição nem algum tribunal a inquietou [1].»

Proseguindo na viagem do admirador da prodigiosa lisboeta, refere elle algumas cousas da côrte de D. João V que precisam ser esclarecidas.

Numera os officiaes, que servem a casa real, e diz que, áquelle tempo, o officio de mordomo-mór tinha vagado, em consequencia de ter fugido de Portugal em 1724 este empregado do paço com uma das mais formosas damas do reino, esposa de um fidalgo. E acrescenta:

«O rei mandou depós os fugitivos um esquadrão de cavallos; mas como elles levavam um dia de avanço, e correram á desfilada, a tropa não logrou apanhal-os; por maneira que chegaram a Vigo [2], na Galliza sem embaraço. Com tudo, breve lhes foi o contentamento; porque o bispo d'aquella cidade fez entrar a dama em um mosteiro, e o fidalgo retirou-se para Madrid. O marido da fugitiva vestiu-se de luto, assim que soube da fuga; e, conforme o prejuizo do paiz, ou como lá dizem os portuguezes, *porque tinha bar-*

[1] São rarissimos ou talvez unicos em Portugal, estes livros do cavalheiro de Oliveira. Diz elle que apenas tinha na sua patria dous assignantes, e um era Jacome Raton.

[2] É erro: foi em *Tuy*.

bas, jurou não apparecer mais sem matar o raptor, e matar ou enclausurar para sempre sua mulher. »

No immediato numero saberá o leitor quem foram os personagens d'este caso, que envolve tragedia digna de livro de maior fôlego.

VOLTAS DO MUNDO

Ayres Ferreira, da casa dos senhores de Cavalleiros, e couto de Frazão e Marvilla de Couros, viveu em Barcellos, no tempo de D. João III.

Teve quatro filhos e duas filhas.

Os rapazes, á excepção de um que morreu na infancia, foram todos servir na India: eram Ruy, Alvaro e Gonçalo.

As meninas professaram, e foram abbadessas perpetuas no mosteiro de Cós.

Os tres soldados grangearam fama no Oriente; e Ruy Ferreira de Mendonça, o mais velho, avan-

tajou-se nas proezas — nas crueis façanhas que os Coutos e Barros chamaram proezas.

Não lhes desluzam, por isso, a memoria. Era seculo de trevas e de missionarios. Reinava D. João III, o inquisidor. Cada qual é do seu tempo. Se algum contemporaneo, como o bispo de Silves, protestou contra o fanatismo sanguinario, deve-se o protesto honroso a não ter ido lá o insigne escriptor. Se fosse, pegaria d'elle a contagião da carnagem, a peste d'aquelle ar infecto da sangueira, o colera que accendia sêdes de cubiça insaciavel.

No seu solar de Barcellos ficára Ayres Ferreira, sósinho e triste. Doia-lhe mais que tudo a saudade de Ruy, o seu primogenito, que lhe fugira, ancioso de batalhas, e invejoso dos irmãos, cujos nomes começaram a ser laureados na Asia em 1543. N'aquelle tempo, um mancebo de appellido *Goes*, renunciava esse appellido, que era o de seu progenitor, em affronta ao pai que lhe impedira servir as armas na India!

Um dia, Ruy Ferreira de Mendonça recebeu em Goa carta de seu pai, queixando-se dos filhos que o deixaram velho, desamparado, e exposto aos affrontamentos de quem já lhe não temia o braço alquebrado por annos e desgostos.

E contava que o abbade de Creixomil, clerigo

fidalgo e possante, ousára pôr-lhe as mãos nas barbas.

Ruy sahiu com a carta de seu pai em demanda do vice-rei a pedir-lhe licença para vir ao reino. O vice-rei negou-lh'a, com o intento de evitar um crime, privando-se de um dos seus mais valentes capitães. E, sabendo que o fidalgo lhe não obedeceria e se andava negociando clandestinamente passagem nas náos, deu-lhe ordem de prisão até que os navios levassem ancora.

As náos abalaram, e Ruy foi posto em liberdade.

Apenas livre, correu á barra, avistou ao longe o velame, arrojou-se ás ondas, e nadou na esteira d'ellas. Quatro horas bracejou, reagindo ao sossobro, que já o levava de vencida. Favorecido por subita calmaria, as náos balouçavam-se paradas, e as vagas alisaram-se como lago de aguas estanques. Viram da amurada o homem que nadava. O capitão, que lhe quizera dar passagem occulta, suspeitou quem fosse, e mandou uma lancha com oito remadores ao encontro d'elle. Colheram-o reanimado, mas em tamanho quebranto de forças que levou dias a restaurar-se. Tinha cortado duas leguas de mar!

Desembarcou em Lisboa, e seguiu para o Minho.

S. Thiago de Creixomil, abbadia do então chamado Couto de Fragoso, demorava no termo de Barcellos.

Ahi vivia o clerigo que affrontára Ayres Ferreira.

Ruy, antes de se avistar com o pai, bateu á porta do abbade, e enviou-lhe o seu nome.

O fidalgo tonsurado desceu ao recio da sua residencia, empunhando a espada de cavalleiro. O soldado da India rejubilou quando viu o adversario armado. Vexava-o ter de matar um inerme. Travaram-se os dous gladios; mas que prelio tão desigual entre o guerreiro experimentado e o fidalgo que sabia apenas a esgrima de curioso! Á volta de poucos botes, o abbade de Creixomil cahiu traspassado do peito ás costas, ouvindo estas vozes frementes de odio:

— Perro! não pozesses as mãos nas barbas de um velho!

E depois foi beijar a mão a seu pai, com quem se demorou algumas horas, e partiu para não perder a passagem das náos que estavam de vela para a India.

E lá foi ceifar novos louros.

Passados annos, o solarengo de Barcellos morreu, e foi sepultado na capella do Santissimo Sa-

cramento da igreja matriz de Barcellos, onde estavam os ossos de seus paes e avós.

Ruy Ferreira voltou ao reino, e succedeu na casa de seu pai.

Ninguem lhe pediu saldo de contas com os descendentes do abbade que naturalmente os tinha, de collaboração com as mais nitidas ovelhas do seu rebanho.

Disputou a posse do morgadio de S. Pedro de Fajozes, no concelho da Maya, a sua prima D. Joanna de Eça, da casa de Cavalleiros. Ganhou a demanda.

Em seguida, casou com D. Philippa de Athaide, filha de Martim Lopes de Azevedo, decimo primeiro senhor da casa e solar d'Azevedo e da Villa de Souto.

Tiveram seis ou mais filhos; parte d'estes morreram na India.

A representação d'esta casa, volvidos 60 annos, estava em Duarte Pacheco Pereira, governador de Ormuz, descendente do heroe desgraçado que teve aquelle nome; porque um bisneto de Ruy, chamado Luiz de Mendonça, casou com D. Guiomar de Albuquerque, neta de Duarte Pacheco Pereira.

.·.

Eu não sei se algum dos trinta e quatro barões que conheço, estando no Brazil, e sabendo que seu pai, o tio Antonio da Thereza, foi espancado pelo estadulho do tio Joaquim da Thomazia, seria capaz de vir da rua da Quitanda desaffrontar o seu velho progenitor! Acho que não; e faria muito bem. Ha 300 annos, aquelle Ruy poz o abbade a dormir o somno eterno, cavalgou na sua mula, e lá foi socegadamente para Lisboa, e de Lisboa para a India. Hoje em dia, se o barão de Ranhados matar o Januario do Quinchoso, que lhe bateu no pai, o mulherio grita á d'el-rei, o regedor participa ao administrador, este faz uma circular telegraphica para os quatro pontos cardeaes, e o barão, quando chegar, mais aqui ou mais além, dá de cara com dous policias, e depois bem sabemos o resto.

Mudaram os tempos pela mesma razão que mudaram os fidalgos. Não ha pai por filho nem filho por pai, em quanto se ganha dinheiro.

Entre HEROISMO antigo e DINHEIRO moderno está um fôsso. Quem quizer palmilhar de salto as duas orlas do abysmo cahe no *ridiculo* ou... nas mãos da policia.

NOVA SOLUÇÃO DO PROBLEMA HISTORICO

Cá está outra que me parece mais sensata que a primeira. O premio, infelizmente para o verdadeiro merito, era já distribuido. Não obstante, o snr. *Bibliophilo* ha de ser galardoado. A minha livraria é pobre: não vejo livro digno de s. s.ª; mas vou munir-me de duas joias litterarias, que submetto á escolha do douto letrado.

Disponha, pois, s. s.ª do FAUST do snr. Joaquim de Vasconcellos, ou dos ORIGINAES OPUSCULOS do snr. Jayme José Ribeiro de Carvalho. A primeira, bem que não trate de hygiene, é drastica; a segunda, posto que entenda com a sciencia dos derivativos, corre parelhas com a utilidade da primeira. D'este modo, dou testemunho publico da consideração que me merece o bibliophilo, e fio muito dos dous offerecidos authores a lapidação do seu espirito, que reslumbra e rasga na seguinte carta destinos de nenhum modo chôchos.

*

« *Snr. redactor das* NOITES DE INSOMNIA.

« Estimo esta occasião de o informar de um caso que succedeu em 1693, e esclarece completamente as suas duvidas a respeito do augusto forasteiro que tres pontifices sentenciaram rei de Portugal.

« Tenho a satisfação de possuir um folheto rarissimo que meu avô conseguiu salvar no incendio da livraria do conde da Ericeira, em 1755. É conhecido outro exemplar no *Museu britannico.* E eu preso-o tanto que não me desfiz d'elle, quando me offereceram em troca as obras completas do doutor Theophilo, e sete menos cinco em dinheiro.

« Intitula-se a minha raridade: *Relaçam do sucesso que teve o patacho chamado Nossa Senhora da Candelaria da Ilha da Madeira, o qual vindo da Costa de Guiné, no anno de 1693, huma rigorosa tempestade o fez varar na Ilha incognita. Que deixou escripta Francisco Corrêa, mestre do mesmo patacho, e se achou no anno de 1699, depois da sua morte. Impresso em Lisboa em 1734.* »

« Aproveitando as suas insomnias, vou dar-lhe muito resumida a substancia do referido opusculo.

«Conta Francisco Corrêa que, ao avistar as ilhas de Cabo-Verde, toldou-se repentinamente o céo, e logo uma nebrina escura fez noite a bordo, a termos de se não conhecerem os tripolantes. De subito, pegam de esfuziar nas gaveas repellões de ventania, e os relampagos a fuzilarem, e logo as nuvens negras a abrirem-se em jorros de chuva.

«Traquete e mezena voaram. A embarcação fez agua por todas as pranchas descosidas; e, apesar de esforços desesperados, não vingaram cegar os sorvedouros. Quinze eram os nautas que se deram em uma jangada á misericordia divina. Ao abrir da manhã, avistaram a leste uns morros pardacentos; mas como não tinham governo que alli os proejasse, deixaram-se ir na corrente e á mercê de Deus até varar em terra.

«Em quanto se reparava a embarcação, o mestre do patacho, com Manoel Antunes e João de Arruda, embrenharam-se no matagal com os arcabuzes bem cevados. Viram mono de oito palmos, e dentes de duas pollegadas e meia; viram cobras grossas como pipotes de oito almudes; e viram a final uma mulher marinha que Francisco Corrêa descreve d'este feitio:

«Tinha todas as perfeições até á cinta, que se

discorrem na mais formosa, e sómente a desfeavam as grandes orelhas que tinha, pois lhe chegavam abaixo dos hombros, e quando as levantava, lhe subiam a distancia de mais de meio palmo por cima da cabeça. Da cinta para baixo, toda estava coberta de escamas, e os pés eram do feitio de cabra, com barbatanas pelas pernas. Tanto que se viu no monte, presentindo ser vista, deu taes berros, que estremecia a ilha, pelo retumbo dos echos; e sahiram tantos animaes, e de tão diversas castas, que nos causou muito medo. Arrojou-se finalmente ao mar pela outra parte com tal impeto, que sentimos nas aguas a sua vehemencia. Todos se assustaram, menos eu, pois já tinha visto outra no cabo de Gué; e tinha perdido o medo com outras semelhantes apparições; e me lembra, que junto a Teneriffe vi um homem marinho de tão horrendo feitio, que parecia o mesmo demonio. Tinha sómente a apparencia de homem na cara, na cabeça não tinha cabellos, mas uma armação, como de carneiro, revirada com duas voltas; as orelhas eram maiores que as de um burro, a côr era parda, o nariz com quatro ventas, um só olho no meio da testa, a bocca rasgada de orelha a orelha, e duas ordens de dentes, as mãos como de bugio, os pés como de boi, e o corpo coberto de escamas, mais duras, que

conchas. Uma tempestade o lançou em terra, e taes bramidos deu, que entre elles expirou, e para memoria se mandou copiar a sua fórma, e se conserva na casa da cidade d'aquella ilha.»

«Ao terceiro dia, 8 d'agosto de 1693, ouviram uma voz lá dos reconcavos da serra, a bradar: *Portugal! Castella!* Seguindo a toada das exclamações, toparam um homem de venerando aspecto, que lhes fallou assim:

«*Graças a Deus Senhor; infinitas graças vos dou, por me chegardes a tempo, depois de tantos annos, em que eu visse gente da Europa:* e logo olhando gravemente, e cortez para nós, disse: *Senhores, de que nação sois?* Nós pasmados, não acertavamos a responder; e conhecendo elle o nosso susto, nos animou brandamente, rogando-nos para a sua pobre habitação, aonde entrámos, e sentados em um tosco pau, nos fallou com taes palavras:

«*Senhores, sois portuguezes, ou castelhanos? Respondei sem susto; que não tendes, quem n'esta ilha se opponha aos vossos designios. Se me procuraes, para acabardes com a minha vida, aqui me achaes sem resistencia, e sem defensa mais que a de Deus; e como de tanto viver estou aborrecido,*

grande favor me fazeis em me alliviardes de tão grande penalidade. Eu, que respeitava a sua pessoa, desejando satisfazer á sua pergunta, o certifiquei de que eramos portuguezes, que arribáramos com um grande temporal áquella ilha: do que, tanto que me ouviu, posto de joelhos, levantadas as mãos, pondo os olhos no céo, soltando as lagrimas, deu graças a Deus, dizendo: *Ah bom Deus, quão grande é a vossa infinita Providencia!* E levantando-se, nos abraçou, e saudou, dizendo: *Meus portuguezes, meus portuguezes;* sem que as lagrimas cessassem: e levando-nos para o interior da cova, nos fez sentar junto a si, perguntando-me pelos companheiros, e pelo nosso infausto successo, de que lhe démos larga conta. Perguntou-nos quem reinava em Hespanha, e sabendo que em Castella reinava Carlos II, e em Portugal D. Pedro II, suspirando com alvoroço, disse: *E Portugal tem rei! Oh Deus immenso, que te lembraste do teu reino!* E dizendo-lhe nós como fôra acclamado el-rei D. João IV, e os milagrosos successos d'aquelle dia, não cessava de mostrar o gozo, que interiormente sentia: e logo repetindo novas lagrimas, suspiros, e soluços, nos perguntou pela conquista de Africa, ao que respondemos dando-lhe conta, do que sabiamos, e como desde a batalha, que perdera el-rei D. Sebastião, se não

continuára, tomando-se horror a tal terra: e desejosos nós de sabermos com quem tratavamos, lhe pedimos nos consolasse, dizendo-nos, quem o levára áquella ilha incognita, e não arrumada nas cartas, e roteiros; ao que satisfez com taes palavras:

«No tempo, que Philippe II entrou com violencia em Portugal, se retirou muita gente, por não vêr o seu reino recuperado das mãos dos mouros pelos nossos ascendentes, sem ajuda dos visinhos, sujeito a principe estranho. Muito tempo andei retirado, discorrendo pelo interior da Africa, passei á Palestina, e outras terras, tendo tantos trabalhos por muito suaves, na consideração, de não vêr com os meus olhos o quanto padeciam os meus naturaes; e passados alguns annos, passando á Europa, cahi nas suas mãos; e entregando-me a certos homens, me levaram a uma embarcação na bahia de Cadix, que promptamente se fez á vela. Tinha o cabo ordem particular para que em certa altura me lançassem ao mar, sem que me ouvisse, nem me deixasse fallar; e notando elle as minhas acções, e innocencia, suspendeu a execução; até que na altura de Cabo Verde, me intimou a ordem com tanto pezar, que bem entendi o desejo que tinha de me favorecer. Preparou-se uma lancha, o melhor que se pôde,

e n'ella se pôz mantimento para tres dias. Entrou logo a animar-me, exhortando-me a que confiasse em Deus, que me poderia livrar do perigo, a que me haviam de expôr: e me mandaram baixar á lancha, o que não quiz executar, sem me confessar, e me preparar espiritualmente, para entregar a alma a Deus; que tudo se me concedeu; e tanto que baixei, cortaram o cabo, e me entregaram á disposição das ondas. Não perdi o animo, antes constante soffri este golpe, esperando, que Deus olhasse para a minha causa ; e nadando a lancha livremente, na manhã seguinte de 4 de outubro, cheguei por acaso a esta ilha, em que habito sem que no discurso de tantos annos visse alguma creatura racional. Penetrei o interior, encontrando a piedade nos brutos, que não experimentei nos homens; e descobri esta concavidade, que a natureza devia ter obrado para meu abrigo. Aqui me recolhi, aqui tenho passado tantos annos, sustentando-me com datiles, e outras frutas. Vivo, e não sei para o que vivo; Deus sabe o para que.»

«O testemunho do narrador, confirmado por Manoel Antunes e João de Arruda, assevera-me que se alguma vez houve D. Sebastião era aquelle. Muito instaram os nautas que se deixasse le-

var a Portugal; « mas elle — acrescenta o mestre do patacho *Nossa Senhora da Candelaria* — encarecidamente nos pediu com as lagrimas nos olhos, que o não precisassemos a tal jornada, pois não chegára ainda o tempo de passar a Portugal; que pelo amor que nos tinha, o lançassemos, terra firme, em qualquer parte da Africa; e que debaixo da palavra que lhe haviamos de dar como portuguezes partiria comnosco; o que lhe juramos. Perguntamos-lhe se tinha alguma cousa na sua cova, que embarcasse; e respondeu, que desde que n'ella entrára não cuidára mais que viver para Deus; e que todos os annos lavrava por suas mãos uma tunica de folhas de palma, para cobrir honestamente o corpo; na cova não tinha mais que uma cruz, que por suas mãos fizera de madeira; e que essa deixassem, para que n'aquella terra ficasse o signal da nossa redempção; e quando ella se povoasse nos tempos futuros se acharia tambem a noticia do seu habitador. Embarcou-se comnosco, beijando a terra, com muitas lagrimas; e fazendo-nos á vela, esteve em nossa companhia dous dias e meio, em que nos contava monstruosidades d'aquella ilha; e satisfazendo ao seu pedimento o lançamos em terra duas leguas distante de Arguim, expondo-lhe os perigos a que se expunha, sem que o podessemos

persuadir a suspender o desembarque em terra de barbaros; ao que respondia, que Deus que o conservára até aquelle tempo, o livraria de todos os perigos.

«Despediu-se de nós com tantas lagrimas, e gosto, que bem mostrava as saudades, que de nós levava, e o quanto se alegrava de passar áquella terra. Abraçou-nos a todos, e saltando em terra, a beijou, e levantando as mãos agradeceu a Deus as mercês que lhe fizera, e esperava receber da sua piedosa mão; e penetrando aquella costa inculta, nos deixou sentidos pela falta da sua companhia. Jámais podemos alcançar, o sabermos d'elle, a sua patria, e nome; divertindo a resposta politicamente com tanta gravidade, que nos não dava confiança, para instarmos; e sómente ao despedir me disse, que a seu tempo o saberiam os nossos descendentes; e dizendo-lhe eu nos consolasse ao menos declarando o tempo, nos disse: que Deus o sabia.

«Varios discursos fizemos sobre este homem, conservado por tantos annos n'aquella ilha, e agora caminhando por taes desertos; e nos persuadimos ser cousa maior. Deus o leve, e traga a salvamento.»

«Confronte agora v. as datas das sentenças

dos tres pontifices, e deprehenda que D. Sebastião, tendo corrido a Palestina e *varias terras* como elle disse aos marinheiros, muito é de crêr que estivesse em Roma nas tres épocas assignaladas na sentença.

«Quanto á circumstancia de estar então o rei bastante avançado na idade — pois tinha 137 annos — isso é controversia que pertence á alta philosophia e não ao calendario decidir. São os *porquês* de Deus, dos quaes, sobre o mesmo assumpto, escreveu o doutissimo padre Antonio Vieira:

«Demais que os porquês de Deus são incomprehensiveis, e das suas razões não póde o entendimento humano dar razão; quanto mais, que Deus Nosso Senhor sempre faz as suas cousas grandes, e com grandes milagres. Bem podia Deus dar no tempo do Anti-Christo padres, que a este prégassem, e com tudo guarda ha tantos annos a Enoch e Elias: outras paridades podéra trazer se a brevidade as permittira.

«.... Ou este rei morreu, ou não! Se morreu, aonde? Na batalha, ou fóra d'ella? Se fóra d'ella, quem o testemunhou? Se morreu na batalha, como não acharam os mouros o despojo, que tanto desejavam, e procuravam? Se morreu no rio, como veio a sua espada? Como mandou o

cardeal D. Henrique aos que se fingiram reis inquirir e perguntar se eram o verdadeiro rei? Se lhe a elle constára a sua morte, nunca fizera tal inquirição; e a quem melhor podia constar, senão a elle? E bem se viu, que lhe não fez exequias, nem officios, sendo um ministro da igreja, a quem verdadeiramente tocava como rei, como tio, como prelado e por obrigação. Mais: se morreu, como esteve depois em Veneza, e Napoles, preso e desprezado, o que consta evidentissimamente, o qual successo refere Lucio Floro nos seus *Annaes*, e D. João de Castro, que foi testemunha de vista, o escreveu; e todas as circumstancias d'isso, e os prodigios, que então succederam o confirmam, os quaes no quarto fundamento d'este discurso mostraremos? Mais: que o snr. rei D. João IV o testificou e contou, o que é uma mostra de evidencia certa, e outras muitas, que é trabalhoso o referil-as por papel.»

«Responda-lhe, se póde.

«Muito venerador

«*Bibliophilo.*»

Não tenho que responder. S. s.ª cuidará que eu sou menos sebastianista que a sua pessoa?

Já lhe disse que escolha uma das obras citadas, e... sabe que mais? mande-as buscar ambas, que as merece.

DESGRAÇADO BALZAC!

(*Á ACTUALIDADE*)

Tantas vezes o noticiarista repete que eu sou assignante do seu papel, que parece estar-me convidando a declarar a razão por que assignei.

Eu lh'a digo ao noticiarista. Foi para me regalar com as inepcias do folhetinista.

Quer-me parecer que os dous são um e mesmissimo tolo (com licença: não diga que sou incivil).

Se os dous não são homogeneos, então tenho centauro pela frente. Em cima, no noticiario, está a porção humana do aborto; em baixo, no folhetim, está (com a devida cortezia) a porção bestial do mesmo centauro.

Mas ha lanços em que o centauro se cabriola de feitio que a metade debaixo esperneia em cima; e a gente, a meia volta, não sabe já onde está o homem, nem onde está (com a divida venia) a bêsta.

O noticiarista, que me dizem chamar-se Silva Pinto, consinta que eu, por conveniencias da composição e da variedade da fórma, lhe não chame sempre centauro e tolo. Obriga-me a pedir-lhe licença todas as vezes em obsequio á urbanidade. O melhor é chamar-lhe, como variante, Silva Pinto.

O snr. Silva Pinto começou no n.° 16 da *Actualidade* a traduzir romances de Balzac.

Ai da nomeada do eminente explorador da alma, se Balzac podesse espelhar-se na fusca photographia que lhe tirou este encarvoador de paredes caiadas!

Eu não me despendo em considerações banaes ácerca das difficuldades que empecem trasladar a portuguez os livros de Balzac.

Quem entende as galas dos classicos francezes, e as encontra condensadas no author dos *Contes drolatiques*, ainda que lhe sóbre igual saber da linguagem portugueza, ha de vêr-se em apuros para moldurar em estylo vernaculo as con-

cisões, os idiotismos, a energia, o atticismo de Balzac.

Quem se afoutaria aos espinhos da empreitada? Um sujeito ignorantissimo de ambos os idiomas: o snr. Silva Pinto.

E, sem mais delongas, vou provar-lh'o. O leitor faça-me o obsequio de se provêr do n.º 16 da *Actualidade*, e abrir isso onde começa o martyrio de Balzac. Não me demoro a mostrar-lhe que tudo ahi tresanda bafio francez, sem um torneio de phrase portugueza, sem um resalto que denote primor, ou sequer um dizer que não venha gafado de construcção gallicista. Isso é o menos. Vamos ás tolices mais lerdas:

Balzac, descrevendo um sujeito, a quem os seus amigos chamavam *tempo-brusco*, dá a razão do epitheto n'estes termos:

Il ne se rencontre en effet chez lui ni lumière trop vive, ni obscurité complete.

E vai agora o snr. Silva Pinto, parvoejando, traduz:

Effectivamente, estão banidas por elle de sua casa tanto a luz demasiado viva como a escuridão completa.

Viram? *chez lui* — de sua casa. Incrivel!

Balzac, interpretado por um portuguez medianamente versado na sua lingua, quiz dizer:

Não ha que esperar d'este homem grandes luzes nem grandes trevas.

Mas... *a casa do homem!* Quando quiz Balzac saber se o sujeito tinha luz ou estava ás escuras em casa? Quem estava em *escuridão completa* sabemos nós.

Adiante.

Balzac descreve uma senhora rodeada de homens desvanecidos, gentis, espirituosos, de notavel fama ou nome illustre, de baixa e alta condição, e acrescenta:

Auprès d'elle tout a blanchi.

O snr. Silva interpreta assim a phrase:

Tudo isto via embranquecer á beira d'ella os proprios cabellos.

Quer dizer: *áquelles homens, quando conversavam com aquella senhora, embranqueciam-se-lhes os proprios cabellos.*

Esta sandice faz-me compaixão. Se vejo outra assim, emigro.

Balzac queria dizer: todos estes homens de prestigio, de galhardia, de renome, aos olhos d'ella, *tout a blanchi*, «eram como se fossem velhos». Não lhe inquietavam o coração, não lhe perturbavam a serena indifferença, etc.

Adiante.

Referindo-se á insensibilidade d'esta dama,

acrescenta Balzac: *Certaines femmes coquettes sont capables de suivre ce plan la.* O author quer dizer: *Certas mulheres galanteadoras tem artes de dissimularem os mesmos geitos;* mas o snr. Pinto, subtrahindo o *coquettes* que dá o relevo ao confronto, diz espalmadamente:

Ha mulheres capazes de seguir... aquelle plano.

Chatissimo!

Balzac diz que Eugène de Rastignac... *avait plus d'une fois regardé la marquise de manière à l'embarrasser.*

Traducção do centauro:

Olhava de quando em quando a marqueza de modo capaz de embaraçal a.

Ha aqui um fartum de rapaz de escóla, que faz engulho. Como é que os olhos embaraçam a dama? Com os rudimentos da lingua, um traductor menos soez diria:

Fitou-a algumas vezes de modo que a inquietou, ou *enleou*, ou *perturbou*. Abstenho-me de extrahir dos diccionaristas as indecencias subentendidas na phrase *embaraçal-a.*

Adiante.

Balzac diz que o personagem *etait commodément assis, et avait les pieds plus souvent sur ses chenets que dans sa chancelière.*

O tal Pinto estraga d'esta arte:

*

Estava commodamente sentado e aquecia mais frequentemente os pés no brazeiro do que no traste forrado de pelles, destinado para tal fim.

No traste forrado de pelles!

Chancelière, — uma palavra diluida em nove!

Podia elle, avisinhando-se da indole da lingua, traduzir *capacho*, ou *ceirão de félpo*, ou *guarda-pés*, ou *pelliça*, por analogia com os mantos forrados de pelles; mas... *traste!* Salvo seja!

E traduzir *chenets* para *brazeiro!*

Este brazeiro deu-lhe provisão para tolejar á larga, e afogar no tinteiro as palavras que não percebeu.

Logo em seguida, escreve Balzac:

Oh! avoir les pieds sur la barre polie qui reunit les deux griffons d'un garde-cendre, etc.

Querem vêr o que é uma traducção sovina?

Oh! conservar os pés junto ao brazeiro... E acabou-se.

Aquelles *griphos* embucharam-no ao bom do Pinto! Passou por aquillo como o leitor e eu pelas legendas arabes da sé velha de Coimbra. Com a sua crystallina ignorancia, privou o leitor de entender o suave sybaritismo do personagem que, refestellado na poltrona, recostava *os pés no varandim lustroso que entre-une os dous griphos do cinzeiro*. Percebeu elle que os fogões tem um re-

ceptaculo, que recebe a cinza, ao través de uma grelha, e que os ha ladeados de figuras que formam entre si o apoio dos pés? Não percebeu nada.

Senhores leitores do Balzac, segundo a *Actualidade*:

O homem que nos vai apresentar o author da *Comedia humana*, vestido de farrapos bordalengos, é esse que ahi fica... *ás moscas*, até ao numero seguinte.

.˙.

Agora, duas palavras graves.

O snr. Theophilo Braga mandou acorrentar este *house-dog* á porta da *Actualidade*. Fez mal. Eu tinha-me recolhido mansamente ao silencioso espanto das arrancadas que os cafres faziam no campo arroteado pelos Castilhos, Garretts, Herculanos, e outros somenos lidadores d'essa ala que ahi está exposta ás injurias de tanto biltre. Era meu proposito deixal-os cavar a sepultura d'elles com o seu proprio escoucear phrenetico.

Logo, porém, que o rafeiro mais refilado da matilha me latiu á sombra, quando eu nem sequer o estremava dos anonymos que desprezo, sacudil-o-hei á cara dos que o açulam, e fal-o-hei portador das minhas caricias aos que o alimen-

tam, em conformidade com o proverbio: *An hungry dog will eat dirty pudding.*

OS 2 JOAQUINS

Um é o arranjador dos *Musicos* e de outras maravalhas.

Outro é Theophilo que tambem é *Joaquim.*

E tambem é *Fernandes.*

Expungiu o nome e o appellido, logo que se aforou em letras.

Joaquim Fernandes era a parte chata do sujeito.

Desfez-se d'isto, poz-se ás cavalleiras do genio, e apregoou-se *Theophilo Braga* [1].

Aviso á posteridade:

Elle era Joaquim!

A fatalidade dera 2 a Portugal, no mesmo seculo.

[1] No *Diccionario bibliographico* do snr. I. Francisco da Silva, é conhecido por *Joaquim Theophilo Fernandes Braga.* (Veja *Supplemento*).

Gemeos, homogeneos, homonymicos, productos de gravidez longa, parto feito a urros, ferozes no nascedouro, ringindo com dentes anavalhados, ao tempo que a lisonja os lambia, para os ageitar, como a ursa faz aos seus cachorros.

E que cachorros!

.˙.

Nem os sepulcros respeitam.

Bemetteram contra um, simultaneamente, os 2 Joaquins.

A sepultura era de gigante que o leitor, se não o viu, ainda o vê na projecção da sua imagem pelas paginas do livro amado.

Chamára-se, n'esta vida, ALMEIDA-GARRETT; — e chama-se hoje a gloria imperecedoura de Portugal.

O Joaquim, que se expurgou de *Fernandes*, para escoucear o cadaver de Cesar, disse...

Mas, antes de reler-se o que elle disse, veja-se o que escreveu o editor de *Helena*, romance posthumo e incompleto do author de *Fr. Luiz de Sousa*:

«Acabava o anno de 1854; ás primeiras cerrações do outomno inclinára mortalmente a fronte o snr. visconde de Almeida-Garrett, sentindo no

coração os aggravos da doença que, dentro em pouco e para sempre, havia de apagar-lhe a luz dos olhos.

«Cresceu o mal. Imminente o perigo, durante os poucos mezes em que a vida lhe fugia, quiz o nobre enfermo dizer o ultimo adeus ás queridas producções do seu elegante espirito. Era então que a voz quasi infantil da filha idolatrada lhe dizia os seus livros todos; foi então que, revendo o archivo dos seus papeis, elle rasgava os que não deviam sobreviver-lhe, guardando aquelles que, de mão propria, legava á posteridade. Era um sol no occaso, revendo-se na luz immensa com que alumiára a patria.

«Finda a leitura, prompto o legado, extinguiu-se aquella existencia esplendida, abraçada á cruz de Christo, abençoando a herdeira do seu nome, e embalada pelos cantos da sua propria harpa. Fim sublime! Sentiu no ultimo suspiro,— o seu credo, o seu genio e todo o seu coração.»

Agora, Joaquim Theophilo, interpretando com gaiata solercia as palavras de C. G., genro de Garrett e editor de *Helena:*

«Elle escreve alludindo á morte de Garrett: «Era um sol no occaso *revendo-se na luz* immensa

com que alumiava a patria.» E em seguida: «extinguiu-se aquella existencia esplendida *abraçada á cruz* de Christo...»

E ajunta o pellitrapo das letras com brutalidade manhosa:

«É de crêr que não haja aqui intenção maliciosa, mas desperta insensivelmente o dito celebre de Rodrigo da Fonseca Magalhães.»

É impudor glosar essa sordicia que ahi fica. Ninguem se demora a observar um cão resêcco, pilharengo, derreado, chagoso, que lambe faminto a sangueira negra de um matadouro.

Até os ossos de Rodrigo da Fonseca lhe serviram á gargalhada!

Nunca o honrado estadista proferira o tal motejo que lhe assacaram, estando Garrett na agonia da morte.

Garrett morreu entre dous amigos e duas irmãs da caridade.

Eu perguntei a um dos intimos de Fonseca Magalhães, ao desembargador Northon, se o seu amigo proferira o gracejo tão celebrado.

— Não — respondeu elle — mal sabe a dôr que

eu involuntariamente causei a Rodrigo, quando lhe repeti a proterva zombaria que lhe attribuiam.

.˙.

Agora, o outro Joaquim, o musicógrapho.

Escrevi em um livro estas linhas em fórma de carta a um amigo:

«Sabes tu o que eu queria roubar á gaveta de José Gomes Monteiro? As cartas de Almeida-Garrett, as confidencias d'aquelle immenso genio, que se expandiam na alma e intelligencia de José Gomes Monteiro. Estas seriam as paginas de ouro da biographia de ambos. Uma sei eu que existe em que Almeida-Garrett, em perigo de vida ou previsão de morte proxima, encarrega o seu amigo de defender-lhe a honra e a fama assim que a pedra sepulchral lhe vedar o direito da defeza. Que sublime legado! que legitima e jubilosa vaidade para o coração honrado e generoso de José Gomes Monteiro! [1]»

E vai agora, o dos *Musicos*, péga de Garrett, adormecido, havia 10 annos, no sagrado somno

[1] *Esboços de apreciações litterarias.*

dos mortos santificados por saudade, talento e veneração, e enxovalha-o d'esta arte:

«Sim, senhor, basta isto para nos pintar o janota de 55 annos, que, para brilhar como um *vieux vert* aos olhos das *petites maîtresses* de ha 30 annos, não teve vergonha de pintar as suas barbas com elixires, dando com a sua vida airada a confirmação de que o *genio immenso* precisa da *bohème* para a sua inspiração, etc. [1]»

Alma e linguagem travam-se aqui de mão, e medem a sciencia e a educação do sujeito. Este snr. Joaquim usa gravata, e não me consta que passasse a infancia gandaiando nas escadas dos Congregados. Foi educado na Allemanha, por não caber (diz elle) *nos focos de immundicie physica, moral e intellectual de dous ou tres collegios do Porto onde o hariam mettido* [2]. Já vêem que o homem é limpo. Depois, veio á patria para se formar em Coimbra; e, como aquillo de Coimbra lhe cheirasse aos collegios do Porto, foi-se embora, e abriu, por sua conta, universidade de frandulagens no Porto, com succursaes em Allemanha, França, etc.

[1] *O consummado germanista*, por Joaquim de Vasconcellos, pag. 50.

[2] *Obra cit.*, pag. 2.

Não só é conhecido mas até soffregamente lido em Paris.

Elle mesmo nos conta esta cousa no livro onde estou esgaravatando:

«Voltamos serenamente aos nossos trabalhos sobre a *Archeologia artistica para darmos* a nova edição critica do *Catalogo da livraria d'el-rei D. João* IV que, *como sabemos* pelo nosso sabio amigo Mr. Ferdinand Denis, é esperada com impaciencia em Paris.»

Viram? *com impaciencia.*

Era em 1872, quando ainda o coração e o cerebro da França vibravam nas angustias do opprobrio nacional, da luta fratricida, da devastação, do petroleo, da ingente miseria das viuvas e dos orphãos. Pois, em meio de tanto horror, a unica esperança que, a intervallos, dava palpitações de gaudio a Paris era a impaciencia das turbas, com os olhos postos no occidente, á espera do livro do nosso, tão nosso, Joaquim! Cada vez que chegava á capital da França a mala de Portugal, as multidões acotovelavam-se frementes á porta de Mr. Ferdinand Denis, amigo do sobredito, e, ullulando insoffridas, pediam o *Catalogo*. O sabio francez linimentava com promessas o phrenesi da

academia e dos institutos; as massas debandavam; e depois, recolhido ao seu gabinete, Mr. Denis pedia novamente o *Catalogo* ao lusitano Joaquim, pintando-lhe com termos não encarecidos a impaciencia dos seus.

Aqui está quem é o homem lá fóra, e cá dentro.

Elle embirra com a maioria do publico portuguez; e justifica a birra n'estes termos:

« Porque lhe antepomos um ideal que elle não quer ter [1]. »

Então? fazem favor de aceitar o ideal que lhe antepõe o snr. Joaquim? Elle não sabe a significação do verbo *ante-pôr;* mas imagine-se que quer dizer o que a palavra não diz; presuma-se que nos *offerece* um ideal, por um preço razoavel. Que duvida temos em haver ás mãos isso que o rapaz nos trouxe de Hamburgo, em vez de nos trazer dous costaes de queijos? Ha de haver muito quem antes quizesse, em vez do *ideal* anteposto, uma *idéa* de servir; mas, se Joaquim dá *ideaes*, peguem n'elles, antes que o homem os exporte, como cá fazem aos bois gordos que os nos-

[1] *Obra cit.*, pag. 9.

sos magarefes não aceitam pela taxa de Londres, posto que lh'os anteponham.

É o diabo este homem! Má mez p'ra elle!

Lá que o rapazola verbere os escriptores vivos que lhe não aceitam o ideal, é bem feito. De Mendes Leal, por exemplo, diz que *é uma antigualha que só apparece nos leilões dos burguezes de ha 40 annos*. De Castilho diz que lhe riscára o nome, depois que o outro Joaquim *lhe applicou o processo.* (Ai d'aquelles a quem o outro applica processos! *Eheu!*) De Herculano diz: «está decrepito». Todos estes e outros de menos porte são os relapsos do ideal de Joaquim; mas Garrett e Rebello da Silva? Um era já morto; o outro fallecia quando o enxovedo alvorejava n'este novo dia da sciencia patria. É crueza injurial-os, posto que Joaquim Theophilo Fernandes lhes haja *applicado o processo.*

Este Fernandes já processou o Herculano, e disse: «O snr. Alexandre Herculano nunca teve vocação litteraria [1].» E o *Eurico?* E a *Abobada?* E o *Monge de Cistér?* E o *Bobo*? e a *Historia de Portugal?* e a da *Inquisição*? e a *Harpa do crente?* Cuida o leitor que é mister vocação litteraria para escrever estas cousas? Não, senhor. Estes

[1] *Bibliographia critica*, pag. 196.

livros só os escreve quem a não tem. O snr. Herculano, se tivesse vocação litteraria, fazia umas botas.

Parte d'aquellas obras diz Fernandes que é glosa da *Notre Dame* de Victor Hugo.

Eurico é a variante do typo de *Claudio Frollo;*

O *Monge de Cistér* é variante da paixão de *Esmeralda e de Phebus;*

O *Bobo* é o desenvolvimento de Pierre Gringoire;

A *Historia de Portugal* é apenas a historia dos concelhos precedida da biographia dos reis.

Depois, escalpella-lhe a linguagem, e diz que o seu estylo *só se admitte nos rapazes de escóla* [1].

O leitor está em dizer que este Joaquim parvoeira tão fóra dos termos concedidos aos sandeus que a policia não deve ser estranha ao escandalo.

Mas, n'este comenos, apparece um tal Adolpho Coelho, e diz:

É *Theophilo Braga evidentemente um dos homens mais notaveis que Portugal tem produzido n'este seculo* [2].

— E quem é Adolpho Coelho? — pergunta o leitor.

[1] *Obra cit.*, pag. 200 e 201.
[2] *Obra cit.*, pag. 215.

Vem Theophilo, e responde:

É o *introductor da sciencia da philologia comparada em Portugal*[1].

Todos estes Joaquins é que sabem lá uns dos outros.

Juntam-se ás vezes e perguntam entre si:

Theophilo a Coelho: Quem és tu, ó aquelle?— Resposta: Eu sou o introductor da philologia comparada em Portugal.

Coelho a Theophilo: E tu? — Resposta: Sou um dos homens mais notaveis que Portugal tem produzido n'este seculo.

Joaquim dos Musicos a Joaquim dos Mosárabes: Quem sou eu? — Resposta: És o musicógrapho, e o inventor dos imperativos *sejai* e *estejai*.

O 2.º ao 1.º Joaquim: E eu? — Tu applicas processos, e eu risco os nomes.

Ó pandegos! ó lombrigas que roeis o intestino recto da Minerva! Ó Joaquins! Eu vos arrenego!

[1] *Obra cit.*, pag. 253.

FLORES PARA A SEPULTURA DE FERREIRA RANGEL

É o snr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos que m'as envia. Irei levar-lh'as. Conheço a valla que principia a hervecer. As côres alegres da esperança cobrem a podridão.

Estão como a dizer-nos que o viver é olhar para diante e para os vivos: e nada de mortos nem de saudades. Iremos levar-lhe as flôres do seu amigo da mocidade.

Antonio Augusto escreveu, a respeito de Ferreira Rangel, no seu *Jornal da Noite*, uma pagina assignaladamente formosa e triste. Alli ha coração, ha lagrimas, ha o que quer que seja que resgata o delicto da imprensa, silenciosa, na morte de um valoroso obreiro da liberdade, e modesto cultor das letras. E, ao proposito de letras, acrescentarei que Ferreira Rangel, nos derradeiros annos da vida, tinha uns cem volumes de obras portuguezas mais de sua feição; e, quando expirou, esses cem volumes estavam empenhados para o custeio dos ultimos caldos.

Indemnise-se a indigencia d'este homem de

bem com a riqueza do alto louvor que lhe apregôa um brilhante espirito a quem não se escondem as desventuras alheias, nem esmorece o brado a favor dos desvalidos.

Estas são as palavras pungitivas e eloquentes do grande escriptor:

....

«Não succedeu porém outro tanto com o artigo intitulado FERREIRA RANGEL. Ahi assaltou-nos a saudade do homem, a recordação de obsequios recebidos, a magoa da sua desventura, e não podémos, nem quizemos conter as lagrimas. Se é vergonha chorar, diga-se que é a mais viciosa vergonha inventada por homens.

«Conhecemos aquelle Francisco Ferreira Ribeiro Pinto Rangel em 1834. Ainda morava a Santo Antonio do Penedo em uma especie de ilha sem mar entre o convento de Santa Clara e o palacio dos Vieiras de Mello, então habitado pelo visconde de S. Gil de Perre, depois marquez de Terena, e agora pelo snr. visconde de Azevedo. A supposta ilha era formada, se a memoria nos não engana, pela capella de Santo Antonio e pela casa do chamado *escrivão fidalgo* cujo brazão recentemente collocado alvejava na frontaria.

«Ferreira Rangel tinha servido em um dos

batalhões do Porto durante o cerco, e era liberal enthusiasta. Ainda trajava o uniforme militar, e apparecia nos theatros, nos passeios e em todas as reuniões. Não lhe chamavam *janota* porque a palavra estava por cunhar na casa da moeda da vernaculidade. Os seus principaes companheiros eram Nicolau Coquet Pinto de Queiroz que foi depois empregado da camara municipal, e talvez já não viva, e Antonio Joaquim Carneiro Homem que foi acabar a vida em Moçambique, provido no mais reles emprego da provincia em recompensa de varias feridas recebidas no cerco e de ter gasto na defeza da liberdade toda a sua fazenda. O ministro que o despachou, envergonhava-se de empregar tão mesquinhamente homem de taes serviços. Era o snr. Mendes Leal. Mas não havia outro emprego, e o pobre voluntario liberal não podia esperar. Tinha mulher e filhos, e já não tinha pão nem calçado.

«D'esses tres homens o que tinha imaginação mais viva, enthusiasmo vigoroso, e propensões litterarias era Ferreira Rangel. O seu amor á liberdade não tinha limites, e como era amor sincero, muitas vezes o impelliu a expôr a vida para salvar da furia brutal dos exaltados os proprios adversarios contra quem lutára havia pouco nas linhas do Porto. Alguns cavalheiros das provin-

cias do norte lhe deveram n'esse tempo assignalados serviços. A generosidade do coração era n'elle igual á coragem e valentia.

«Uma noite desciamos a rua do Bomjardim onde moravamos, e ao dobrar a esquina da rua do Bolhão vimo-nos cercados por quatro scelerados que tomando-nos, apesar de imberbe, por algum temeroso capitão das hostes realistas, iam demonstrar-nos com argumentos de carvalho-cerquinho a excellencia do governo liberal, e induzir-nos a crêr que os caceteiros azues e brancos não ficavam a dever nada aos seus predecessores azues e encarnados.

«Subia a rua Ferreira Rangel e chegava ao sitio do combate, quando o rapaz de 18 annos principiava a rebater, como podia, a crua dureza d'aquelles argumentos. O mesmo foi advertir no caso que saltar ao meio do grupo, deitar por terra um dos aggressores, ferido de tremenda bofetada, e obrigar os outros a fugirem, envergonhados mas resmungando.

«Conservamos sempre relações com este excellente homem. Depois de 1839 nas ferias da universidade, iamos sempre visital-o quando passavamos no Porto. Desde 1850 nunca mais tivemos noticias d'elle. Quando agora lêmos no livro do snr. Camillo Castello Branco a commemoração

da morte de Ferreira Rangel, desvalido, ignorado, e conduzido na tumba dos pobres entre quatro tochas desde a rua Chã até ao Prado, sentimos não ter estado no Porto n'esse dia para acompanhar á derradeira morada aquelle homem desditoso.

Está explicada a sensação que nos causou o artigo FERREIRA RANGEL. Permitta o snr. Camillo Castello Branco que entre o ruido surdo da enxada do coveiro alizando o comoro de terra sobre as taboas chuviscadas do caixão, e o silencio eterno do mundo, se levante a nossa voz a prestar á memoria do morto a homenagem da gratidão que lhe deviamos.

« D'esta vez *a alçada da imprensa chegará até ao esquife do defunto*, e derramará sobre elle sinceras lagrimas de saudade e de reconhecimento. »

O MYSTERIO DA CASTANHA

No estimavel livro das *Cartas familiares* de D. Francisco Manoel de Mello, ha uma que estimulava fortemente a minha curiosidade, sempre que

a lia. É a LXXIV da *centuria segunda*, escripta *a um amigo que passava á provincia da Beira.*

A carta é breve, e diz assim:

«Que vos hei de dizer? senão que vos vades embora, que estejaes pouco, que vos lembreis de mim. Não sei certo se se diz mais nas partidas: que eu, de puro estar, já não sei se como a gente se despede [1]. Só vos peço que, pois ides para terra de muitos castanheiros, *me não caseis lá com alguma Maria Castanha; cujo tempo parece que tornou agora, porque aqui entre nós o fez assim.... Mas que muito, se traz o diabo aos pés, que o fizesse resvalar e cahir? salvo na conta.* Ide com Deus, senhor meu, e tende em tudo tão bom successo, que vos pareça a Beira mal, e volteis logo. Nosso Senhor, etc. Torre em 15 de maio 1646.»

As palavras grifadas eram o meu enleio. Toda a minha scisma laborava em saber o nome rebuçado n'aquellas reticencias, a razão por que o sujeito trazia o diabo aos pés, e que casta de pessoa era aquella Castanha casada com o anonymo, forçosamente individuo de alta prosapia.

As pessoas de siso, que leram esta carta eni-

[1] Ia no seu 4.° anno de prisão D. Francisco Manoel.

gmatica, de cêrto não moêram sua paciencia a farejar-lhe o escandalo; eu, porém, que não posso dormir, e acordo os mortos para conversarem commigo á hora em que os vivos dormem, necessito saber por inteiro o viver das pessoas com quem estou relacionado.

E, por tanto, á custa de muito averiguar, e bisbilhotar com os contemporaneos do illustre encarcerado da Torre Velha, logrei decifrar-lhe a carta.

As reticencias encobrem o nome de Francisco Botelho, primeiro conde de S. Miguel. Por ser de *S. Miguel*, é que D. Francisco lhe põe o diabo aos pés.

Temos o nome do mysterioso personagem.

Saibamos agora quem era a *Castanha*.

Era Ignez de Almeida, filha de Manoel Castanha, escrivão em Lisboa.

Ignez era formosa e honesta.

O conde de S. Miguel, já viuvo de D. Isabel de Mendonça, filha do segundo conde de Penaguião, apaixonou-se por Ignez. Frustrados na esquivança da moça todos os artificios do ouro com o prestigio da pessoa, o conde accedeu á condição que ella estipulou: o casamento.

Divulgou-se em Lisboa o disparatado consorcio, que toda a fidalguia censurou, e D. Francisco

Manoel metteu a riso, dando o noivo como resvalado e cahido por cambapé que lhe fez o diabo.

No entanto, o escrivão Castanha rejubilava por se vêr tão egregiamente aparentado.

Volvidos dous annos, apaixona-se o conde por D. Isabel Cecilia de Tavora, filha herdeira de Alvaro Pires de Tavora.

Este fidalgo com os da sua parentella, e com os estranhos, escandalisam-se do proceder deshonrado do marido da Castanha, o qual ousa requestar uma donzella de primeira linhagem.

O conde defende-se, publicando que não é legitimamente casado com Ignez Castanha.

E, feita a infame declaração, separa-se d'ella e do filhinho, que se chamava Nuno.

Ignez, ferida no coração e na honra, protesta que é legitima esposa do conde de S. Miguel.

Instaura-se demanda.

O conde confessa então que, na verdade, fizera um simulacro de casamento, mediante um padre fingido, que era seu criado, com corôa rapada, e vestido sacerdotalmente.

A justiça aceitou a confissão do conde, confirmada pelo parocho fingido e pelas testemunhas da tromoia.

Sentenciada a nullidade do casamento, cuida o leitor que o conde foi obrigado a revalidal-o,

ou a seguir o seu criado e as testemunhas para o degredo?

Não, leitor pio.

A fidalguia restituiu ao seu parente a dignidade abalada pelo supposto consorcio com a Castanha.

A lei desquitou-o da pobre senhora, cujo delicto estava santificado por ignorar que no mundo havia tamanho infame.

Porém, como ella tivesse um filho, a sentença mandou que esse menino, D. Nuno Alvares Botelho, fosse considerado legitimo filho do conde de S. Miguel.

Ignez lá se foi amparar nos braços de seu pai, o plebeu, a quem Deus inspiraria ternuras que despontassem os espinhos da sua corôa de condessa ridiculisada pela sociedade.

Desembaraçado e readmittido á estima dos Tavoras, o conde casou com a tal Isabel Cecilia, de quem houve um filho que foi segundo conde de S. Miguel.

Quanto ao filho de Ignez, sabemos que viveu com pouco luzimento e escassos haveres. Casou com D. Luiza de Moura, filha de Antonio Castanheira de Moura. Teve dous filhos e cinco filhas. Um dos rapazes chegou a general na India. O outro casou com uma filha do capitão-mór de Goes,

Antonio Barreto Perdigão. Uma filha casou, e das outras quatro ignoro o destino.

Esta linha, derivada da fraude e do vicio mascarado com a batina e sobrepeliz, desappareceu: era justo. Na outra, que é a legitima e consagrada pelo padre authentico, é que está o setimo conde de S. Miguel, que — ainda bem! — não tem que vêr com a Castanha, zombeteada por D. Francisco Manoel.

Ora eu presumo que este fidalgo, que escreveu tão piedosas cousas a respeito de Santo Agostinho, quando soubesse que a supposta condessa de S. Miguel fôra apenas uma inconsciente concubina do seu torpe seductor, espantar-se-hia de se vêr a si entre ferros, e ao outro nos braços de D. Isabel de Tavora!

BEM VINDO!

Brindo o leitor com o capitulo primeiro d'um livro que ha de chamar-se OS SALÕES.

Firma-o — escuso apresental-o — um nome

que, ha vinte annos, alvoreceu por entre duas formosissimas auroras: a das letras amenas, e a dos triumphos forenses.

O visconde de Ouguella esteve já a meio caminho da montanha fragosa por onde se trepa a outra ordem de mais estrondosa celebridade. Por um triz que o não enxertam na estirpe tyrannicida dos Harmodios e Catões.

O governo, o delegado, a côrte e o Moraes do *Mosquito* principiavam a desbastar-lhe o marmore para o nicho no templo da Memoria, quando vem o jury, e nos diz que o visconde de Ouguella nem queria matar el-rei nosso senhor, nem vender-nos a Castella, nem frigir em petroleo as nossas carnes, mais ou menos pingues.

Esta decisão abriu um sorriso de socegado contentamento desde o poço do Borratem até á rua da Betêsga, não ha duvida; mas o visconde achou-se de repente reduzido sómente á celebridade que tinha: a do talento.

Um d'estes dias fui vêl-o a Lisboa. Achei-o na sua livraria, entre dous bustos de bronze que projectavam sobre elle umas sombras verde-negras, que lhe davam toques de luz sinistra. Os bustos figuraram-se-me de Ravaillac e Fieschi — os regicidas.

Passados alguns minutos, afiz-me áquella meia

luz crepuscular descórada pelos bronzes, e o meu coração e o meu figado aquietaram-se. Os bustos representavam a primor os dous estadistas mais philodynastas que deu Portugal: o duque de Palmella e Rodrigo da Fonseca Magalhães. O visconde, que, ao principio, me pareceu, nos tufos hirtos e espessos do seu cabello, o que quer que fosse de Mirabeau, já me transluzia no semblante o sorriso amoravel com que alumia o caminho de sua alma aos que lá sabem ir pela lealdade do coração.

Relancei os olhos, ainda suspeitosos, á sua banca, e vi papeis escriptos recentemente. Com a liberdade de condiscipulo desde a escóla, inclinei-me sobre o manuscripto, e li no alto de uma folha de almasso: OS SALÕES. Depois li o capitulo, que era o primeiro; dobrei-o, metti-o na algibeira, resolvido a estampal-o entre as minhas insomnias, como um despertar alegre, lucido e côr de rosa, entre dous pesadêlos.

OS SALÕES

CAPITULO I

FATUM

> Pour connaître les hommes, pratiquer les femmes; pour connaître les femmes, pratiquer encore les femmes: c'est la sagesse des nations folles.

> La femme est le dernier mot du Créateur. Le grand maître avait d'abord sculpté les mondes, puis le mastodonte, puis l'aigle, puis l'homme: il termina par la femme. Ce fut alors qu'il se reposa pour se contempler dans son œuvre.
>
> ARSÈNE HOUSSAYE.

O esboço é tudo.

A esculptura, a sciencia, a pintura, a litteratura e a propria vida começam pelo embryão.

Deus mesmo não cria de repente uma obra prima: — como todos os artistas, principia pelo esboço.

A propria luz tem os seus arreboes, annuncia o seu alvorecer, tem as suas auroras, prepara-nos as suas alvoradas, insinua-se pelos cambiantes anacarados dos tons pallidos e transparentes da madrugada, formula o *fiat lux* biblico, antes de se espargirem os seus opulentos e brilhantissimos raios por sobre as magnificencias do universo.

Começar pelo esboço — no presente livro — era consultar as sibyllas da cidade antiga, as pythonissas que enunciavam a palavra divina, escutar os oraculos dos templos de Delphos e de Epheso, ouvir as Egerias do porvir, antes de dar a lume o manuscripto de João Aleixo de Castro Pimentel e Figueiredo.

Assim fiz.

Conta-se d'um povo d'Asia, que promettera o diadema de rei ao primeiro que, em determinado dia, visse nascer o sol. Correram á praça publica os ambiciosos da purpura real, e em quanto todos fitavam o oriente, houve um, dos mais avisados, que, voltando costas ao berço do luzeiro esplendido da terra, pregou os olhos nas arrendadas cupulas d'um elegante e sumptuoso edificio, que demorava ao occidente.

Foi este que alcançou a corôa. As primeiras frechas de ouro, arremessadas pelo astro supre-

mo do dia, vieram cravar-se no topo das elevadas torres d'aquelle templo pagão.

O passado vencera, aqui, o futuro.

Sirva a lenda, n'este estylo e perfume oriental, para explicar o meu singelo proceder.

Quiz ouvir os murmurios das épocas, que passaram, e que vão perdidas na escura noite dos tempos. Desejei escutar o trabalho ruidoso dos seculos que vem, as promessas do futuro, os periodos que se desdobram, e desenrolam nos horisontes rasgados da nossa idade, pela voz authorisada e prophetica dos que riram, e dos que soffreram.

Foi por isso, que consultei a marqueza de***, e a condessa de***.

Uma é a religião austera do passado, cheia de nobilissimas tradições, personificação viva da côrte antiga, reflexo ainda esplendoroso da fidalga portugueza, na altivez das fórmas, na elegancia do dizer, na familiaridade estudada do trato, na urbanidade singela das maneiras, e no preito pago constantemente a tudo quanto é grande, nobre e generoso.

A outra, a condessa, senhora da mesma época, nascida, e educada no centro da mesma sociedade — permittam-me este desalinho de phrase — é, como a estatua da liberdade, erguida so-

bre um pedestal de marmore de Carrara ou de Paros, esquecendo a proposito os pulverulentos pergaminhos d'outras eras, e os emblemas heraldicos da sua nobillissima familia, para se lembrar sómente que é ella, esta excellente senhora, uma das mais illustres victimas das tremendas e formidaveis lutas de emancipação, por que combatemos e batalhamos ha um seculo.

Sentei-me a seu lado, e escutei-as alternadamente.

Uma fazia-me curvar de joelhos, respeitoso, e reverente, ao rememorar o passado. A outra robustecia, em mim, este preito, que eu presto diariamente á imagem sacrosanta da liberdade.

A distincção, a grandeza do porte, a inimitavel polidez, a admiravel cortezia, a elegancia incomparavel, e as fórmas obsequiosamente aristocraticas são as mesmas.

Mas a marqueza soffreu, e soffreu muito pelo antigo regimen.

A condessa habitou, em tristezas amargas, e com dôres excruciantes, as cadêas da côrte pela liberdade.

Uma é a vestal antiga, espiando, sentinella irreprehensivel, junto do fogo sagrado, se a scentelha divina vai apagar-se, e prompta a acudirlhe, solicita, para que o facho se conserve acceso,

e immaculado, na urna etrusca em que brilha e resplandece.

A outra é a musa da democracia — risonha, serena, e impassivel, quer no carcere, gemendo pela ousadia das suas crenças liberaes, quer a cavallo, com os cabellos desprendidos ao vento das batalhas, sofrega do ruido, e do pó e fumo dos combates, ao lado do homem, que o seu coração elegeu para esposo, e que foi, Achilles d'esta Iliada, um dos heroes nas epopêas da nossa liberdade.

E com o mesmo respeito, com a mesma attenção, e com a mesma homenagem li a estas duas illustres senhoras o manuscripto achado na gaveta do meu contador.

Eu respeito todas as crenças.

Onde ha uma alma, que se eleve nas aspirações grandiosas do futuro, onde ha um coração, que saiba palpitar, com enthusiasmo, na vasta arena de todas as religiões do sentimento — ha, ahi, de certo, uma individualidade marcada com o sello divino.

O Senhor, na omnipotencia dos seus impenetraveis designios, curvando-se, em toda a sua magestade, no centro do universo, escuta o ruido surdo, e imperceptivel para ouvidos humanos, da herva ignorada, e rasteira, que rasga a custo os

seios da terra, e ouve a prece fervorosa, e ardente da alma, que, em effluvios d'amor, se desprende das vaidades do mundo, e sobe até ao seu throno de gloria.

Só a hypocrisia, e o scepticismo são vis.

Não condemnemos crenças, nem aspirações.

Tenho medo que o credo de hontem seja o anathema de ámanhã.

Apavora-me o receio de que o axioma de hoje, da actualidade, seja a mentira, e a blasphemia do futuro.

Depois de Platão, d'Aristoteles, de Socrates e de Christo, que sabemos nós mais do mundo moral?

Newton, Galileu, Harvey, Cuvier, Laplace, Spinosa, Kant, Proudhon e tantos outros, n'essa pleiade immensa de illustrações, que vão atravessando os seculos, e renegando symbolos e credos, que passaram, são, para mim, a demonstração irrespondivel d'este clamor da consciencia.

Basta.

Volto ao manuscripto.

No pendor d'uma das montanhas sobre que está edificada Lisboa, no ponto mais suave da encosta, levanta-se um palacio, cuja apparencia é modesta.

Ahi vive a marqueza.

Sobe-se uma escada de marmore á esquerda d'um pateo, que conserva todas as tradições arabes. No patamar superior rasga-se um corredor sombrio, e pouco alumiado, que conduz a uma saleta onde as elegancias modernas nada teem que vêr.

Este aposento não o adornou Gardet, nem o forraram os estofadores mais afamados dos nossos tempos. Foram os seculos, que o vestiram, que o alindaram, que lhe cobriram as paredes, e que lhe deram aquella austeridade de ornamentação, disposta alli por varias gerações. Ligam-se, e ajustam-se uns aos outros, em severas molduras d'ebano, os retratos dos avós d'esta illustre familia. Ao lado d'um camarista de Carlos III, de Hespanha, sorri, em vestuario de côrte, um cavalleiro de S. Thiago, filho segundo d'esta nobre estirpe. Em convivencia com um mimoso pagem do Escurial apruma-se, vigoroso e forte, um ricohomem de Castella, envolto no arrogante e opulento manto de grande de Hespanha. E as senhoras, oriundas de tão distinctos appellidos, adornadas com as telas e estofos preciosos de épocas, que já acabaram, parecem estremecer de jubilo, e anciarem pelo futuro d'aquelles tempos, que são hoje, para nós, o passado, e a cinza d'aquelles cadaveres.

*

Foi ahi, n'essa saleta, respirando aquelles perfumes do seculo preterito, que li á marqueza o manuscripto de que sou legatario por direito de conquista.

A marqueza, se eu não quizera chamar-lhe a tradição viva, a imagem da luz diffusa, que se vai immergindo no oceano das nossas tradições heraldicas, e dos brasões esculpidos nas abobadas dos paços de Cintra, seria, ainda assim, um reflexo da bondade divina.

Encostada a uma bengala, cujo castão era uma maravilha artistica de Benvenuto Cellini, envolta em vestes negras, que a acompanham desde a sua viuvez, sem lhe occultarem a altivez das fórmas, e a superioridade da mais elevada distincção, ouviu a marqueza, attenta, a leitura dos trabalhos do desembargador. Sorriu-se ao chegarmos á conclusão, e soltou apenas estas palavras, fitando os seus avós:

— Visconde, ouça, e aconselhe-se com as illustrações do seculo. Eu sou o passado. Bata á porta da actualidade.

Beijei-lhe a mão, que a marqueza me estendeu com a elegancia da sua primorosa educação, e sahi, curvando-me perante a grandeza d'aquelles nobres instinctos, e suavidade de fórmas, que vão perdidas no nosso seculo.

Ao levantar o reposteiro, onde o brasão de familia, bordado em lãs finissimas, brilha no centro dos panos, que rastejam, em vastas pregas franjadas, n'aquelle recinto, que é um salão de antepassados, um verdadeiro solar, vedado a olhos profanos — ouvi a voz branda, e cadenciada da marqueza, que me dizia de pé, em face do retrato de seu marido:

— Visconde, conte do marquez as historias que lhe narrei.

— Os desejos de v. exc.ª são ordens para mim, minha senhora.

E sahi.

No fundo do passeio publico desdobram-se dous largos. Em um d'elles, por meio de casas mais ou menos mesquinhas, levanta-se um palacete no estylo moderno. Ha ahi uma sala, rica de adornos e de todo o conchego, que faz o confortavel da vida intima.

Vive ahi a condessa.

Pendem das paredes e cobrem as *étagères* varios retratos de familia.

Ha trabalhos de costura, e de *crochet* estendidos por sobre as mesas; ha, finalmente, todos estes pequenos nadas, que explicam os sentimentos intimos da existencia, e que se traduzem em recordações do lar domestico.

Não era o vestibulo, entre os romanos, a primeira adoração a Vesta?

A condessa envolta, tambem, nos seus crepes negros, viuva do homem, que ajudou a cravar, com o vigor, e robustez do seu pulso, o pendão da liberdade em Portugal — recebeu-me com a semceremonia aristocratica do seu elegantissimo trato.

Apesar dos annos decorridos, a despeito dos desgostos profundos, das lagrimas choradas no lugubre captiveiro, dos trabalhos inenarraveis soffridos em lutas titanicas — conserva a condessa os perfis e contornos da sua antiga formosura, tão puros, e tão correctos, que, se não é a Venus irrompendo do seio das ondas espumosas e crystallinas dos mares da Grecia, na deslumbrante belleza do Olympo pagão, tem, ainda assim, os vagos e recordaveis traços da austera Juno, quando presidia aos festins dos deuses.

Ouviu impassivel a leitura do manuscripto.

— Que me diz v. exc.ª a este livro?

Havia um sorriso ironico e espirituoso brincando nos labios da condessa.

— Digo-lhe, que o publique. Mas escute: faltam-lhe ahi os lampejos de fé viva, a crença robusta na liberdade, que animava e esforçava os heroes do Porto. Venha, aqui, por vezes, ouvir,

como lh'as tenho contado, as lendas d'essas lutas de gigantes. Perdôe muito, como eu tenho perdoado, aos homens que se esqueceram ou que erraram. Analíse e estude as variadas transicções, que nos trouxeram a estas sinistras épocas de descrença. Consulte o passado.

Abri, para sahir, a porta d'este magico e encantador gabinete na mesma perplexidade d'espirito com que entrára.

— Ouça, visconde — disse-me ainda esta illustre senhora, na phrase breve, e perceptivelmente imperiosa com quê parece ordenar. — Não esqueça as historias que lhe tenho narrado. Dê-as como suas ou como escriptas pelo doutor João Aleixo — nem por isso lhe tomará elle contas na eternidade.

Curvei-me respeitoso, e sahi.

A condessa e a marqueza insistiam pela narração das anecdotas do seu tempo. Quanto ao mais, quanto á historia vasta, severa, incisiva, analytica, e verdadeira, como é ou deve ser, mandavam-me estudal-a nos livros, porque não podiam, não queriam ou não desejavam esclarecer-me.

Creio que o seculo XIX envolveu no sudario da agonia as idolatrias da idade media, assim

como as lendas do Golgotha amortalharam, para todo o sempre, a mythologia pagã.

Não se repetem agora os clamores sinistros, que reboavam nas florestas da Thessalia, e se ouviam nas clareiras dos bosques sagrados da Grecia e de Roma: «Morreu o Deus Pan!»

Mas vai acabando a democracia com os preitos, que as cruzadas, as côrtes d'amor, os torneios, e as cavallarias feudaes prestavam á mulher, divinisando-a. Quer-me parecer que a ultima Egeria, *Madame* Rolland, expirou no cadafalso em face da estatua da liberdade. É mais uma realeza que se extingue com tantas outras.

Onde acabava o oraculo começava a crença. Escutei o futuro.

E conservei intacto, sem rasuras, nem entrelinhas, o manuscripto do desembargador.

VISCONDE DE OUGUELLA.

SUBSIDIOS PARA A HISTORIA

DA

SERENISSIMA CASA DE BRAGANÇA

I

PEDRO DE ALPOEM

Sempre que encontrei este nome ligado á vida aventureira de D. Antonio, prior do Crato, me detive a scismar no honrado homem que se chamou assim.

Pedro de Alpoem era portuguez de rija tempera. Seguira o pequeno bando de D. Antonio, quando o duque de Bragança, D. João, primeiro de nome, transigiu com Philippe II, por preço que adiante se dirá. Acclamou-o em Santarem; fêl-o bemquisto da mocidade academica de Coimbra; seguiu-o na fuga, depois da derrota de Alcantara, até Vianna do Minho; e, d'ahi, como o infante se

agasalhasse em seguro abrigo, voltou a Lisboa a negociar-lhe a emigração em navio estrangeiro. Colhido de sobresalto n'esta diligencia, foi posto a tormento. Confessou que viera a Lisboa a fim de arranjar a passagem do principe; não lhe arrancaram, porém, as torturas o segredo do escondrijo de D. Antonio. Ameaçaram-no com a decapitação. Pedro de Alpoem sob-poz o pescoço ao cutello do verdugo, e pereceu com o segredo do asylo do seu rei. Estremada probidade, que só por si nobilita o nome portuguez, aviltado pelo maximo da fidalguia bandeada com o usurpador!

Entristecia-me a mingoada noticia que os historiadores nos transmittiram de tão memoravel sujeito. E esse pouco foi dadiva de Herrera (*Cinco libros de la historia de Portugal*, liv. III), de Faria e Sousa (*Europa portugueza*, tom. III, part. 1, cap. IV), e do opusculo francez intitulado *Briefve et sommaire description de la vie et mort de D. Antoine, premier du nom et dix-huitième roy de Portugal*, impressa em Paris, no anno 1629.

Uma vez, folheando a *Bibliotheca lusitana*, vi o nome e appellido do leal amigo de D. Antonio.

Senti uma d'essas raras alegrias que só entendem os que andam a joeirar o lixo dos seculos por vêr se acham um certo diamante que a maior parte da gente não trocaria por missangas.

A noticia que Barbosa Machado me deu, rezava assim: *Pedro de Alpoem Contador, natural de Coimbra, doutor em direito cesareo, collegial do collegio de S. Pedro, aonde foi admittido no 1.º de janeiro de 1578. Na universidade patria regentou a cadeira de Instituta, que levou por opposição a 18 de outubro de 1572, d'onde passou á do Codigo em 2 de janeiro de 1579. Foi um dos celebres defensores da succressão da corôa portugueza a favor da senhora D. Catharina, como tambem do direito que tinha á mesma corôa o snr. D. Antonio, prior do Crato, por cuja causa morreu degolado. Escreveu:* Carta ao duque de Bragança D. João, o primeiro de nome, quando Philippe Prudente entrou em Portugal. *A data é do Seio de Abrahão a 20 de julho de 1581. Começa:* «Obriga-me a escrever a v. exc.ª cá d'est'outro mundo de verdades e desenganos.» *Acaba:* «Conforme a santa lei d'este reino ao qual Deus eternamente tem promettido conservar.» *É larga, muito judiciosa, e consta de uma forte invectiva contra o cardeal D. Henrique, por dispôr que os castelhanos se senhoreassem de Portugal, e juntamente contra o mesmo duque de Bragança por seguir o cardeal.* (Tom. III, pag. 553).

Alguns annos frustrei esforços em busca da carta manuscripta de Pedro de Alpoem, pois, com certeza, não corria impressa; até que, entre uns

papeis pertencentes á rica livraria do jurisconsulto Pereira e Sousa, e havidos por compra em 1873, se me deparou a carta que Barbosa Machado inculcára.

O investigador equivocou-se attribuindo-a ao doutor Pedro de Alpoem. Se reparasse que ella é datada no *Seio de Abrahão*, deprehenderia logo que, em nome de Pedro de Alpoem, já degolado em 20 de julho de 1581, alguem escreveu aquella carta, como vinda d'além-mundo. E, até no começo da carta, as palavras: *Obriga-me a escrever a v. exc.ª cá d'est'outro mundo de verdades e desenganos*, estão confirmando a ficção.

Posto que o prazer de possuir um inedito de Alpoem se me agorentasse á luz da boa critica, nem por isso desestimei o manuscripto, onde abundam especies historicas não sabidas, traços profundos da physionomia do avô de D. João IV, e alguns lanços ignorados da biographia da nobre victima da amizade e do patriotismo.

Persisti, assim mesmo, na indagação da linhagem de Pedro de Alpoem, esperançado em descobrir miudezas que realçassem as feições principaes, já de si bastante proeminentes a caracterisal-o. Pouco mais esquadrinhei, senão que foi filho de Antonio de Alpoem, e neto de Pedro de Alpoem, e de uma senhora de appellido *Cal-*

deira, filha de Affonso Domingos de Aveiro, instituidor da capella de Santo Ildefonso, na igreja de S. Thiago em Coimbra, da qual o justiçado amigo de D. Antonio era administrador [1]; e, como não deixasse descendencia, o morgadio passou a seus parentes, filhos de Isabel Caldeira, irmã de seu avô, casada com Estevão Barradas.

No fim do seculo XVIII, o possuidor do morgadio de Pedro de Alpoem era Lopo Cabral da Silveira, bisneto de D. Isabel Caldeira. Estas impertinencias genealogicas pouco montam na historia de um homem que se dispensava de avós illustres, bastando-lhe a proeza individual e sua de dar a cabeça ao algoz e legar o nome sem mancha ao coração do principe homisiado; mas seria hoje em dia brasão aos que procedessem d'esse egregio sangue.

D. Antonio captivou na desgraça amigos que lhe sacrificaram haveres, liberdade, honras e vida. Sobrelevam entre outros o conde de Vimioso, o bispo da Guarda, D. Diogo de Menezes, — que o duque d'Avila mandou enforcar em Cascaes, juntamente com Henrique Pereira, alcaide do castello —, Duarte de Lemos, senhor da Trofa,

[1] N'esta capella ainda existe a sepultura com epitaphio dos ascendentes de Pedro de Alpoem, mandada construir por seu avô do mesmo nome em 1514.

D. João de Azevedo, Antonio de Brito Pimentel, Diogo Botelho, D. Duarte de Castro, D. Manoel de Portugal, Manoel da Fonseca da Nobrega, e D. João de Castro, o visionario, que, morta a esperança no filho de Violante Gomes, resuscitou D. Sebastião na pessoa do calabrez Marco Tullio.

As historias antigas e tambem as modernamente escriptas pelos snrs. Rebello da Silva e Pinheiro Chagas não mencionam um amigo estrenuo do prior do Crato. Era Martim Lopes de Azevedo, 19.º senhor da casa de Azevedo, hoje representado pelo snr. visconde d'aquelle titulo, cavalheiro em quem se alliam as altas qualidades do coração com superiores dotes de provada intelligencia.

Da inflexivel dedicação de Martim Lopes de Azevedo se lembra o principe desterrado na *Carta* latina que escreveu ao papa Gregorio XIII, e outro sim no seu testamento impresso nas *Provas da historia genealogica da casa real*, tom. II, pag. 556.

Era, ao tempo, aquelle fidalgo senhor da villa de Souto de Riba-Homem, e outros senhorios e padroados de igrejas. Bandeou-se com o filho do infante D. Luiz, logo que o duque de Bragança offereceu a sua casa como valhacouto seguro aos embaixadores hespanhoes, a quem os partidarios

do rei portuguez ameaçavam, depois da morte do cardeal-rei.

Perdidas as esperanças, Martim Lopes de Azevedo provou as angustias do carcere e desterro, até que, volvidos annos, conseguiu perdão de Philippe II, mediante o patrocinio de sua tia D. Leonor de Mascarenhas, que havia sido dama da imperatriz D. Isabel, mãi do rei que lhe perdoou. Todavia, o mais grosso de seus haveres em commendas e senhorios da corôa nunca mais voltou á casa de Azevedo. Todos os conjurados contra a usurpação, cedo ou tarde, se recobraram, e houveram generosas indemnisações dos reis brigantinos; não assim os descendentes de Martim Lopes, cujo representante, em 1874, dos bens de seus avoengos possue apenas o que a rapacissima vingança de Philippe II lhe deixou. Entre os netos de D. Arnaldo de Bayão e os do bastardo de Ignez Pires não tem havido no decurso de tres seculos humiliações de vassallos nem magnanimidade de reis.

Volvendo á suppositicia carta de Pedro de Alpoem, aceitemos de seu author, quem quer que fosse, o bosquejo do duque de Bragança, auxiliar, senão causa primaz, da escravidão de Portugal, da degradação da nobreza, da miseria do povo,

do perdimento das colonias, e dos atrozes flagellos que se contaram pelos dias de sessenta annos.

Sirva este papel de vestibulo por onde depois entraremos ao archivo secreto da veniaga que maniatou o duque de Bragança aos calcanhares de Philippe II.

ERRATA DO N.º 2

Pag. 42, linha 3.ª:

Aquillo com que mais se accende o engenho.

Emende:

Aquillo «com que mais se accende o engenho».

FIM DO 3.º NUMERO